



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



CARLA TAVARES DE CASTRO

CORDELIZANDO MEMÓRIAS

Uma possibilidade de ensino de história.

ANANINDEUA-PA

2025

CARLA TAVARES DE CASTRO

CORDELIZANDO MEMÓRIAS

Uma possibilidade de ensino de história.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Ananindeua, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva.

ANANINDEUA-PA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C355c Castro, Carla Tavares de.
Cordelizando memórias: : uma possibilidade de ensino de
história. / Carla Tavares de Castro, . — 2025.
148 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional em
Ensino de História, Ananindeua, 2025.

1. Ensino de história. 2. Ensino de história local. 3.
Literatura de cordel. 4. Currículo de história. 5. Letramento
histórico. I. Título.

CDD 371.285

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA DISCENTE

Carla Tavares de Castro

CORDELIZANDO MEMÓRIAS:
uma possibilidade de ensino de história

A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pelo orientador Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva e constituída pelas examinadoras Profa. Dra. Sidiana da Consolação Ferreira de Macêdo, Profa. Dra. Siméia de Nazaré Lopes e Profa. Dra. Sueny Diana Oliveira de Souza, reuniu-se no dia 28 de março de 2025, às 09:00 horas, através de videoconferência na Plataforma Google Meet, para avaliar a Defesa de Dissertação do mestrando Carla Tavares de Castro intitulada: “Cordelizando Memórias: uma possibilidade de ensino de história”. Após explanação da mestranda e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) As configurações do material denotam os requisitos necessários da apresentação de uma Dissertação de Mestrado. Há discussões teóricas e conceituais, com a inserção de dimensões práticas relacionadas ao ensino de história, algo que revela o percurso investigativo fundado a partir da sala de aula, constituindo-se como elemento destacado a dimensão propositiva da dissertação, de qualificada dimensão estática e didático- pedagógica, a partir da sequência didática; 2) é necessário fazer uma revisão do trabalho em termos das normas da apresentação de trabalhos acadêmicos e da Língua Portuguesa, incorporando, inclusive, as sugestões e demandas da banca. Por todos estes aspectos a dissertação foi **APROVADA**, com conceito **EXCELENTE**, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.

Documento assinado digitalmente
 **WESLEY GARCIA RIBEIRO SILVA**
Data: 07/04/2025 23:45:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva

Documento assinado digitalmente
 **SIDIANA DA CONSOLACAO FERREIRA DE MACED**
Data: 08/04/2025 09:48:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Sidiana da Consolação Ferreira de Macêdo

Documento assinado digitalmente
 **SIMEIA DE NAZARE LOPES**
Data: 14/04/2025 17:42:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Siméia de Nazaré Lopes

Documento assinado digitalmente
 **SUENY DIANA OLIVEIRA DE SOUZA**
Data: 07/04/2025 23:52:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Sueny Diana Oliveira de Souza

Dedico este trabalho a toda minha família, em especial a meus pais, minhas irmãs, meus sogros, meu esposo Diego e minhas filhas Maria Clara e Ana Darla pela paciência de sempre esperarem mais um pouquinho, de se fazer silêncio e presentes nesse tempo todo de muito esforço e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por me dar coragem e fé em prosseguir estudando e trabalhando em meio a tantos obstáculos.

Agradeço à CAPES por proporcionar este curso de Pós-Graduação Profissional no Ensino de História (PROFHISTÓRIA) a professores que como eu tive a oportunidade de ingressar e continuar trabalhando em sala de aula no ensino de História e com bolsa de estudo para poder me deslocar a outro município.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História -UFPA do Campus de Ananindeua por todo aprendizado adquirido. Chegar após 16 anos longe da Universidade ao curso de Mestrado não foi fácil, mas com a ajuda de todos os professores a caminhada pareceu mais leve.

Ao meu orientador, o professor Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva que soube conduzir com maestria as orientações, com seu olhar humano e preciso, sempre esteve presente. Suas contribuições foram importantíssimas para a realização deste trabalho.

Aos meus pais que sempre se esforçaram para que eu pudesse estudar, lembro-me que até me levaram para realizar a prova do Mestrado na ocasião, e acreditaram que seria possível eu voltar a estudar e hoje continuam acreditando sempre em degraus mais elevados.

Ao meu esposo e as minhas filhas pela paciência durante esses dois anos e compreensão em momentos que eu não poderia acompanhá-los, pelo sinal de silêncio quando eu estava lendo, estudando e escrevendo a dissertação, pelo carinho em forma de “tá pronto o almoço”, “tá pronto o jantar”, “já é tarde, ainda vai ficar aí?”. Por essas e tantas outras formas de demonstração de afeto, meus eternos agradecimentos.

Aos meus alunos e colegas de profissão da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio” José Elias Emin” a qual trabalho desde 2009. Minha formação enquanto professora de História muito se deve a esta escola e aos alunos que seguem contribuindo nesta formação que é contínua e à direção escolar por me apoiar nos momentos em que mais precisei para estudar e escrever esta dissertação.

Agradeço aos amigos do curso do Mestrado da turma 2023 pelo companheirismo, pelas trocas de experiências, pelos aprendizados de forma geral. Em especial, agradeço aos amigos Alex Raiol e Bruna Abreu com os quais, além de compartilhar os aprendizados do mestrado, pude estabelecer uma amizade que com certeza foi um grande presente deste mestrado.

“Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar.”

Paulo Freire.

RESUMO

Este trabalho vem discutir sobre as possibilidades de trabalhar o ensino de História local no Ensino de História enquanto disciplina formadora do letramento histórico a partir do uso de linguagem da Literatura de Cordel. A pesquisa se deteve em investigar memórias sobre a formação do município de Igarapé-Açu a partir de familiares dos alunos e problematizar o currículo de História partindo da ideia da história local e suas imbricações no currículo real. Partindo das discussões referentes à história local e letramento histórico busquei desenvolver atividades de caráter investigativo não com a intenção de transformar o aluno em pequeno historiador mas que ele pudesse compreender a história a partir do local para seu letramento histórico. O trabalho foi pensado a partir de sequência didática com aulas expositivas, investigação, entrevista de familiares, aula-oficina sobre Literatura de Cordel e xilogravura (isopor gravura) e criação de narrativas em Literatura de Cordel. As atividades desenvolvidas possibilitaram aos estudantes identificarem histórias do município e relacionarem com a História dita oficial. Como produto da dissertação, elaborei um livreto para o professor(a) de História que contém quatro sequências didáticas dedicadas para cada série/ ano do ensino fundamental para auxiliar professores e alunos em relação à historicidade local do município de Igarapé-Açu e flexionar o currículo real do ensino de História, porém amparado pela BNCC.

Palavras-chave: Ensino de História; Letramento Histórico; História Local; Currículo de História; Literatura de Cordel.

ABSTRACT

This work discusses the possibilities of working with the teaching of local History in the Teaching of History as a discipline that forms historical literacy based on the use of language from Cordel Literature. The research focused on investigating memories about the formation of the municipality of Igarapé-Açu from students' families and problematizing the History curriculum based on the idea of local history and its imbrications in the real curriculum. Starting from discussions regarding local history and historical literacy, I sought to develop investigative activities not with the intention of transforming the student into a small historian but so that he could understand history from the location for his historical literacy. The work was designed based on a didactic sequence with expository classes, research, interviews with family members, workshop classes on Cordel Literature and woodcuts (Styrofoam engraving) and creation of narratives in Cordel Literature. The activities developed allowed students to identify stories from the municipality and relate them to the so-called official History. As a product of the dissertation, I created a booklet for History teachers that contains four didactic sequences dedicated to each grade/year of elementary school to assist teachers and students in relation to the local historicity of the municipality of Igarapé-Açu and reflect the real curriculum of History teaching, but supported by the BNCC.

Keywords: Igarapé-Açu; Curriculum; Local History; Historical Literacy; Cordel Literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Imagem 1 – Livro didático de 1996	17
Imagem 2 – Culminância do projeto com alunos da EJA	20
Imagem 3 – Município de Igarapé-Açu/ Pará	23
Imagem 4 e 5 – Fachada da E.E.E.F.M. ‘José Elias Emin’ e a sua entrada principal.	25
Imagem 6 e 7 – Parte dos telhados do corredor e quadra de esportes sem cobertura.	26
Imagem 8 – Quadro demonstrativo – Espaços físicos da escola.	26
Imagem 9 – Quantitativo de alunos pesquisados.	28
Imagem 10 – Localidade dos alunos pesquisados.	28
Imagem 11 – Dados da dimensão do letramento histórico por Helenice Rocha	37
Imagem 12 – Cordéis pendurados.	39
Imagem 13 – Capa de livreto em Isopor gravura	46
Imagem 15 – Estudantes desenvolvendo atividades do Caderno do Aluno com carteiras em forma circular.	53
Imagem 17 – Antiga base aérea de Igarapé-Açu	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 01: SABERES DOCENTES E O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL	17
1.1 O LOCAL DA PESQUISA E SEUS SUJEITOS: O MUNICÍPIO DE IGARAPÉ-AÇU, A ESCOLA E OS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	26
1.1.1 O município de Igarapé-Açu	26
1.1.2 A escola pesquisada.	28
1.1.3 Os alunos participantes da pesquisa.	31
1.2 CURRÍCULO DE HISTÓRIA E O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: BNCC E O DCE-PA.	35
1.3 O LETRAMENTO HISTÓRICO E A LITERATURA DE CORDEL NO SABER HISTÓRICO.	40
CAPÍTULO 02: LITERATURA DE CORDEL E O ENSINO DE HISTÓRIA	43
2.1 A LITERATURA DE CORDEL	43
2.2 LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO PEDAGÓGICO	46
2.3 LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA	52
CAPÍTULO 03: SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL.	54
3.1 –APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA E METODOLOGIA ADOTADA: O CADERNO DO ALUNO	57
3.2 – A ESCRITA DE CORDÉIS PELOS ALUNOS E O DESENVOLVIMENTO DO LIVRETO DO PROFESSOR	61
3.2.1 – História e fontes históricas	64
3.2.2 – A Sociedade brasileira	67
3.2.3 – História e meio ambiente	68
3.2.4 - Igarapé-Açu e a Segunda Guerra Mundial	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO - PERFIL DO ESTUDANTE	78
APÊNDICE 2 – MATERIAL DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	79
APÊNDICE 3 – LIVRETO DO PROFESSOR	91

INTRODUÇÃO

Pesquisar ensino de história local relacionando com a linguagem do cordel surgiu a partir de um trabalho anterior realizado no ano de 2022 após o retorno das aulas presenciais durante a pandemia do Covid-19. Este trabalho visava sanar problemas inerentes à evasão escolar e melhorar o ensino aprendizagem de História.

Com a pandemia do Covid-19 nós professores estivemos longe dos nossos alunos e do local de trabalho, momento este de reflexões diversas sobre questões pessoais e no meu caso em especial sobre minha carreira de professora de História do ensino público.

Realizei desta maneira cursos oferecidos pela Seduc-Pa pelo canal Cefor-Pa sobre Neurociência o que me fez repensar minha trajetória como professora e as formas como lidava com meus alunos. E quando volto para sala de aula procurei didaticamente estratégias que fortalecesse esses meus novos objetivos e preocupações com o ensino de História.

Encontrei na Literatura de Cordel formas de atrair no início a atenção pelo ensino de história e da permanência na escola, pois o ensino era a Educação de Jovens Adultos que já apresenta alto índice de evasão escolar ainda mais se tratando em um período pós pandêmico.

Com êxito nas atividades e participação dos alunos e da escola vi que poderia estender esta metodologia quando entro no mestrado do ProfHistória em 2023. Das tantas problemáticas enfrentadas no ensino de História a história local não é priorizada na composição do currículo.

Diante disso, refleti como problemática para este trabalho o desenvolvimento da historicidade local do município de Igarapé-Açu. A escola a qual leciono e realizei a pesquisa de mestrado faz parte deste município e fica localizada na zona urbana, porém em um bairro periférico da cidade no bairro Colina.

Os estudantes que participaram da pesquisa foram da série 8º ano do ensino fundamental dos turnos manhã e tarde para que as narrativas trazidas a escola pudessem vir tanto da zona urbana como da rural uma vez que a maioria dos alunos que estudam pelo turno da manhã moram na zona urbana enquanto os que estudam a tarde moram na zona rural, como eles dizem “na colônia”.

Realizei junto a eles um questionário inicial de sondagem sobre a formação de seu município e o que esperavam do ensino de História. A maioria não conhecia histórias sobre o município e em relação ao ensino de História, desejavam aprender novas histórias, como uma

aluna destacou que gostava de ouvir a professora falar, ou seja, a aluna gosta de ouvir explicações sobre a História. O que me fez indagar em relação a minha pesquisa: estou realizando apenas ensino bancário¹?

Fazer com que os estudantes investiguem memórias familiares é um modo de superar esse verbalismo das aulas de história e que reconheçam suas experiências e suas identidades. O ensino de história segundo Caimi (2010) pode “educar o olhar” dos alunos a partir da observação do seu entorno de fontes variadas. “A casa, a escola, o bairro, uma pequena vila, o meio rural, também fazem parte da história e como tal podem ser tomados como objetos de estudo” (Caimi, 2010, p.75).

O olhar de uma história múltipla, identitária e problematizadora é de fato o objetivo maior do ensino de história e em se tratando da história local requer a investigação histórica por parte dos estudantes não para formá-los em pequenos historiadores, mas para que sejam protagonistas na construção do conhecimento histórico.

Este trabalho se dedicou nesta iniciação investigativa por parte dos educandos a partir das memórias familiares, na escuta de “novas histórias” durante a socialização das entrevistas em sala de aula, o que foi bastante importante para a compreensão histórica e de pertencimento. Assim como também foi importante estar na sala de aula trabalhando não apenas como pesquisadora, mas como professora de História. Foram tantas adversidades como trabalhos acumulados e falta de tempo por ter carga horária máxima no ensino público. Tudo isso mostrou que é possível desenvolver currículo local no ensino de História.

Desse modo, trata-se de uma pesquisa que reflete inquietações sobre o ensino de história local diante um currículo ainda distante das realidades, mas que propõe a desconstrução de um ensino bancário pautado na investigação histórica local e no aprendizado histórico mais compreendido como letramento histórico se utilizando da linguagem da Literatura do Cordel para a concretização desse ensino.

O primeiro capítulo “Saberes docentes e o ensino da história local” faço uma rememoração de minha caminhada desde quando estudava e minha relação com o ensino de história perpassando pela universidade até minhas primeiras experiências em sala de aula como professora de história. Reconheço que ser professora é estar em constante formação e segundo Freire (1996) “quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma

¹ O ensino bancário é uma abordagem de ensino que foi criticada por Paulo Freire (1996), por promover uma forma de aprendizado em que deforma a necessária criatividade do educando e do educador.

ao ser formado”, ou seja, é no chão da escola no cotidiano junto aos alunos e professores que há a formação de um professor.

Ainda neste capítulo apresento o local da pesquisa bem como o município de Igarapé-Açu e a escola. Apresento os alunos envolvidos e discuto sobre o currículo de história contido na BNCC e no DCE-PA como estão relacionados com o ensino de história local bem como estão imbricados no alinhamento do letramento histórico e com a literatura de cordel no saber histórico.

O segundo capítulo denominado “Literatura de cordel e o ensino de história” está dividido em três seções importantes para o reconhecimento da literatura de cordel no ensino de história como documento. O subtópico “A Literatura de Cordel” faz um apanhado geral da origem da literatura de cordel no Brasil e sua importância como documento gerador de informações e de cultura brasileira. Na “Literatura de Cordel como recurso didático pedagógico” é feita uma abordagem no campo da didática, como utilizar literatura de cordel como um recurso didático na sala de aula e no subtópico “Literatura de Cordel e o ensino de História” mapeio dissertações que utilizaram a literatura de cordel no ensino de história.

Por fim, o terceiro capítulo intitulado “Sequência didática: uma possibilidade para o ensino de história local” apresentou as ações desenvolvidas durante a pesquisa em formas de sequência didática com os estudantes dos 8ºs anos do ensino fundamental da E.E.F.M. “José Elias Emin” ao longo do ano letivo de 2024 visando investigar as memórias de familiares dos estudantes sobre a formação do município de Igarapé-Açu. Para tanto, o capítulo foi subdividido em dois subtópicos. O primeiro subtópico “Apresentação da proposta e metodologia adotada: o caderno do aluno (a), vem mostrar como foi desenvolvida a pesquisa por meio uma sequência didática realizada durante o 3º bimestre e “A escrita dos Cordéis pelos alunos e o desenvolvimento do livreto do professor” ficou subdividida em quatro pontos destacando a escrita de cordéis pelos alunos a partir das memórias trazidas para sala de aula de seus familiares acerca de histórias sobre a formação do município e consequentemente a produção do material didático onde denomino “Livreto do Professor(a)” que irá auxiliar professores e alunos para um ensino investigativo que contemple a história local.

O apêndice “Livreto do Professor(a)” traz as sequências didáticas propostas por mim para as turmas de 6º a 9º anos do ensino fundamental com ensino de história local perpassando pela leitura de xilogravuras, pela leitura de literatura de cordel com tema local, aula passeio, investigações e escrita em literatura de cordel além de ser uma possibilidade de apoio didático

aos professores de história contextualizar suas aulas juntos aos seus alunos. Tive o cuidado com a apresentação e organização do material para facilitar a compreensão de sua leitura e posteriormente feita em sala de aula. Destaco ainda as capas de cada sequência didática elaboradas especialmente para este trabalho dissertativo que são obras em Xilogravura do artista plástico Sílvia Rocha, um amante da historicidade do município de Igarapé-Açu.

Este trabalho “Cordelizando memórias: uma possibilidade de ensino de história local” surge como título a partir dos trabalhos escritos realizados pelos alunos envolvidos na pesquisa. Ao escreverem cordéis fundamentados nas memórias de seus entrevistados vi possibilidade de ensino da história local. Com o uso de seus cordéis possibilitou leituras de identificação e instigou a capacidade leitora e escritora de outros alunos.

CAPÍTULO 01: SABERES DOCENTES E O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL

Ao optar pela licenciatura o professor que se forma carrega além da vontade de transformar o mundo pela educação muitas dúvidas, incertezas e medos que apenas no decorrer das experiências no chão das salas de aulas serão conhecidas, adaptadas e transformadas.

Quando em sala de aula o processo de ensino não somente forma o professor, mas o também é reformado como destaca Paulo Freire (1996) em seu livro *Pedagogia da Autonomia*. O ensino assim, deve despertar uma curiosidade epistemológica em que os sujeitos envolvidos, professor e aluno ensinam e aprendem e que um não existe sem o outro.

O ensino dessa maneira é uma construção de possibilidades ao fazer o aluno a pensar certo². Não pautado apenas na submissão de conteúdo, mas de crítica, curiosidade e interesse em pesquisar, de conhecer o que não é conhecido por meio de investigação. Esse apontamento me faz voltar a refletir sobre minhas formações. Sim, professor é sujeito que pensa e volta a refletir. Pensar sobre o ato de ensinar, de ressignificar as aulas e até mesmo a postura enquanto profissional e como pessoa.

A sensação de ser inacabado que em Freire (1996) traz gera esse compromisso de estar em processo de formação permanente na educação mesmo após formado na graduação. A graduação é um estágio necessário e fundamental para ingressar na carreira professoral, no entanto ela tem suas imbricações. Assim, relembro um pouco sobre minhas formações enquanto estudante do 1º grau do ensino Fundamental, universitária e experiências enquanto professora de História.

Cursei o curso de Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Pará entre os anos de 2004 e 2008 em uma turma de caráter modular no interior do estado, em Bragança. Foi desafiador do início ao fim do curso. Muitas discussões, muita leitura e provas escritas sempre de preferência, em várias laudas. Foi assim, um misto de medo, pressão em terminar o curso já que era interiorizado e perder uma disciplina ia custar um prazo maior em terminar o curso.

² Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente (FREIRE, 1996).

Os estágios que deveriam ocorrer nos chãos das escolas não aconteceram. Apresentamos apenas uma aula para nossa própria turma em virtude de sermos turma modular, no entanto sobre pesquisa histórica o curso oferecia idas a departamentos históricos da cidade de Bragança onde pudemos analisar documentos na prática.

Percebo que o curso de graduação ofereceu mais direcionamentos para as pesquisas com fontes documentais do que para a prática pedagógica. Embora fosse de licenciatura e bacharelado, o peso foi mais para pesquisas acadêmicas. A maioria da turma desejava ser professor de história e uns até já tinham experiência em sala de aula e eu também fui atrás de estar na sala de aula.

Que experiências e teorias eu sabia para estar em sala de aula? O que a universidade pode naquele momento oferecer sobre ser professor de História? Que textos e autores da área da educação aprofundaram os debates acadêmicos sobre a sala de aula e que olhar se tinha do professor de história? Foram questões que somente as experiências e saberes adquiridos nelas que fui me moldando nesse ser professora.

Conforme Tardif (2017) professor é alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros. Mas que saberes? Como se constrói de fato um professor (a)? Tive que buscar inspirações e tomei como exemplo uma grande professora nos tempos em que eu estudava no Colégio São Pio X, na época 5ª série do primeiro grau que equivale hoje ao 6º ano do ensino fundamental.

A professora era daquelas que dominava a sala de aula pela sua autoridade, mas que eu conseguia viajar nas suas explicações embasadas de saberes acadêmicos e docentes. Minha escola sempre foi vista sendo uma das melhores da cidade onde nasci no nordeste paraense, Capanema, por ser uma instituição particular e de Ordem das Irmãs Preciosíssimas, uma escola católica dirigida por freiras que tinha um ensino tradicional.

O livro didático daquele ano quando eu era estudante era de uma coleção do Gilberto Cotrim (1996) e algumas imagens ainda tenho lembranças. Daí quando comecei a lecionar usei ainda este mesmo livro que tinha guardado e tomado de exemplo a minha antiga professora.

Sobre o livro didático que estudei na 5ª série em 1996 e depois o utilizei para lecionar em minhas primeiras experiências em sala de aula, se sustentava no modelo eurocêntrico e cronológico dos fatos pois enaltece grandes fatos e sujeitos históricos, atividades de memorização e que apesar de tudo, continha muitas imagens interessantes que ajudaram na compreensão.

Na época eu compreendia que aquele modo era o mais próximo de estar numa sala de aula e o livro que estudei eu repassava para meus alunos acreditando ser bem didático e que seguia a linha da educação do momento.

Era aquele modo de ser, pensar e fazer de professor de História e de aula de História que eu tinha e carreguei por alguns anos na minha prática docente.

As aulas da minha primeira de professora de História eram expositivas, quase um monólogo e não criava espaço para interação entre alunos, ela não nos ouvia. No entanto, os seus saberes docentes sobressaíam à minha capacidade cognitiva e eu as considerava as melhores aulas. Em outros anos na mesma escola, outros professores vieram, algumas aulas “chatas” onde só copiávamos e quase nada de explicação, estudava mais pelas leituras.

Os meus primeiros anos como professora de História foram de modo tradicional onde apresentava a explicação em via de mão única, não interessavam os saberes dos discentes. Eu atuava seguindo o livro didático oferecido pela escola e tinha a preocupação em “dar conta” em terminar os conteúdos sem dar voz e vez às histórias dos alunos e não conseguia aproveitar aquilo que eles já sabiam sobre seu lugar e sobre a história global. Talvez tenha continuado com o ensino de História tradicional, mas com as reflexões formadoras e o cotidiano fui modificando as práticas docentes.

Tardif (2017) aponta que os “saberes docentes se compõem de vários saberes provenientes de diferentes fontes, o corpo docente é desvalorizado em relação aos saberes que possui e transmite” o que sugere uma visão ainda problemática sobre o saber docente. Ele é plural pois é adquirido em formações, graduações, experiências, trocas entre professores e relação com o aluno, escola. Mas é visto ainda como algo distante da academia e das pesquisas, ficando ao professor a transmissão e sua desvalorização enquanto ser social e profissional que ele é.

Conforme Ruth Mercado (1991) o saber docente é produto de uma construção coletiva e é no dia a dia é que se aprende a ser professor. Me via buscando inspirações de professores antigos, e ouvindo um colega e outro da universidade sobre o fazer pedagógico, sobre ser professora de história e até hoje nesse processo construtivo.

Assim, minha formação docente e meus saberes estão sendo adquiridos pelas experiências do dia a dia em sala de aula, pois não se nasce professor construído, pronto e acabado. O professor se faz, refaz e acima de tudo pelo seu olhar reflexivo, de sua prática, além das formações. Para Nóvoa (1995, p. 25)

A formação não se constrói somente por acumulação (de cursos, de conhecimentos, de técnicas), mas também por meio de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal.

Comecei a trabalhar na rede municipal de Igarapé-Açu pois também cursava Letras pela Universidade do Estado do Pará. Esta graduação diferente da História proporcionava direcionamentos para sala de aula com leituras pedagógicas e estágios supervisionados em sala de aula. Tudo isso foram peças fundamentais para meu início na profissão de professora de História.

Como mencionei, na época utilizava o livro que tivera estudado há dez anos quando estudante do 1º grau. Como não tínhamos acesso a livros didáticos naqueles anos de 2006-2007 nas escolas em que lecionei, utilizava então este livro do Gilberto Cotrim (1996) como minha base principal para as aulas. As turmas eram 6º do ensino fundamental e turmas de EJA também do ensino fundamental.

Imagem 1 – Livro didático de 1996



Fonte: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/gilberto-cotrim/historia-e-reflexao/2276413076>.

Após esta primeira experiência em sala de aula trabalhei em escolas particulares e cursinhos e aos poucos fui me moldando professora de História, mas muito ainda de mim ecoava a forma tradicional de ensino, aquela que fui gestada.

Concluída a graduação em História consegui logo uma vaga concursada na rede de ensino do Estado do Pará na DRE de Maracanã, lotada na E.E.E.F.M. “José Elias Emin” onde atuo há 15 anos com turmas do 6º ano ao 3º ano Médio incluindo EJAS. Por mais de uma década eu fui a única professora de História lotada nesta instituição.

Com livros didáticos, várias turmas e uma carga horária densa. A gestão da escola sempre deu possibilidades em trabalhar minhas aulas e projetos embora os desfalques pedagógicos e estruturais vigentes e pelo fato de ser a única professora de história, me via só nas atividades que deveriam ser em conjunto muitas vezes, o que afetava a interdisciplinaridade.

Nem sempre em meus planos de curso anuais estavam presentes um ensino de História que se aproximasse das histórias dos alunos, seguindo o que os livros didáticos ofereciam com aulas conteudistas e com certeza enfadonhas. Com o tempo fui criando possibilidades em minhas aulas para o diferente como a introdução de filmes e músicas que muitas vezes gerava desconforto por serem longos demais e fora da realidade dos alunos, fui adaptando metodologias.

Entre essas adaptações encontrei as chamadas aulas-passeios onde fazia com os alunos e poucos professores que estariam naquele dia na escola uma rota turística pela cidade. Aprendi eu e os alunos sobre a historicidade local já que o município não é minha origem. Convidava também pessoas que conheciam um pouco a mais e juntos com os alunos indagamos, comentamos e conhecemos.

Os alunos começaram de certa maneira a se interessar mais pelas aulas de História por saírem daquele espaço da sala de aula onde deixávamos os livros didáticos de lado. Quando retornávamos à escola sempre vinha a pergunta: Professora, quando vamos passear novamente?

Com essas aulas sempre pedia um texto para os alunos destacarem os aspectos importantes daquela aula-passeio para que não fosse apenas um passeio escolar, pois os próprios alunos julgavam não ter tido aula quando não se copiam nada.

Um fato importante a ser pontuado é que todo início de ano letivo existe a semana pedagógica onde planejamos o ensino de história baseado em documentos normativos. No entanto, esses documentos não costumam ser lidos e nem tão pouco debatidos. Para muitos professores é mais um momento que não tem proveito, reuniões que não dialogam com a realidade escolar, mas que se exige do professor um Plano de Curso anual.

Com a pandemia em 2020 cursei uma formação on-line oferecida pelo CEFOR/PA em Neurociência. Neste momento de reflexões pude olhar meus alunos com um outro olhar, numa perspectiva mais próxima e humana e com o voltar das “aulas normais”³ procurei fazer diferente, resolvi ouvir mais meus alunos e para essa escuta criei um projeto de História Local em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Os alunos trouxeram várias narrativas sobre a cultura, espaços e personagens do município de Igarapé-Açu e transformaram as informações utilizando suas criatividade em textos cordelísticos. Assim, levei para a sala de aula além do ensino da história local a linguagem escrita da Literatura de Cordel. Para a literatura de cordel fiz aulas oficinas onde

³ Este termo se refere à volta das aulas presenciais durante a pandemia do covid-19.

mostrei o que é literatura de cordel para os alunos bem como o seu contexto histórico, sua forma métrica e sobre xilogravura.

Os alunos da Educação de Jovens e Adultos na referida escola são aqueles que por diversos motivos tiveram que parar de estudar na infância ou que não tiveram oportunidade nenhuma. São jovens e adultos que trabalham durante o dia ou durante temporadas (como o da pimenta e da retirada da folha de maniva), idosos analfabetos e acima de tudo pessoas desacreditadas na família e na sociedade e que chegaram no espaço escolar querendo ser acolhidos.

Nota-se também diversas questões para que o educando queira permanecer na escola como exigências de mercado de trabalho, satisfação pessoal, dignidade e saber que podem vencer esses obstáculos e tantos outros.

Pesquisaram de forma livre memórias e puseram no papel junto suas criatividade. Transformaram os escritos em Literatura de Cordel, confeccionaram pequenos livretos e expuseram para a comunidade escolar. O aluno Gabriel escreveu:

A base aérea de Igarapé-Açu
Foi muito importante no passado
Ainda é uma atração turística
Mas hoje se encontra abandonada
Ainda é possível ver nas paredes
Nomes de militares gravados

Foi construída pelos americanos
Na segunda guerra mundial
Esse território foi escolhido
Por ter o clima ideal
Agora são apenas ruínas
Que restou no local

Este cordel acima foi escrito por um aluno do Projeto e relata um fato histórico de Igarapé-Açu sobre a fundação de uma Base Aérea pelos norte-americanos durante a Segunda Guerra Mundial. Conhecer sobre a Base Aérea instalada no município de Igarapé-Açu é algo bem importante para o ensino da História local e global. A referida Base Área foi escolhida para ser construída em Igarapé-Açu por estratégias de localização. Pelo fato da cidade na época está às margens da antiga Estrada de Ferro Belém -Bragança e assim mais perto da capital paraense, e se por ter uma Base Cartográfica já antes utilizada na construção dessa Estrada de Ferro e também por sua altitude mais elevada da zona bragantina e próximo ao litoral do município de Maracanã para que se pudessem fazer os voos dos dirigíveis na tentativa de avistarem submarinos nazistas.

Desta maneira, o estudo da história local através das memórias escritas em narrativas cordelistas fez com que os alunos compreendessem melhor os fatos históricos e relacionando à história global também. Protagonizaram histórias produzidas por eles mesmos. O ensino de

história naquele momento ganhou sujeitos históricos envolvidos com os saberes históricos de seu lugar.

Imagem 2 – Culminância do projeto com alunos da EJA



Fonte: Pessoal da autora, junho de 2022.

A partir daí eu enquanto professora de história me motivei a escrever. Relatei a experiência e apresentei na Semana Acadêmica do Campus X da UEPA que está localizada no município de Igarapé-Açu. Um aluno que estudava a 2ª etapa da EJA no Ensino Médio se destacou com outras produções cordelistas e tornou-se um escritor de Cordel, fato este que não estava entre os objetivos do projeto, mas acabou acontecendo.

Diante de tudo isso veio o mestrado e conforme a experiência citada vejo a importância do ensino de História Local em possibilitar aos alunos através da capacidade investigativa problemáticas inerentes a sua realidade, o manejo com as temporalidades históricas, a percepção de vários olhares para a História sem ser uma via de mão única, mas que ela pode trazer novas possibilidades de pensamentos, um sentimento de pertencimento e consequentemente mais envolvimento no ensino da História. Sobre isto, Bittencourt (2018, p.147) afirma

A história local geralmente se liga à história do cotidiano ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participam de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente como no passado.

Com a experiência em sala de aula com alunos da Educação de Jovens e Adultos busquei entender por meio de rodas de conversas e posteriormente por entrevistas as concepções de mundo dos educandos, ou seja, o que eles traziam de memórias e conhecimentos históricos sobre seu município e depois cruzei com a escrita dos cordéis produzidos por eles após suas investigações, fazendo assim a discrepância das experiências de vida deles com a História.

Sobre este fato, o aluno Gabriel de 18 anos na época relatou: “me vi escrevendo o cordel como se eu tivesse dentro da história nota-se aí envolvimento com a História e o sentimento de pertencimento a partir do local.

A partir dos saberes experienciais nos chãos da sala de aula é que construo saberes docentes pois “no exercício de sua função e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, fundada em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio” (Tardif; Lessard; Lahaye; 1991, p. 220). São saberes docentes que se firmam na escola no cotidiano. E em relação a esta atividade de investigação histórica local e na elaboração de textos utilizando a linguagem da Literatura de Cordel ficou claro mais uma vez que as aulas expositivas e conteudistas não têm tanto êxito como as aulas que os instigam a protagonizar.

Utilizar a Literatura de Cordel no ensino de História pode constituir um elemento importante no letramento histórico pela sua potencialidade educativa, sua aproximação com a oralidade e por sua origem popular, de fácil compreensão. Priscila Souza (2020) nos aponta em sua dissertação “Cordelizando o meu bairro: uma narrativa sobre Cajueiro Seco”, que o cordel tem como característica importante a de refletir a realidade social do seu tempo. Destarte a mobilização das temporalidades históricas pela leitura da Literatura de Cordel no

ensino de História tende a contribuir com letramento histórico⁴, que é um dos objetivos que pretendo alcançar também na construção de cordéis.

Quanto ao letramento histórico é visível que a forma de escrita das memórias se torna viável e mais fácil por se tratar da Literatura de Cordel.

Entende-se por letramento a priori, conforme Kleiman (2005, p.10)

O letramento também significa compreender o sentido, numa determinada situação, de um texto ou qualquer outro produto cultural escrito; por isso, uma prática de letramento escolar poderia implicar um conjunto de atividades, visando ao desenvolvimento de estratégias ativas de compreensão da escrita, à ampliação do vocabulário e das informações para aumentar o conhecimento do aluno e à fluência na sua leitura.

⁴ Segundo a professora e historiadora Helenice Rocha o letramento histórico é um termo difícil de definir pela sua amplitude. O letramento histórico no Brasil aparece em documentos curriculares da década de 1990 com os PCNs, mas sempre em relação com a linguagem escrita, no trabalho da Língua Portuguesa. O letramento histórico não é declarado explicitamente em tais documentos, o que ocorre também na BNCC. Rocha concorda com Peter Lee, pesquisador britânico que busca ancoragem na proposição da consciência histórica de Russen. O autor propõe uma ferramenta de orientação poderosa e flexível denominada Estrutura Histórica Aproveitável (UHF). O conhecimento histórico possui uma faceta de internalização do conhecimento social pela mediação cultural, assim Rocha concorda que o letramento histórico ocorre quando o conhecimento histórico concretizado narrativamente e a reflexão sobre o tempo transformam aquele que aprende, através de mediações culturais em que a escrita é constituinte. Assim, não existe um, mas possíveis letramentos históricos.

Letramento é um termo recente no Brasil, por volta da década de 1980 e segundo seus estudiosos ele não está centrado apenas na capacidade de ler e escrever. Surgem assim outras denominações em cada campo de saber científico. Na história temos o letramento histórico que visa por intermédio da cultura sentidos e significados por meio do tempo e do espaço. Letramento histórico não pode ser confundido com letramento, é uma especificidade da História como afirma Silva (2004, p. 73)

[...] um bom leitor de romances não é necessariamente um leitor eficiente de textos científicos, ou, mesmo quando se tem um grande domínio na leitura de textos de química ou física, a leitura de textos filosóficos ou de História pode constituir tarefa bastante difícil.

Com as produções cordelistas realizadas em sala de aula verifiquei então que através do ensino de história local as memórias trazidas pelos alunos se cordelizaram em uma escrita que facilitou e deu sentidos históricos aos seus aprendizados.

A experiência com a literatura de cordel no projeto com os alunos da EJA foi desta forma um letramento histórico mesmo que de forma não intencional à medida em que os alunos pesquisaram histórias e memórias sobre o município de Igarapé-Açu e as colocaram no papel por meio da linguagem escrita.

1.1 O LOCAL DA PESQUISA E SEUS SUJEITOS: O MUNICÍPIO DE IGARAPÉ-AÇU, A ESCOLA E OS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

1.1.1 O município de Igarapé-Açu

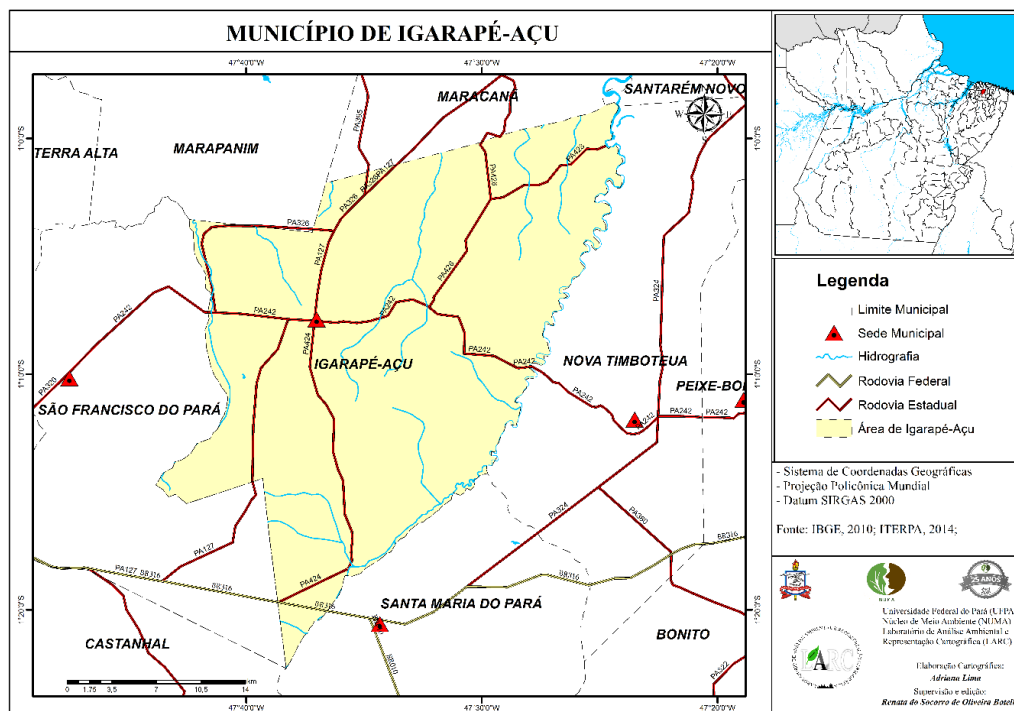
A escola pesquisada está localizada no município de Igarapé-Açu no nordeste paraense, distante 110 km da então capital do estado do Pará, Belém. A cidade faz parte da conhecida rota turística Belém-Bragança e fica às margens da extinta Estrada de Ferro⁵.

“Delimita-se ao Norte com os municípios de Maracanã e Marapanim; ao Sul com o município de Santa Maria do Pará; a Leste com os municípios de Nova Timboteua e Santa Maria do Pará e a Oeste com os municípios de Castanhal e São Francisco do Pará.”⁶

⁵ A EFB foi a primeira ferrovia construída na Amazônia com obras iniciadas em 24 de junho de 1883, objetivando interligar as cidades de Belém e Bragança, a fim de fomentar o desenvolvimento da Zona Bragantina (região responsável por grande parte da produção agrícola), e otimizar a comunicação com a capital da Província do Maranhão, São Luís (FERREIRA, 2017). Neste período, houve a expansão da malha ferroviária brasileira por conta das atividades agrícolas em diversas regiões do País, e esta ferrovia surgiu principalmente para o abastecimento da capital da Província do Pará.

⁶ Fonte https://www.achetudoeregiao.com.br/pa/igarape_acu/geografia.htm

Imagem 3 – Município de Igarapé-Açu/ Pará



Fonte: <https://www.numa.ufpa.br/index.php/mapas/item/67-igarape-acu-pa-localizacao>

Igarapé-açu fundou-se como Agrovila de Jambu-Açu no final do século XIX junto com o advento da construção da estrada de ferro Belém- Bragança. Segundo Franciane Lacerda (2006) a política de criação de áreas de produção agrícola se baseava na crença da prosperidade do Pará a partir da lavoura. De fato, no início da República Brasileira havia a preocupação com o progresso, embelezamento da capital, higienização assim como com a construção de linhas ferroviárias.

A autora nos exemplifica que através da extração da borracha muitas famílias cearenses vieram ao Pará como a do José de Aracaty, uma história publicada pelo Jornal Folha do dia 15 de agosto de 1900 onde aponta “a pobre família cearense” que foi se dizimando com as doenças e ao final vieram para Igarapé Assú, zona Bragantina a fim de viverem da agricultura. Desta forma, Igarapé-Açu formou-se com a sua economia voltada para a agricultura.

A história local do município é retratada em um livro chamado Memória de Igarapé-Açu (2005), escrito por um conterrâneo que não é historiador por profissão. O autor do livro composto em duas edições chama-se Aluizio Moraes de Freitas e destaca em ambas as edições lugares, pessoas e memórias suas sobre o município de Igarapé-Açu. O livro narra a história de formação de Igarapé-Açu conforme a construção da Estrada de Ferro Belém-Bragança.

Desta forma é notório a presença de uma única história, uma única visão sobre o processo de formação do município de Igarapé-Açu.

Na biblioteca da escola pesquisada não temos mais exemplar deste livro o que torna cada vez mais escassos materiais que se preocupem com a história local.

1.1.2 A escola pesquisada.

A escola está localizada na zona periférica do município de Igarapé-Açu, precisamente no bairro da Colina na Rua Benjamin Constant. Em termos técnicos a escola nunca foi fundada pois ela foi construída nos finais de 1990 conforme a Portaria de número 1364/90-GS e no ano seguinte iniciaram-se as aulas. Sendo assim, a escola possui 33 anos prestando serviço de educação para o município.

Segundo o PPP (2022) da escola, o bairro da Colina a qual a escola está inserida, surgiu com a ocupação de terras após a construção de um conjunto habitacional chamado “Waldir Emin” destinado a atender, sobretudo, funcionários públicos que não possuíam casa própria, abriu-se um precedente para que a área em torno fosse ocupada, uma vez que se tratava de um terreno agrícola improdutivo.

Com a intervenção da prefeitura, a área foi desapropriada e organizada em lotes, quadras e com os traçados das ruas de modo a se obter o mínimo de organização na ocupação do espaço. Entretanto, foram necessários alguns anos de muita reivindicação para que os moradores do bairro pudessem contar com os serviços públicos básicos como ampliação do sistema de energia elétrica, sistema de abastecimento de água potável, iluminação pública, coleta de lixo domiciliar, dentre outras.

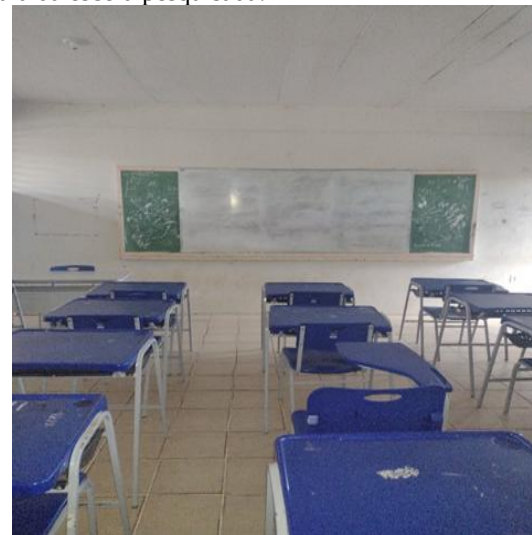
Hoje o bairro já se encontra bem estruturado e segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) do ano de 2022, as famílias ainda enfrentam o desafio do desemprego ou trabalham na informalidade, destacando um cenário socioeconômico baixo sem apresentar no corpo do documento índices baseados em dados oficiais.

Imagem 4 e 5 – Fachada da E.E.E.F.M. ‘José Elias Emin’ e a sua entrada principal.



Fonte: Pessoal da autora, 2024.

Imagem 6 e 7: Pavilhão das salas de aula e sala de aula da escola pesquisada.



Fonte: Pessoal da autora, 2024. Imagem

6 e 7 – Parte dos telhados do corredor e quadra de esportes sem cobertura.



Fonte: Pessoal da autora, 2024.

Hoje a escola conta com 52 funcionários dentre eles 32 são professores distribuídos no ensino fundamental menor, maior, ensino médio e EJA. Um diretor e um vice-diretor, três técnicas pedagógicas, uma secretária e três agentes administrativos. Funciona apenas nos turnos manhã e tarde por motivo de falta de matrícula à noite neste ano de 2024.

Sua estrutura física encontra-se deteriorada, hoje durante esses 33 anos a escola só recebeu um reparo nos telhados. As salas de aula não possuem ventiladores, não possuem portas, apenas grades. Suas salas e todos os outros ambientes precisam de reformas. Conforme tabela retirada do PPP (2022) da escola, ela possui estes espaços físicos:

Imagem 8 – Quadro demonstrativo – Espaços físicos da escola.

QUANTIDADE	ESPAÇOS FÍSICOS
11	SALAS DE AULA
01	COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA
01	SECRETARIA
01	SALA DE PROFESSORES
01	SALA DE DIREÇÃO
01	SALA DE REUNIÃO
01	ALMOXARIFADO
06	BANHEIROS
01	COPA
01	QUADRA DE ESPORTE SEM COBERTURA
01	BIBLIOTECA

Fonte: PPP da escola pesquisada (2022)

De acordo a secretária escolar, uma antiga funcionária que está lotada na instituição desde o início de seu funcionamento em 1992, as matrículas deste ano de 2024 constam a quantidade de 609 alunos que deste total 216 são alunos do campo quem vem estudar na cidade e os demais são provenientes em sua grande maioria, do entorno da escola, ou seja, residem no mesmo bairro ou bairros vizinhos.

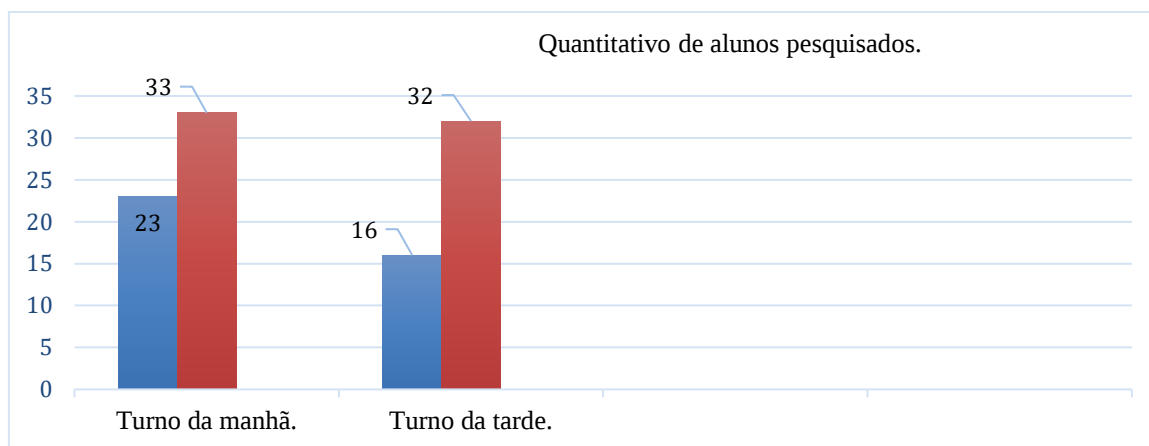
1.1.3 Os alunos participantes da pesquisa.

As turmas envolvidas na pesquisa são turmas do 8º ano do ensino fundamental. Uma delas é do turno da manhã que contém 33 alunos matriculados e uma do turno da tarde que tem 32 alunos matriculados. A escolha por estas duas turmas se deram pelo fato de serem turmas que possuíam uma quantidade boa para a realização da pesquisa e principalmente por trazerem memórias vindas da zona urbana e zona rural de Igarapé-Açu, assim penso que terei uma variedade de temas a serem trabalhados no decorrer do percurso.

Em relação a essas turmas realizei um questionário socioeconômico e pedagógico quanto à disciplina de história a fim de conhecer o perfil desses alunos.

Da turma da manhã consegui retorno de 23 questionários preenchidos e da turma da tarde apenas 16 alunos conseguiram devolver em tempo hábil para este primeiro momento, ficando a cargo de devolverem depois pois muitos alegaram não saber as respostas quanto localidade de nascimento de seus pais e avós, ponto este importante muito para o desenvolvimento da pesquisa.

Imagem 9 – Quantitativo de alunos pesquisados.

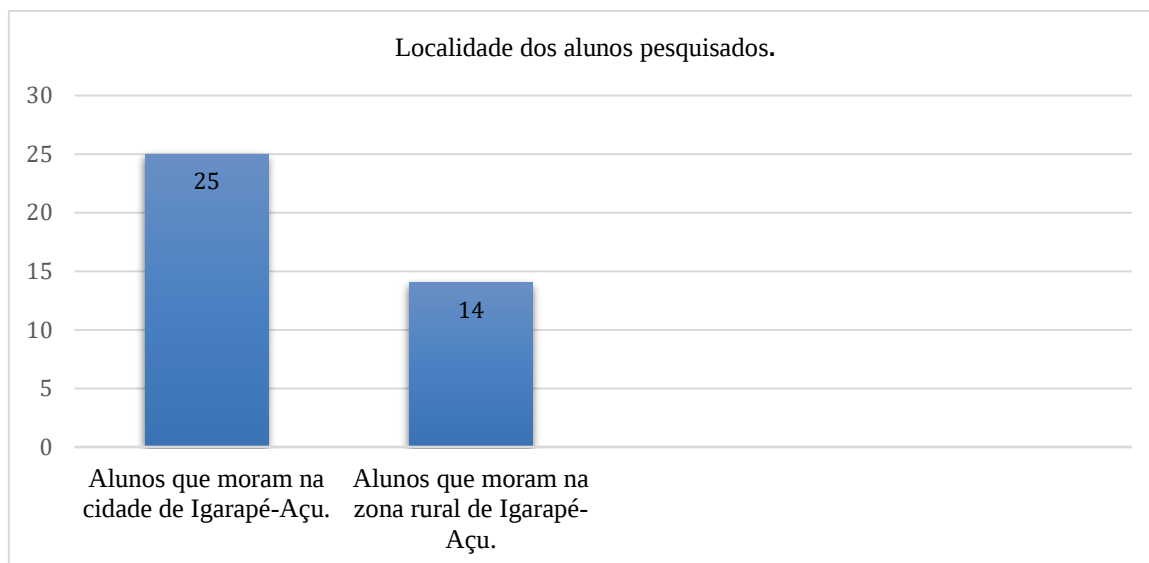


Fonte: Pesquisa socioeconômica realizada pela autora, 2024.

No total foram 39 alunos pesquisados sendo bem perceptível as suas características e demandas pelo fato de serem turnos diferentes e suas localidades. No turno da manhã a maioria mora na cidade e no entorno da escola enquanto o turno da tarde a maioria mora no campo, ou seja, em comunidades rurais do município de Igarapé-Açu.

Esse dado é constatado ao se indagar como é sua locomoção até a escola, no turno da manhã apenas 02 alunos utilizam ônibus escolar, ou seja, vem da zona rural enquanto os demais 21 vão a pé, de bicicleta ou moto. No turno da tarde 11 alunos utilizam ônibus escolar enquanto e os demais que moram na cidade 05 alunos, se dividem nas opções a pé, de bicicleta e moto.

Imagem 10 – Localidade dos alunos pesquisados.



Fonte: Pesquisa socioeconômica realizada pela autora, 2024.

Sobre a faixa etária constatei uma variação geral de idade entre 13 a 19 anos. O turno da manhã é o de menor idade, 13 a 18 anos e o da tarde de 14 a 19 anos, representando assim além de uma disparidade de idades entre eles um atraso na série matriculada, talvez por diversos motivos os quais não identifiquei e não fazem parte do objeto de pesquisa.

Em relação ao gênero dos pesquisados o turno da manhã apresentou um quantitativo dividido, 12 meninas e 11 meninos, já o turno da tarde foi mais expressivo o gênero feminino onde apresentou-se 10 alunas entrevistadas em relação a 06 alunos entrevistados.

Quanto às origens familiares dos alunos verifiquei que as famílias da parte materna são em sua maioria nascidas no município de Igarapé-Açu, ficando as famílias paternas além do município vindas de outras localidades, estados e até países. Esse dado vale para as turmas dos dois turnos.

Em relação às fontes de renda dos familiares dos alunos do turno da tarde não apresentaram variedade em opções: 02 pedreiros, 09 agricultores, 04 domésticas e 01 desempregado e desse total 13 são beneficiários do bolsa família⁷. A bolsa família é presente em quase todas as famílias sendo para algumas a sua única fonte de renda.

⁷ O Programa Bolsa Família (PBF) é uma Política que integra a transferência de renda com estratégias voltadas à garantia do exercício dos direitos sociais, tendo como destinatários grupos em situação de vulnerabilidade, isto é, grupos que apresentam limitações em suprir as necessidades básicas para sua subsistência. Os segmentos mais pobres da população brasileira são os que têm mais dificuldade em acessar bens e serviços sociais, fato que contribui para a persistência da desigualdade social e manutenção da condição intergeracional da pobreza. Além de garantir transferência direta de renda para as famílias em situação de pobreza, o PBF integra políticas públicas, fortalecendo o acesso das famílias aos direitos básicos como saúde, educação e assistência social. Fonte: <https://www.gov.br/mec/pt-br/areas-de-atuacao/eb/acompanhamento-educacional-bolsa-familia>.

No turno da manhã verifiquei 15 profissões diferentes e apenas 09 recebem bolsa família. Pelo fato de morarem na cidade as profissões são desde funcionários de empresas, lojas comerciais, donos de comércio, pedreiro, professor, caminhoneiro, paisagista, doméstica, entregador, cozinheira, motorista, metalúrgico, enfermeiro, padeiro, agricultor e desempregado.

Fato este que a escola poderia ouvir essas famílias em questionários socioeconômicos para atualização do PPP que está em construção neste ano de 2024, pois diferentemente do que está contido no antigo PPP muitas famílias sofrem com o desemprego e cita-se no documento outros tipos de trabalhos informais tais como lavadeiras de roupas, apanhadores de pimenta e ambulantes.

Já em relação ao que eles pensam a respeito da escola onde estudam perguntei o que mudariam do espaço escolar o turno da tarde destacou três elementos que são banheiro, telhado e um bebedouro que tenha água gelada. O turno da manhã destacou várias opções, mas as que ganharam notoriedade foram: a pintura das paredes, água que não é gelada, e a quadra que não é coberta e banheiro.

Percebo relações neste quesito entre os turnos, que é a questão da água que não é gelada ou a falta dela às vezes como foi mencionado nos questionários e o banheiro que se encontra em estado precário. Além das salas de aulas, os alunos percorrem outros espaços da escola de suma importância e esse acolhimento não é bem planejado por diversas questões e uma delas de maior contingência é a não reforma da escola.

Sobre o que os alunos esperam da disciplina história foi bem interessante pois eles puderam demonstrar o que pensam da disciplina. Os alunos do turno da tarde destacaram que a história é uma disciplina que estuda os antepassados e que querem aprender novos assuntos. Uma aluna escreveu que gosta de ouvir o que a professora fala, o que nos remete ao letramento histórico quando Helenice Rocha (2021) nos diz que as linguagens utilizadas em sala de aula pelo professor de história são uma forma de letrar esse aluno em história, de fato não somente a linguagem escrita capacita o entendimento em história de nossos alunos, mas a capacidade de ouvir narrativas e compreendê-las, em sala de aula pelos professores.

A turma do turno da manhã espera também aprender mais nas aulas de história, mas não identificaram esse aprender mais. Pontuaram quererem mais atividades no caderno. Esse fato do aluno e por vezes família do aluno querer anotações, atividades no caderno faz parte da cultura escolar desta escola pesquisada. Entre todos esses anos de docência na escola se tornou notório e peculiar que utilizar outros tipos de linguagem nas aulas de história, excluindo a escrita, tem-se a impressão de que não houve aula.

A cultura escolar ao qual me refiro é a do ensino tradicional pois quando se é utilizado novos métodos de ensino sem ser o quadro e o livro didático ainda há aqueles que têm dificuldade em compreender. Algumas experiências em que utilizei filmes, visitas, músicas ou até mesmo rodas de conversas ao final da aula me perguntaram se não ia ter aula ou simplesmente afirmavam “hoje nem teve aula né professora”, ou mesmo pais/ responsáveis de alunos querendo saber o motivo pelo qual não tinha nada naquele dia da aula escrito no caderno.

Essa ideia de reprodução de saberes escolares se torna comum até os dias de hoje e parece ser rígida sua locomoção. A escola é um espaço privilegiado por produzir saberes e como tal deve ser vista pelos alunos, professores e toda comunidade escolar como um lugar de protagonismo e que precisa ser refletida com suas experiências. A escola é assim definida por André Chervel (1990, p.182)

A concepção da escola como puro e simples agente de transmissão de saberes elaborados fora dela está na origem da ideia, muito amplamente partilhada no mundo das ciências humanas e entre o grande público, segundo a qual ela é, por excelência, o lugar do conservadorismo, da inércia, da rotina.

Os caminhos a serem percorridos se encontram no currículo escolar. Esse currículo muitas vezes é ignorado e não conhecido por muitos professores gerando uma cumplicidade e perpetuação para o ensino tradicional e conservador. Nesse sentido, buscar leituras e refletir o currículo real utilizado na escola é de fundamental importância para manifestar resistências no chão da escola.

1.2 CURRÍCULO DE HISTÓRIA E O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: BNCC E O DCE-PA.

É ele que, conhecendo a legislação, tendo os suportes teóricos específicos e conciliando teoria e prática, terá condições para agir como mediador, entre o que o aluno é e o que ele poderá ser (...).

A epígrafe retirada do Documento Curricular do Estado do Pará- DCE-PA (2018, p.53) permite refletir sobre a atuação do professor e sobre seus conhecimentos sobre o currículo que o rege. Conhecer o currículo é uma tarefa que requer tempo e motivação pois muitas vezes nós professores com cargas horárias densas não dispomos de tempo além de não sermos convidados a participar de sua elaboração e daí não lemos e nem tão pouco nos posicionamos o que acaba gerando a sua aceitação sem questionamentos.

Além do mais destaca-se também a importância da posição de professor mediador que segundo Vygotsky (1998) esta mediação realizada pelo professor durante o processo de aprendizagem do aluno irá permitir a este ser criativo, questionador e ativo neste processo, do

qual surgirão sempre novos conhecimentos. Mas para isto é necessário estar munido de leituras sobre leis educacionais, leituras sobre o seu currículo escolar e participar ativamente do seu processo de construção.

Ivor Goodson (2007, p. 243) destaca que o “custo da cumplicidade” acontece à medida que o currículo foi basicamente inventado como um conceito para dirigir e controlar o credenciamento dos professores e sua potencial liberdade nas salas de aula. A aceitação e prática de currículos prescritivos vindos sobretudo do poder estatal podem representar a perpetuação de um modelo reprodutor de relações de poder.

Fato este que se esbarra naquilo que (Moreira; Candau, 2003) chamam de currículo multicultural benigna quando incorporamos certos conceitos, personagens e fatos em caráter folclórico que favorecem sempre um lado, uma parte da sociedade privilegiada e homogeneizada não praticando um currículo multicultural crítico que respeita a diferença e o cruzamento de culturas.

Pensar a questão curricular da disciplina História me faz refletir as seguintes indagações: o que tenho feito em relação ao ensino da história local e como tenho feito? Conheço a BNCC, o DCE-PA e busco contextualizá-los na preparação de meu plano de curso escolar? Os outros professores da escola onde trabalho conseguem realizar atividades amparadas na BNCC e no DCE-PA? Nosso PPP está pautado com a BNCC ou outro documento educacional que se aproxima do ensino da história local? Ou seja, o que eu enquanto professora de História e a própria escola tem feito sobre o conhecimento da BNCC e sobre o ensino da História Local? São importantes pontos para se entender sobre o currículo escolar a qual pertencço.

Este ano de 2024 a Secretaria de Educação do Estado do Pará- SEDUC-PA apresentou na Jornada Pedagógica em janeiro, uma proposição de ações para (re) elaboração do Projeto Político Pedagógico que segundo a Secretária Adjunta do Estado do Pará ele deve ser elaborada obrigatoriamente segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e é um instrumento de planejamento devendo ser construído de forma coletiva e colaborativa em um processo democrático entre as categorias da escola e comunidade, considerando os Territórios e Pluriversidade.

O PPP da escola ainda em vigor é do ano 2022 onde após pandemia do covid-19 sofreu leves alterações em vista ao documento anterior. Este ano de 2024 está sendo construído um novo PPP. Marcaram uma reunião envolvendo toda comunidade escolar em meados do mês de março de 2024 para iniciar esse processo de construção, no entanto observo que fica à cargo dos coordenadores pedagógicos a escrita junto à direção. Não havendo interação com funcionários, professores, alunos e famílias, ou seja, se configura ser um documento normativo

que deve ser apresentado à SEDUC-PA a fim de cumprir atividades inerentes à educação. Fato este que se afirma o “custo da cumplicidade” definida por Goodson (2007) à medida que não participamos de sua elaboração, mas no final daremos ciência de sua feitura cumprindo o que estiver estabelecido.

No Brasil a Base Nacional Comum Curricular ⁸– BNCC é este documento prescritivo ao qual nós professores devemos nos orientar para a formação do currículo escolar. Desde sua elaboração inicial a BNCC sofreu duras críticas e quanto ao ensino de história as discussões foram voltadas no segundo momento de conclusão da BNCC quando há o retorno de uma História preocupada com a cronologia, eurocêntrica e quadripartite. Sua finalização e aceite pelo Ministério da Educação em 2018 representa para alguns autores como por Kátia Abud (2017) que a BNCC está próxima dos programas de Ensino vigentes no país em 1915 a 1931 pois toma a História Antiga como ponto de partido único.

O documento da BNCC (2018, p. 418) apresenta este aspecto factual, cronológico e eurocêntrico a respeito das temáticas do 8º ano do ensino fundamental no primeiro procedimento forma cronológica e localizando-os no espaço geográfico

No 8º ano, o tema é o século XIX e a conformação histórica do mundo contemporâneo. Destacam-se os múltiplos processos que desencadearam as independências nas Américas, com ênfase no processo brasileiro e seus desdobramentos. África, Ásia e Europa são objetos de conhecimento, com destaque para o nacionalismo, o imperialismo e as resistências a esses discursos e práticas.

Flávia Eloisa Caimi (2016) em seu artigo “A História na Base Nacional Comum Curricular: pluralismo de ideias ou guerra de narrativas?” analisa a BNCC no entendimento da História escolar como um simples processo de transmissão de conteúdos factuais e verbalistas e como um retrocesso por desconsiderar pesquisas mais recentes. Conforme Caimi (2016, p.6)

O documento apresentado como uma segunda versão não guarda relações de continuidade com a primeira versão, razão pela qual nos faz reconhecer nele um outro documento, com pressupostos e proposições bastante distintos daqueles que orientaram a produção inicial da BNCC História. Trata-se de uma proposta que se refugia nos conteúdos convencionais e canônicos, tomando a cronologia linear como eixo central do discurso histórico, ou seja, desconsidera os postulados, princípios e proposições oriundos da pesquisa acadêmica nacional e estrangeira dos últimos trinta anos, representando um flagrante e lamentável retrocesso.

⁸ É um documento curricular desenvolvido pelo Ministério da Educação para toda a Educação Básica. Previsto no artigo 210º da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) e no artigo 26º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (BRASIL, 1996), esse documento começou a ser desenvolvido a partir do Plano Nacional da Educação (PNE) em 2014 (BRASIL, 2014), sendo apresentado ao público pela primeira vez em setembro de 2015, gerando um imenso debate sobre a necessidade ou não de um currículo nacional para o país. (RALEJO, A. S., MELLO, R. A., & AMORIM, M. de O. p. 2. 2021).

No Pará foi construído o Documento Curricular do Estado do Pará nos inícios do ano 2000 e entregue para análise e apreciação em 2018. Embora tenha demorado sua construção, ele não chegou por meio da escola em si, mas por meio de semanas pedagógicas realizadas de forma on-line pela SEDUC/PA após pandemia do covid-19 e por buscas pessoais da professora que interage com outros professores da rede. Ou seja, não recorro sobre sua elaboração e na escola onde trabalho não era discutido, algo que continua até hoje.

Não é falado sobre essa proposta curricular dentro da escola pesquisada e nem mencionado dentro do Projeto Político Pedagógico escolar vigente, o que fica evidente que os currículos escolares são poucos conhecidos e discutidos, da mesma forma em que este mesmo projeto escolar não é construído de forma conjunta com a comunidade escolar e tão pouco divulgado aos seus pares, mas cobrado em momentos oportunos como no início do ano letivo escolar onde temos que nos adaptar às exigências sobretudo da BNCC ou quando cobrado do pela Diretoria Regional de Ensino (DRE).

Erinaldo Cavalcanti (2020) destaca em seu artigo intitulado “Base Nacional Comum Curricular do estado do Pará: entre o prescrito e o inscrito — notas preliminares sobre o processo de construção e implantação do documento” que o processo de construção do DCE-PARÁ foi percebido de diversas formas pelos professores da rede estadual de educação.

Pelo fato de a memória ser seletiva ele pontua casos como este que apresentei de professores que não lembram dessa construção assim como a falta de tempo, de formação e de debates acerca do documento. O autor ainda questiona “como esperar que os docentes se mobilizem para discutir a construção e implantação da BNCC sem realizar um debate acerca das condições das escolas no estado do Pará?” E conclui que é desafiadora, complexa e assustadora.

Analisando o Documento Curricular do Estado do Pará (2018) percebo que ele está mais próximo das teorias críticas de emancipação dos alunos e traz quatro eixos temáticos estruturantes: Espaço/Tempo e suas Transformações, Linguagem e suas Formas Comunicativas, Valores à Vida Social, Cultura e Identidade que são desdobrados em e subeixos temáticos com objetivos de aprendizagem e habilidades voltadas à BNCC. E no campo das concepções pedagógicas foi orientado sobretudo pelo sócio construtivismo de Vygotsky (1998). Diferentemente da BNCC o DCE-PA (2018, p. 307) traz outra visão sobre o ensino de História

a noção de “passado” passa a receber um novo tratamento, deixando de ser algo distante; a própria realidade, marcada por processos locais, regionais, globais, de diferentes naturezas, passa a ter diante de si uma postura investigativa, levando o discente a olhar para o presente por meio das diferentes faces das expressões culturais e levá-lo a ir à busca de suas origens, tradições e identidades, associando-as ao tempo presente e, sobretudo, voltando seu olhar à Amazônia paraense.

E sobre os estudos da História local o documento normativo paraense, o DCE-PA (2018, p.302) visa sobretudo privilegiar o espaço amazônico a fim de descentralizar o olhar eurocêntrico

A área tem como pressuposto a abordagem do universo das relações que os sujeitos sociais estabelecem entre si em diferentes espacialidades e temporalidades. Tal concepção tem como locus privilegiado o espaço amazônico em toda sua dimensão plural que abarca: identidade, memória, religiosidades, cidadania, relações étnico-raciais, paisagem, território, movimentos sociais, dentre outros aspectos.

Partindo da análise do Ciclo 4: 8º e 9º anos do ensino fundamental verifico que em apenas um Eixo e subeixo é mencionado estudos voltados à História Local. O Eixo 4: “Cultura e Identidade” com a habilidade “Explicar os movimentos e as rebeliões da América portuguesa, articulando as temáticas locais e suas interfaces com processos ocorridos na Europa e nas Américas” onde traz a noção de que os fatos locais têm relação intercontinental.

O Eixo 2: “Linguagem e suas formas comunicativas” traz como primeiro objetivo de aprendizagem: “Utilizar a linguagem, informações e conceitos históricos para discutir aspectos referentes à participação popular nas decisões políticas, social e econômicas” sugere o uso de linguagens, no entanto está relacionada à habilidade de conceituar e discutir Iluminismo e liberalismo fugindo daquilo que menciona ser importante que é a história do regional e local.

O segundo objetivo de aprendizagem deste mesmo Eixo 2 aponta: “Utilizar corretamente procedimentos de pesquisa para compreender o espaço e suas transformações sociais e culturais, seus processos de construção, identificando suas relações, problemas contradições” voltados para habilidades de relações entre teorias raciais e o imperialismo africano e asiático.

No DCE-PA (2018) o Eixo de “Linguagem e suas Formas Comunicativas” têm como subeixos: (1) A linguagem como produção humana em diferentes tempos e espaços; e (2) A linguagem cartográfica do lugar propõe usos de diversos tipos de linguagem e destaca o uso de cartografias explicitando noções básicas até as mais complexas. O texto assim como em objetivos de aprendizagem e habilidades estão mais voltados à capacidade cartográfica do aluno em se situar no tempo e espaço do que em leituras escritas além de ter menos objetivos e de aprendizagem e habilidades em detrimento dos demais eixos e subeixos.

Desta forma, reflito que podemos remodelar entre objetivos de aprendizagem e habilidades propostas pelo DCE-PA (2018) para a construção de um currículo real. Um currículo de fato, de acordo com nossas realidades no chão amazônico.

O documento DCE-PARÁ (2018) tenta trazer um discurso, um olhar ao ensino de história não tradicional e inserir as histórias e culturas locais no currículo, porém o que ainda prevalece são as competências e habilidades da BNCC. Como afirma Ribeiro (2021, p.25)

Apesar de tentar considerar as culturas global-local, da cidade e do campo, bem como as experiências, privilegia “o que realmente importa”, a instrução, organizando o conhecimento em uma lógica disciplinar, arbórea e canônica. O resultado é que, no fim, garante a aquisição das habilidades padronizadas previstas na BNCC, e para alcançá-las sepulta as culturas locais, o outro e seus conhecimentos, promovendo a homogeneização cultural.

É imperativo notar as tensões que existem no campo curricular de história assim como a certeza de que é na escola que o professor pode usar de suas atribuições e modificar esse currículo em seus Planos de Ações anuais e intervir na construção do PPP, tarefa que também dispõe de tensões dentro da própria escola. Segundo Breno Mendes (2020) os professores podem manifestar sua resistência no chão da escola e para isso o currículo precisa ser interpretado e atualizado.

Esses documentos normativos que tange às escolas no ensino de história não evidenciam além dos conhecimentos históricos, suas habilidades, competências e objetivos de aprendizagem o básico que é leitura, escrita e criticidade. Quanto ao letramento específico da história não se é apresentado nem tão pouco discutido, ainda mais se tratando de um conceito em construção na historiografia brasileira.

1.3 O LETRAMENTO HISTÓRICO E A LITERATURA DE CORDEL NO SABER HISTÓRICO.

De acordo Magda Soares (2002, p.278)), linguista brasileira, “o termo surge na década de 1980 como letramento (português do Brasil), literacia (português de Portugal), illettrisme (França) ou literacy (países anglófonos)”. E para a autora, espera-se que a escola promova letramento, isto é, que implemente ações educativas que objetivem “desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e escrita, para além do apenas ensinar a ler e a escrever, de alfabetizar”.

A problemática de que os alunos são mal alfabetizados e com isso geram déficits de aprendizagem no componente curricular da história é atual e pertinente. Ao se falar em letramento histórico, uma área ainda considerada nova na historiografia brasileira tem-se em mente que ele necessita exclusivamente da capacidade de ler e escrever do sujeito para que o seja efetivado. Conforme os estudos da professora Helenice Rocha (2021), o letramento

histórico é diferente de outros conceitos, dentre eles o da alfabetização. No entanto, a autora vem nos atribuir ao letramento histórico como um processo cultural.

Helenice Rocha (2021, p.276) nos aponta que o letramento não é um processo controlado e linear, mas plural construído de forma articulada, de acordo com os elementos significativos de uma jornada, constituindo sua formação histórica. Ou seja, o letramento sobretudo histórico não se limita na passagem de vida escolar do estudante, mas que nas aulas de história se conectam conceitos, vocábulos, narrativas, fontes históricas que darão suportes necessários ao conhecimento histórico.

A autora nos apresenta as dimensões do letramento e destaca a dimensão temporal, a qual se constitui as formas de se relacionar com tempo; a dimensão narrativa, que é a parte explicativa dirigida pelo professor de história, pelo livro didático ou textos em sala de aula; a dimensão conceitual, que utiliza termos explicativos para eventos históricos em determinadas temporalidades e a dimensão procedimental, incentiva o raciocínio histórico dos alunos pela pesquisa. Conforme Rocha (2023, p.56)

Em nossa proposta, o letramento histórico ocorre entre dois eixos fundamentais interligados e interconstitutivos, o da linguagem (verbal e não verbal) e o do conhecimento histórico, e pode ser composto de dimensões semi-independentes e interrelacionadas que constituem o edifício da formação histórica. A proposta é que esse edifício se sustenta sobre dois eixos- a linguagem e o conhecimento histórico - e quatro dimensões- temporal, conceitual, narrativa, e procedimental- considerando diferentes contextos e limites para sua construção. Devido a esse aspecto contextual, a proposta está sempre aberta, em reconstrução.

Imagem 11 – Dados da dimensão do letramento histórico por Helenice Rocha

TEMPO		
NARRATIVA		
CONCEITOS		
PROCEDIMENTOS		
L I N G U A G E M		C O N H E C I M E N T O

Assim, a autora faz uma demonstração de como seria uma possível organização e dimensão sobre letramento histórico, em um bate papo on-line, disponível no canal do Youtube do LAPEHIS UFV JM⁹ sobre "Letramento histórico: o que é, o que pode ser?"

Neste trabalho o conceito de letramento histórico vem atrelado ao conhecimento histórico produzido pelo professor de história e aprendido na escola pelos estudantes com uso da linguagem escrita da Literatura de Cordel. Nos propõe uma perspectiva pluralista de letramento histórico que se estrutura em dois eixos - o do conhecimento histórico e o da linguagem, Rocha (2021, p.287)

Afirmamos que a leitura e a escrita — nas modalidades escrita e falada — fazem parte dos processos de construção do letramento histórico na escola, pois a história (bem como a história escolar) é atravessada pela escrita, desde seus primórdios. Simultaneamente, os alunos continuam a aprender a ler e escrever enquanto aprendem história, nos diferentes momentos de sua escolarização, o que tem sido reiterado por diferentes pesquisadores brasileiros.

A Literatura de Cordel como meio de linguagem para o ensino da História se faz de maneira assertiva e eficiente como já pude desenvolver em sala de aula, em outro momento já mencionado. Devido sua escrita e leitura de fácil compreensão ela pode se aproximar mais das realidades dos educandos. Os textos que serão desenvolvidos no decorrer da pesquisa farão parte da historicidade desse aluno fazendo com que ele se identifique dentro da Literatura de Cordel.

Para Torcate (2018) em sua tese dissertativa vinculada ao ProfHistória intitulada “A narrativa da literatura de cordel no ensino de história: desafios e possibilidades” têm como objetivo pensar o cordel como fonte histórica e narrativa histórica a ser trabalhado no ensino de história, partindo do pressuposto de que o ambiente escolar é um espaço de produção de saberes históricos.

Por tal característica, a literatura de cordel pensada de forma intencional pelo professor de história ela tange aos seguintes letramentos históricos segundo as dimensões apresentadas por Rocha (2021): o eixo da linguagem onde as aulas de história norteiam por meio de linguagens sejam elas orais ou não e serão precedidas, durante e após as pesquisas, num ato contínuo; o outro alicerce, o eixo do conhecimento histórico estará pautado na inserção de conceitos inerentes à pesquisa tais como memória, história local, identidade.

⁹ O LAPEHIS (Laboratório de Práticas de Ensino em História) do curso de Licenciatura em História da Faculdade Interdisciplinar de Humanidades (FIH) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), tem como principal objetivo ser um espaço de experimentação e aprendizagem ligadas ao Ensino de História. Está localizado no prédio de Humanidades, no Campus JK, na cidade de Diamantina, MG.

Tais conhecimentos se sustentarão pelas dimensões temporal, com as mobilizações do tempo presente e passado; na dimensão narrativa, com uso da história local no currículo da história escolar; na dimensão conceitual, apresentando sentidos aos conceitos relativos à pesquisa e a dimensão procedimental na realização da pesquisa em si, quando os alunos trabalham com fontes históricas e as traduzem por forma da linguagem escrita, ou seja, o uso dos procedimentos históricos.

Diante esse letramento histórico por meio de aulas e pesquisas, o letramento continua com a linguagem escrita da Literatura de Cordel. O uso de textos escritos e não escritos, como a xilogravura, nas aulas de história podem articular os eixos e dimensões do letramento histórico.

Sobre isto Marco Antônio Silva (2011) em seu artigo intitulado “Letramento no Ensino de História” destaca que a leitura de textos históricos não fica limitada a apenas um gênero textual, mas que o aluno tenha capacidade leitora de múltiplas fontes históricas desde que tenha uma metodologia apropriada e pertinente a disciplina.

CAPÍTULO 02: LITERATURA DE CORDEL E O ENSINO DE HISTÓRIA

Neste capítulo procuro conceituar Literatura de Cordel nas suas concepções históricas e contemporâneas para o ensino, sobretudo ao ensino de História e refletir sobre sua utilização como ferramenta didático pedagógica.

Por ser vista como uma escrita popular e carregar elementos culturais, a Literatura de Cordel abre possibilidades para o trabalho escolar por representar memórias e histórias numa linguagem mais próxima dos educandos.

2.1 A LITERATURA DE CORDEL

“Poesia narrativa, popular, impressa”¹⁰.

¹⁰ Definição que Cantel deu quando indagado sobre o que significa Literatura de Cordel, em 1976, em Fortaleza, sob o patrocínio da Universidade Federal do Ceará.

Imagem 12 – Cordéis pendurados



Fonte: site <https://www.casalocomotiva.com.br/post/xilogravura-e-a-literatura-de-cordel>

O conceito de literatura de cordel remonta a sua forma de venda impressa em Portugal, os livretos eram colocados em cordas para serem vendidos em espaços populares como feiras.

Mas dentre tantas definições a que mais sintetiza Literatura de Cordel é esta epígrafe, segundo o francês Raymond Cantel (1976). Uma linguagem poética escrita que narra de forma popular acontecimentos, fatos, lugares, personagens, memórias, histórias reais e fictícias. Fruto também da oralidade, o cordel se materializa na impressão no final do século XIX no Brasil pelo poeta Leandro Gomes de Barros¹¹ onde temos as primeiras impressões de cordel ou folhetos como eram chamados antes, no entanto o cordel surge na escrita por mais que possa ser difundido na oralidade, algo que é debatido pelos cordelistas e seus estudiosos.

A questão da oralidade vem desde os primórdios da literatura trovadoresca onde eram cantados romances de cavalaria na Península Ibérica no século XV e quando chega no Brasil continua essa característica no Nordeste em narrativas análogas à Literatura erudita, mas que foi-se moldando às características regionais do Brasil com temas por exemplo de denúncias sociais. Esse processo é explicado por Chartier (1988) como apropriação e a partir da cultura nordestina o cordel foi reinventado em suas temáticas e até mesmo na sua composição.

Com altos índices de analfabetismo, os cordéis eram lidos por um pequeno grupo e decorados pelo grande público devido sua forma que é composta pela tríade: métrica, rima e oração. Segundo Porfírio (1999) este fato favoreceu, inclusive, o acesso das camadas populares

¹¹ Nascido em 1865, no município de Pombal (PB), Leandro foi um dos primeiros poetas a se preocupar com a questão dos direitos autorais dos folhetos de cordel.

a discussões políticas e sociais. Ou seja, os folhetos desempenhavam papel jornalístico possibilitando a camada analfabeta de estarem a par dos fatos por meio da oralidade, além da própria difusão dos folhetos nas feiras livres quando eram recitados por vendedores analfabetos.

A literatura de cordel brasileira tem sua estrutura peculiar na composição e na linguagem coloquial rimada em versos a poesia é narrada. Quanto à sua organização, o cordel possui três modalidades: sextilha (seis versos), setilha ou septilha (sete versos) e a décima ou dez pés.

Quanto a rima: “É a rima em que há correspondências de sons vocálicos e consonantais a partir da última tônica.” (Azevedo, 1997). E a métrica é a medida das sílabas de cada verso. Para exemplificar, abaixo um cordel de Arievaldo Viana do livro “A didática de um cordel” (2006, p. 26) onde mostra a construção de uma sextilha que é uma das mais comuns do cordel brasileiro:

Como se constrói.

A sextilha é uma estrofe
Que mostra, no seu contexto,
Seis versos de sete sílabas
E apresenta o seu texto
Rimando o segundo verso
Com o quarto e o sexto.

Na construção da sextilha
Os versos ímpares, que são:
Primeiro, terceiro e quinto,
Desses, a sua função
É dar sequência ao assunto
Também chamado Oração.

E a contagem silábica
Não poderia faltar:
É dela que vem a métrica,
Tem que saber separar;
Sem a cadência das sílabas
Não dá para metrificar.

Tem mais: a sílaba poética
Vem de modo especial:
No verso, ela difere
Da sílaba gramatical,
Pois a última sílaba tônica
É, do seu verso, o final.

A oração do cordel dá seguimento, coerência nas ideias apresentadas. Como se pode ver, o cordel acima apresenta um conjunto de encadeamento e fidelidade ao tema que é sobre a construção de cordel em sextilha. A metrificação e as rimas seguem todo o conjunto da obra cordelista. Nesta sequência temos o seguinte esquema: AB/CB/DB ou XB/XB/XB.

A pesquisadora Márcia Abreu (1993) em sua tese sobre o Estudo do Cordel nos mostra que a Literatura de Cordel brasileira difere da portuguesa quanto a estrutura métrica. O cordel brasileiro é bem regular quanto a isso e lá, podendo ser em prosa enquanto aqui é bem raro.

Então, para se produzir cordel no Brasil é necessário compreender as regras segundo Monteiro (2002, p. 06)

“Para produzir um texto
No estilo cordelista
Há três regras básicas que
Não podem perder de vista,
São a METRIFICAÇÃO
As RIMAS e a ORAÇÃO
Ou sabe disso, ou desista”.

Já sobre a materialização dos cordéis no Brasil é também de origem popular, de papel simples, contendo 8 a 16 páginas geralmente. Os primeiros folhetos no Brasil eram chamados de “capas cegas” pois não se tinha imagens apenas vinhetas que eram recurso tipográfico e estético vem se mantendo desde então e permanece como uma característica plástica do folheto de cordel.

Nas décadas de 40 e 50 houve a introdução da xilogravura, mas antes foram utilizados desenhos, fotografias, cartão postal e impressão offset. A xilogravura surge como forma de diminuir gastos já que a partir da matriz da xilogravura se pode imprimir várias cópias e aumentar a produção. Segundo o pesquisador Gilmar de Carvalho (2002, p.10), “nas hastes de guarda-chuva uma perfeita adequação e tradução de todo um imaginário nordestino.

Esse casamento da literatura de cordel com a xilogravura existe até os dias atuais.

Nos dias de hoje a Literatura de Cordel está ainda envolta neste ínterim entre o erudito e o popular, no entanto por muito tempo foi vista como um gênero literário distante dos cânones acadêmicos. Foi na década de 1970 que ganhou impulso no âmbito acadêmico com estudos de pesquisadores e o termo Literatura de Cordel assume o espaço da Literatura de Folhetos ou simplesmente Folhetos.

Segundo Dossiê de Registro sobre o Cordel desenvolvido pelo IPHAN (2018) a literatura de cordel no Brasil apesar de estar ligada à sua gênese no Nordeste, ela é praticada nos dias de hoje em quase todas as regiões do país e reconhecida em músicas no cinema, na televisão e nas artes plásticas, fato este que a coloca com relação identitária com o público e permanecendo no mercado editorial, no mundo acadêmico, nos veículos de comunicação de massa e nas redes sociais.

A literatura de cordel brasileira ganhou mais espaços e desde 2018 foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Existem vários trabalhos acadêmicos sobre Literatura de Cordel no Brasil bem como atrelado ao ensino de História e outras disciplinas. Com objetivo de não apenas alfabetizar, mas do letramento nas diversas ciências escolares, o cordel está mais presente. No banco de dissertações do Programa de Pós-graduação no Ensino de História- PROFHISTÓRIA, existem trabalhos com a temática da literatura de cordel no ensino de História os quais selecionei e irei apresentar algumas de suas metodologias desenvolvidas no ensino juntamente com as experiências que tenho realizado em sala de aula.

2.2 LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO PEDAGÓGICO

Por ser um gênero literário marcado pela cultura popular, o cordel apresenta identidades dos povos por meio de temas relevantes que são problematizados em seus folhetos e que contribuem para o conhecimento do indivíduo.

A literatura de cordel está presente desde o início da colonização brasileira e a cada tempo oferece aos apreciadores uma função que mesmo sem fazer parte do cânone literário ela se perpetua pela sua característica popular. De variados temas, desde analogias a literaturas consagradas aos aspectos de vida social destacando as injustiças, o cordel perpassa pelas comunidades analfabetas através da oralidade e contribui para a alfabetização de muitos brasileiros.

A literatura de cordel contribui como ferramenta importante para o desenvolvimento da leitura. Toda disciplina escolar não somente a Língua Portuguesa tem esse compromisso e se tratando da História, além dos seus próprios objetivos a disciplina também perpassa pela competência leitora de seus alunos.

O cordel por ter linguagem em forma de versos e rimas o alunado consegue compreender com mais facilidade do que textos escritos em prosa (Lacerda; Neto, 2010). A questão da leitura e sua compreensão torna o cordel como uma ferramenta de ensino que não sai da moda, ou seja, desde os primórdios literatura de cordel no Brasil ajudou no processo de leitura seja por meio da memorização e na sua declamação. Lacerda e Neto (2010, p.226) pontua

O cordel é um recurso que não apresenta grandes dificuldades de compreensão para os alunos, já que a sua linguagem é em forma de versos rimados. A maioria dos folhetos de cordel tem rimas nos formatos de sextilhas, com o segundo, o quarto e o sexto versos rimando entre si. Essa linguagem da poesia de cordel é mais fácil de ser compreendida do que, por exemplo, um texto em prosa.

Com a acessibilidade de leitura, o cordel é conhecido, divulgado e escrito em várias regiões de nosso país, trazendo temas que ajudam a compreender um passado histórico bem como a identidade cultural de um povo. E essa diversidade de temas que são explorados nos cordéis mostram a pluralidade que temos inclusive dentro das salas de aulas como cor, classe social, gênero, cultura e identidades. Ou seja, temas diversos podem ser explorados através da literatura de cordel a partir de um olhar multicultural do ensino.

A literatura de cordel abarca a ideia de como tornar a cultura um eixo central do processo curricular e como conferir uma orientação multicultural às suas práticas. Antônio Flávio Barbosa Moreira e Vera Maria Candau no artigo “Educação escolar e culturas: construindo caminhos” do ano de 2003, destacam a importância da cultura no mundo contemporâneo e

apontam que a escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença e assim silencia-se e neutraliza-se para a homogeneização e padronização.

Ivor Goodson (2007) alerta que precisamos mudar nosso currículo prescritivo para um currículo de identidade narrativa que gere inclusão e não a exclusão, ou seja, um currículo contextualizado na escola. Há a preocupação também do futuro social dos alunos, pois através de um currículo baseado somente em conteúdos e não em histórias de vidas haverá fracasso pois o aluno não se sente envolvido.

Gimeno Sacristán (2001) define o modelo cultural da educação escolar de uma tradição monocultural onde prevalece uma homogeneização da cultura. O diferente, o subalterno quase sempre aparece de forma folclórica apenas em datas comemorativas. Com a introdução da literatura de cordel como ferramenta pedagógica pode-se trabalhar diversos temas ao longo do ano com variadas intenções do professor, assim Sacristán (2000, p.65) define

Antes de mais nada, se o currículo é uma prática desenvolvida através de múltiplos processos e na qual se entrecruzam diversos subsistemas ou práticas diferentes, é óbvio que, na atividade pedagógica relacionada com o currículo, o professor é um elemento de primeira ordem na concretização desse processo.

Sendo a literatura de cordel um gênero textual advindo das camadas populares e abordando diversos temas que de certa forma identificam nossos alunos por serem parte de suas realidades o cordel torna-se uma ferramenta pedagógica para abrir espaços para a diferença, para a diversidade e para o cruzamento de culturas que é o grande desafio a enfrentar nas escolas públicas brasileiras.

Em trabalho anterior com literatura de cordel na sala de aula, no ensino de História ao qual menciono no corpo desta dissertação em turmas de EJA, pude notar a variedade de temas escolhidos pelos alunos, na ocasião, uma vez que deixei em aberto a memória local do município de Igarapé-Açu a qual eles iriam pesquisar. Personagens importantes, festas populares, festa religiosa, lugares de memória, paisagens naturais foram temas de cordéis. Com as leituras orantes todos puderam identificar do que se tratava por fazer parte da identidade local. Logo, a produção cordelista vinda desses alunos por meio de investigação de memórias representou a identidade e a diversidade cultural local, o que facilitou o letramento histórico.

A literatura de cordel enquanto ferramenta didática trabalha também a identidade que é tão importante para o ensino de História. Conforme aponta Lana Mara de Castro Siman (2015), a formação do pensamento histórico dos alunos se dá ao abordar temas de forma que eles possam se reconhecer e reconhecer traços, vestígios presentes em seus ambientes de vida que testemunhem outros tempos, tecendo relações entre as temporalidades.

A literatura de cordel consegue chegar perto das realidades e das narrativas pessoais dos alunos, aguçando até mesmo a curiosidade em querer saber mais. Pelo fato de estar mais próxima, a literatura de cordel como ferramenta pedagógica sensibiliza a memória e afeto que é parte imprescindível para que haja aprendizado e envolvimento.

Um cordel que se destacou em minha experiência com a literatura no ensino de História em 2022 da aluna Joice Brito que trouxe a memória de uma personagem importante para a população de Igarapé-Açu, o primeiro pároco da cidade chamado Padre Calado:

Uma vez por ano
Tem homenagem ao Padre Calado
Por seu carinho a cidade
No dia 24/06 se tornou feriado

Tem até uma estátua em seu nome
Para que seja sempre lembrado
Quando ainda vivo
Andava por toda a cidade

Oferecendo ajuda
Pra quem tinha necessidade
Era muito respeitado
Por sua humildade

A aluna trouxe a imagem do antigo pároco da cidade de como ele agia, como ele é ainda lembrado e sobre uma estatueta que existe dele na cidade que fica localizada na praça em frente a Igreja Matriz de São Sebastião. Percebe-se que a figura do padre ainda é presente não apenas pela estátua, mas pelas benfeitorias que o povo não esquece, apesar de ele ter vindo para o município no início da formação da cidade no início do século XX.

Outro cordel do aluno Victor Júnior fala sobre o meio ambiente da cidade, o aluno verifica essa paisagem que mudou e se transformou:

Igarapé-Açu
Grandes fontes assim tu és
Hoje a água dá tão pouca
Mal dá para molhar os pés
Acabaram com o que tinha
O Açu é uma historinha
Só se lê Igarapé

Neste trecho é observado a natureza e o meio ambiente relacionado aos igarapés da cidade. O aluno verifica que os grandes igarapés sofreram desgaste e hoje se encontram menores. A identidade de Igarapé-Açu como podemos observar pelo próprio nome é da presença de igarapés, logo o cordel traz essa ideia do conhecimento de algo natural do lugar, gerando uma melhor compreensão dos fatos.

Todos esses cordéis contaram com a ajuda na escrita da professora de Língua Portuguesa da turma. Na ocasião, a professora trabalhou sobre o gênero literário do cordel bem

como sobre sua composição. A interdisciplinaridade se torna importante como prática capaz de gerar aprendizagem significativa para os alunos segundo Seffner (2013, p.25):

Uma boa atividade de ensino de História deve prever um relacionamento com outras disciplinas, não necessariamente todas e não necessariamente o tempo todo. Por vezes, é mais adequado e operacional que façamos pequenas parcerias, com dois ou três professores no máximo, para que eles abordem alguma particularidade do tema que estamos trabalhando em suas aulas.

Maria Ângela de Faria Grillo (2003, p.117) afirma que “o folheto de cordel se transforma numa rica fonte de pesquisa para a história, para a sociologia, para a antropologia e para a literatura”, ou seja, a interdisciplinaridade com o uso de cordel é um caminho para a construção do conhecimento.

O mesmo aconteceu com a questão da Xilogravura, cada cordel desenvolvido teve uma produção artística, porém de forma adaptada. A professora de Artes fez uma oficina onde apresentou a Xilogravura, mas utilizou o isopor, criando a isopor gravura que é uma técnica que imita o processo da xilogravura.

Imagem 13 – Capa de livreto em Isopor gravura



Fonte: Produção de alunos, 2022.

Esta arte representa a antiga Base Aérea de Igarapé-Açu, inclusive o texto desta capa se encontra dentro do primeiro capítulo desta dissertação. Então, além da linguagem escrita, da oralidade, da abordagem de temas variados, da pesquisa e do uso de memórias, temos também a arte que acompanha a Literatura de Cordel, a xilogravura, que pode estar sendo adaptada como mostra a imagem acima.

Outra disciplina que também colaborou neste processo foi a Sociologia. O professor de Sociologia interveio com introdução de textos e debates sobre violência e economia, assuntos importantes para a sociedade:

A violência contra as crianças
é algo triste na sociedade
Isso ocorre até hoje

Muito por conta da impunidade
Se a violência não existisse
Todos cresceriam com dignidade

Tem formas de prevenir
Só tem que denunciar
Para proteger a criança, o Conselho Tutelar
Pois só denunciado
pelo crime o acusado pagará

Este cordel acima fala sobre a denúncia contra a violência infantil. O aluno Evison Garcia expõe a impunidade, mas também alerta para a proteção da criança e como denunciar através de órgãos competentes.

Mais um cordel sobre problemas sociais, foi sobre a economia do país. Nota-se que a disciplina de Sociologia explanou temas mais abrangentes que não estão apenas inseridos no local, mas sim como um todo. Porém são inerentes às realidades dos educandos e importantes a serem pensados.

Economia

Vou falar de um assunto
Juro que eu não queria
Mesmo tendo tantos outros
Tem que ser de economia
Professor escolhe o tema
Não vejo nenhum problema
Pois se ouve todo dia.

É um tema conhecido
A vilã dos brasileiros
O que todo mundo sente
É a falta do dinheiro
Você espreme o bolso
É aquele alvoroço
De janeiro a janeiro

O cordel acima de autoria de Victor Júnior fala sobre economia e retrata os “apertos” e a falta de dinheiro que muitos brasileiros sofrem. Como é colocado na escrita do cordel, falar de economia é algo pertinente e faz parte da vida social de todos juntamente com a falta de trabalho e oportunidades. O aluno não chega a expor, mas poderia ser tratado no corpo do texto. Destarte, a intenção em trabalhar literatura de cordel não é criar pequenos escritores, mas que os alunos possam desenvolver através da linguagem escrita possíveis letramentos.

Portanto, a literatura de cordel é uma ferramenta pedagógica muito relevante para o ensino nas escolas brasileiras. Dependendo como e com qual intenção podemos usar metodologicamente o cordel. No ensino de História temos um leque de possibilidades com textos prontos de cordel ou com pesquisa e escrita pelos alunos de seus próprios cordéis e com diversos temas e objetivos a serem alcançados

2.3 LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA

De acordo com a BNCC (2018) o ensino de História “é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documentos (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram”.

Por esta perspectiva trabalhar com a literatura de cordel como fonte histórica e documento, apresenta-se como uma importante estratégia de ensino, uma vez que reúne informações, memórias de um passado e presente do poeta que viveu ou vive determinado fato histórico e que permite uma visão mais ampla dos alunos acerca do conhecimento histórico.

Literatura de cordel no ensino de História é importante a utilização deste gênero para a alfabetização, melhoramento da leitura, memorização, para compreensão de fatos passados e do presente, para a reflexão cultural e identitária, além de envolver os educandos a uma realidade mais próxima.

Em sua dissertação de mestrado “Cordelizando o meu bairro: uma narrativa sobre Cajueiro Seco”, Souza (2020) desenvolveu por meio de projetos interdisciplinares uma pesquisa sobre o bairro Cajueiro mostrando aos alunos que o local onde moram é uma fonte de conhecimento, procurando fomentar o sentimento de pertencimento e como produto construíram coletivamente um cordel. A autora destaca ainda que a literatura de cordel apesar de ser bastante conhecida não era explorada na escola e que pela capacidade de se trabalhar diversos temas, a construção de um cordel foi bastante produtiva.

Para alcançar seu objetivo, que era possibilitar que os alunos se apropriassem da história e compartilhassem a perspectiva deles sobre o bairro, Souza (2020) realizou junto com seus alunos entrevistas com familiares e/ou amigos mais velhos sobre a história do bairro com intuito de encontrar moradores mais antigos do bairro e trazê-los para uma roda de conversa com os alunos.

O resultado não foi como o esperado pois obtiveram respostas de aspectos atuais do bairro e leituras que já se tinham em relação ao passado do bairro. A autora segue relatando as dificuldades de se trabalhar com fontes orais.

Com o prosseguimento do projeto foram exibidos vídeos como de Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana, chamado “O perigo de uma história única” onde alerta-se sobre a importância da diversificação das fontes proporcionando um debate enriquecedor e

apresentação do site da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional para pesquisarem outras narrativas do bairro Cajueiro Seco.

Outro aspecto positivo do trabalho é a exploração de diferentes fontes sobre o bairro e constatar que a história do lugar é importante para seus moradores. Para a autora, além da variedade temática, o cordel tem como característica importante a de refletir a realidade social do seu tempo.

Tal proposta fomentou com minha problemática inicial que é utilizar a literatura de cordel como linguagem e fonte histórica no ensino de História Local, que a partir de narrativas e do sentimento de pertencimento local facilita a escrita da literatura de cordel e da compreensão dos fatos para os leitores desse produto literário. Desse modo, segundo a autora, “por possuir uma linguagem simples devido aos versos rimados, o cordel tem uma linguagem de fácil compreensão, o que faz com que a sua leitura seja agradável e acessível para todas as faixas etárias”.

Por essa característica da linguagem do cordel ser simples e de fácil compreensão Santos (2018) em sua dissertação “Utilização do Cordel como ferramenta para o Ensino de História: Conceitos, repertórios e experiências” construiu um cordel intitulado por ele de “História Antiga em Cordel” onde tratou do assunto da História Antiga. De forma lúdica e por meio das rimas, buscou o desenvolvimento de sua leitura, interpretação e escrita.

O professor autor utilizou palavras já conhecidas pelos alunos e reportou também lugares como rios locais da região nordeste, local onde moram, para contextualizar o cordel naquilo que já havia trabalhado antes que é a História Antiga como forma de revisão. Ele destaca pontos positivos em sua estratégia de ensino de história com literatura de cordel como por exemplo, a maior participação dos alunos nas aulas.

Além de apresentar seu cordel nas aulas, os alunos também puderam escrever seus próprios cordéis exercitando sua criatividade e percorrendo sobre os temas sugeridos conforme diz o autor. Os textos produzidos continham relatos vividos pelos alunos além de questões importantes em nossa sociedade como machismo, violência e a economia regional.

Santos (2018) conclui que o cordel não deve ser visto como obra que irá para a sala de aula formar a opinião dos alunos, mas elemento de discussão no processo de construção do conhecimento e dos saberes históricos.

Segundo a BNCC (2018, p.416) o segundo procedimento do ensino da história nos anos finais do ensino fundamental consiste

Pelo desenvolvimento das condições necessárias para que os alunos selecionem, compreendam e reflitam sobre os significados da produção, circulação e utilização de

documentos (materiais ou imateriais), elaborando críticas sobre formas já consolidadas de registro e de memória, por meio de uma ou várias linguagens.

Para a BNCC (2018) os documentos são portadores de sentido, permitindo ao aluno formular problemas e colocar em questão a sociedade que os produziu. Sendo assim, ao trabalhar literatura de cordel no ensino fundamental nas aulas de História espera-se que o aluno desenvolva a capacidade de identificar, interpretar, analisar, criticar e compreender as formas de registro.

Desta forma, as maneiras como trabalharam a literatura de cordel no ensino de História foi de aproximação dos alunos com as leituras que trazem temas de suas vivências sociais e que a partir dessa leitura contextualizar-se dos fatos históricos, promove a investigação histórica, cria-se a noção de temporalidade e melhora a leitura, escrita e interpretação, facilita a memorização e estímulo à criticidade.

A literatura de cordel no ensino de História baseia-se em uma forma alternativa de linguagem e informação além do livro didático e das versões ditas oficiais da História por capturar e oportunizar experiências sociais vividas pelo poeta de dada sociedade no tempo.

CAPÍTULO 03: SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL.

Nossos adolescentes também detestam a História. Voltam-lhe o ódio entranhado e dela se vingam sempre que podem, ou decorando o mínimo de conhecimento que o ponto exige ou se valendo lentamente da cola para passar nos exames. Damos ampla absolvição à juventude. A História como lhes é ensinada é realmente odiosa.

A epígrafe de Murilo Mendes (1935, p.41) muito me chamou a atenção ao ler o texto de Elza Nadai (1993) em uma das primeiras disciplinas do curso da Pós-Graduação no Ensino de História pois a autora nos deixa claro a preocupação que ainda temos na atualidade de se construir e pôr em prática um currículo de História mais significativo para nossos alunos.

O antagonismo entre ensino tradicional e metodologias ativas trazem possibilidades de práticas metodológicas mais planejadas e elaboradas. E nesse ínterim da prática docente e ensino é verificado quais estratégias estão mais de acordo com as realidades da sala de aula. No entanto, é necessário que o professor se perceba de fato como provedor dessa inquietação dos ensinos e que consiga extrair desse jogo de forças antagônicas um ensino cada vez mais adequado e inteligível para os alunos.

Com as experiências do ensino tradicional de uma História eurocêntrica e quadripartida assolada no quadro negro, memorização, atividades isoladas e sem criticidade fui modificando

as aulas de História com passeios, história local, criticidade de fontes e o não uso excessivo do quadro.

Percebi que essas mudanças na sala de aula no ensino de História são realmente uma luta, mas que deve ser encarada na esperança de mudar, ou seja, de ser “aceita” assim como o ensino dito tradicional.

Nesta pesquisa de dissertação adotei para minhas aulas de História a metodologia da sequência didática com objetivos de investigar memórias locais e desenvolver o letramento histórico.

A sequência didática de acordo com Freitas e Oliveira (2022) ela projeta o que deve acontecer com o comportamento do docente e, sobretudo, o comportamento do discente dentro de determinada lógica de aprendizagem, a partir de determinada expectativa de aprendizagem.

Para Zabala (1998) a sequência didática é um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos.

Desta forma, as SD devem ser planejadas de acordo aos objetivos de ensino que o professor deseja alcançar com seus alunos de maneira que eles saibam os caminhos que deverão ser percorridos.

A SD neste ponto difere do plano de aula pelo material de apoio e pelo fato de ter sido estruturada com atividades encadeadas uma seguida das outras, como aponta Zabala (1998) a ideia de um percurso a ser trilhado pelo aluno e previamente definido pelo professor.

Na pesquisa desenvolvida com as turmas do 8º ano do ensino fundamental na escola que leciono as aulas foram pensadas e elaboradas a durar um bimestre, num total de 12 aulas semanais. Iniciei lembrando o que são as fontes históricas e sua importância para o ensino de História, promovi busca de fontes históricas no entorno dos estudantes, entrevistas investigativas e finalizei com produção textual baseada na Literatura de cordel e a técnica de isopor gravura como linguagens, dentro de um material que nomeei “Caderno do Aluno”.

Este Caderno do Aluno entreguei aos alunos das turmas participantes da pesquisa e eles puderam levar para casa para a realização de atividades extraclasse como o da pesquisa de fontes pessoais e a entrevista com o familiar. O material foi devolvido a mim quando acabamos o 3º bimestre e cada estudante obteve sua média do bimestre a partir de sua participação nas atividades propostas.

Aulas	Situação didática	Conteúdos	Recursos
1 e 2	Aula expositiva. Atividade extra-classe.	Fontes históricas.	Caderno do aluno e caneta.
3 e 4	Auto avaliação. Aula expositiva.	Fontes históricas. Entrevistas.	Caderno do aluno e caneta.
5 e 6	Socialização das entrevistas.	Entrevistas.	Caderno do aluno.
7 e 8	Exibição de Vídeo. Aula Oficina.	O que é Literatura de Cordel. Produção	Exibição do vídeo “Literatura de Cordel” disponível no site: https://youtu.be/n2VMwjOYBdI
9 e 10	Exibição de Vídeo Oficina de Isopor gravura	Xilogravura. Isopor gravura, técnica que imita a xilogravura.	Exibição de vídeos sobre a Xilogravura disponíveis nos sites: https://youtu.be/f1XrCCiqyh_c https://youtu.be/MyedINjXvw4 Isopor, tinta de tecido preta, pincel, tesoura e lápis.
11 e 12	Exposição.	Socialização dos cordéis na sala de aula.	Caderno do aluno e caneta.

Fonte: Da autora, 2025.

Esse material didático foi elaborado de acordo com a historicidade local do Município de Igarapé-Açu, permitindo análises de fontes, pesquisa investigativa com entrevistas e criação textual baseada na Literatura de Cordel. Todas as atividades estavam entrelaçadas e foram seguidas num percurso com objetivo de oferecer o letramento histórico para os alunos a partir do local.

Realizado o Caderno do Aluno surgiu a necessidade de planejar um Livreto para o Professor com SD para o ensino de História no Ensino Fundamental. Este material pedagógico é o produto desta dissertação. Nele, apresento a História Local como núcleo formador para o desenvolvimento do letramento histórico escolar.

3.1 –APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA E METODOLOGIA ADOTADA: O CADERNO DO ALUNO

A ideia de uma sequência didática voltada como Caderno do Aluno surgiu de acordo a alguns fins como: abarcar a ausência de livros didáticos na escola para a série trabalhada que foi o 8º ano do ensino fundamental, a falta de temas locais no currículo real, incentivar a pesquisa por parte dos alunos, despertar a curiosidade e a criticidade pelos conceitos e fatos históricos, aproximá-los à História, compreenderem os tempos históricos e facilitar esses estudos.

Trazer o Caderno do Aluno de fato foi uma novidade. Como toda sequência didática, nas primeiras aulas mostrei aos alunos os objetivos das SD que íamos desenvolver no 3º bimestre do ano de 2024. Os olhares foram de inquietude, de indiferença e medo à novidade e neutralidade sem muito a entender ainda o que ia acontecer.

Notei que esses olhares não despertaram uma otimização pelo fato de ser o “novo” e não o tradicional da cópia da lousa no caderno. Os alunos ouviram com atenção as informações iniciais contidas no caderno do aluno e em seguida iniciamos as atividades. Tudo normal até as próximas aulas.

Nas aulas seguintes tentei mudar a ordem de como as carteiras eram dispostas na sala de aula. Ao invés de fileiras pedia para eles que formassem um círculo para que todos pudessem participar, falando, lendo ou ouvindo quando necessário e realizando as atividades propostas para sala de aula, propiciando um ambiente formador.

Imagem 15 – Estudantes desenvolvendo atividades do Caderno do Aluno com carteiras em forma circular.



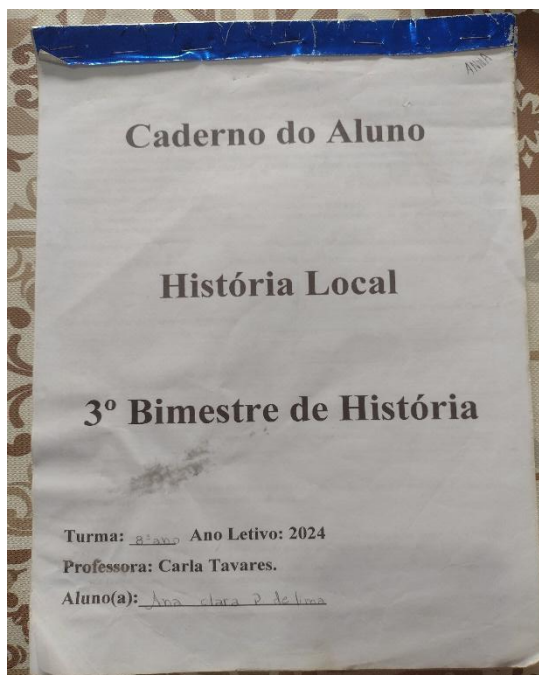
Fonte: Da autora, setembro de 2024.

Houve resistências quanto à forma disposta do ambiente da sala de aula não apenas para os estudantes da turma pesquisada como inclusive para aqueles “curiosos” que passavam pelos corredores. Um deles me chamou atenção pelo fato de comparar a roda de estudo com roda de “macumba”, o que nos deixa claro os preconceitos e os estereótipos que se criam no ambiente escolar de que apenas o ensino tradicional de carteiras enfileiradas e lousa cheia seriam o modelo ideal de aula.

Um dado que se comprove a questão tradicional foi uma escuta na “Semana da Escuta das Adolescências” realizada no final do primeiro semestre de 2024 com as turmas do ensino fundamental da disciplina “Projeto de Vida” onde ficou determinado pelos estudantes do 8º e 9º anos que “os conteúdos que fazem os estudantes se desenvolverem mais para a vida” seria com 51% das respostas às “disciplinas tradicionais” e o “estudo individual”, ou seja, para a maioria dos estudantes da escola pesquisada as disciplinas tradicionais e seus conteúdos bem como estudar sozinhos são responsáveis pelo desenvolvimento da vida dos estudantes.

Assim, é notório as dificuldades de “aceitação” por parte dos alunos em desenvolver atividades diferentes, no entanto é fundamental inserir essas atividades para melhorar o ensino de História nas escolas. Ao final das atividades do Caderno do Aluno percebi que alguns desejavam outro material na justificativa de que era melhor, pois já estavam as atividades e com o retorno de aulas sem o Caderno do Aluno eles precisavam copiar seus textos e atividades em seus cadernos.

Imagem 16 – Retorno do Caderno do Aluno



Fonte: Da autora, 2024

Além da facilidade que o Caderno do Aluno apresentou para os alunos na otimização do tempo de aula, ele também trouxe aspectos sugeridos pela BNCC (2018), atividades extraclasse onde puderam fazer em casa com seus familiares, obtendo ajuda na resolução, material para entrevista com algum familiar, autoavaliação para o aluno para saber o que ele aprendeu de novo e o que ele já sabia, uma espécie de termômetro educacional que serve para avançar ou não nas atividades sabendo o que os alunos acharam das aulas e vendo possibilidades de melhorar em alguns aspectos, sugestão de vídeos para assistir sobre Literatura de Cordel, Xilogravura, espaço para a escrita de um cordel e uma ficha avaliativa somativa para gerar uma média avaliativa ao final do bimestre como se pede o sistema de avaliação da SEDUC-PA.

Com o Caderno do Aluno pude perceber que as aulas de História foram mais bem recebidas pelos alunos e compreendida por estarmos falando de histórias que fazem parte das suas vidas sobretudo por virem de suas famílias. A aluna Clara respondeu a atividade:

Bom, eu até gostei destas aulas. Aprendi histórias novas e me diverti bastante ouvindo as histórias de todos. Eu adorei esse estilo de aula. Achei bem legal. Aprendi bastante sobre Igarapé-Açu com as aulas e com os vídeos. Acho que deveriam fazer mais aulas como estas.

A aluna acima destacou que gostou e aprendeu com o estilo da aula, no caso sequencial. A escuta de outras histórias além da sua aumentou o interesse da maioria dos alunos nas aulas de história. Havia silêncio e olhos atentos para cada história que ia ser contada.

Desta forma, o Caderno do Aluno ficou assim dividido, em aulas sequenciais que traziam atividades para serem realizadas em sala de aula e no ambiente familiar.

Nas aulas 1 e 2 os alunos puderam descrever o que são fontes históricas para eles e analisaram letra de uma música de carimbó denominada "Amorcegando o zepelim"¹² do Grupo Carimbora de Igarapé-Açu que retrata características culturais, de formação e econômica do município. Com suas respostas constatei que para grande maioria dos alunos a fonte histórica representa algo antigo. Para a aluna Maria do 8º ano do turno da tarde “Fontes históricas para mim são fotografias antigas, documentos antigos ou algum objeto que já foi utilizado em alguma coisa que já aconteceu há muito tempo”. E para uma aluna Clara do 8º ano turno da manhã “fontes históricas são coisas do passado”.

Como pode-se notar para as alunas, a fonte histórica tem relação somente com o passado e que teve serventia para algo. E assim muitos outros relacionam “a coisas antigas”. No entanto com o desenvolvimento do trabalho, precisamente com as entrevistas realizadas com seus familiares eles vão percebendo que fonte histórica está bastante ligada à sua vida e ao seu tempo presente.

Nas aulas 3, 4 e 5 foram realizadas as entrevistas com os familiares. Os alunos escolheram alguém da família que tivesse mais idade e que pudesse colaborar com as respostas das perguntas contidas no caderno do aluno(a). A maioria dos entrevistados foram avós e pais dos alunos.

Após as entrevistas os alunos puderam socializar na sala de aula os materiais coletados. Foi um momento importante para a percepção de que a história não é única e que faz parte dela. Puderam também observar que algumas memórias são coletivas e que dialogam entre si.

Na aula 6 levei para sala de aula vários livretos de cordéis pessoais meus e apresentei um vídeo explicativo sobre o que é Literatura de Cordel bem como aproveitei e li para eles alguns cordéis dos livretos. Nesta aula os alunos tiveram contato direto com a Literatura de Cordel.

Na aula 7 conhecemos por meio de vídeos a arte da Xilogravura e depois apresentei a eles uma pequena oficina sobre a técnica que substitui a xilogravura em sala de aula, o isopor gravura. Levei materiais necessários e todos puderam colocar em prática.

Na aula 8 os alunos começaram a escrever seus cordéis de acordo com as suas entrevistas. Cada aluno foi convidado a escrever seu cordel. Não foi fácil, muitos prosseguiram até a aula 9.

¹² A letra da canção se encontra no Apêndice B, no Caderno do Aluno.

A aula 9 foi destinada a confecção de arte em isopor gravura, mas teria que ser conforme seu tema de cordel. Aqui, muitos ainda estavam finalizando seus cordéis. Levei o material que foi utilizado e todos puderam desenvolver a sua arte.

Na aula 10 fizemos roda de conversa sobre a sequência didática desenvolvida pelo caderno do aluno(a) para pensarmos acerca das impressões das atividades sugeridas. Após a conversa os alunos puderam relatar de forma escrita a última atividade do caderno e entregaram para finalizar a avaliação bimestral.

Nas aulas 11 e 12 foram lidas de forma descontraída os cordéis em sala de aula.

A escrita dos cordéis pelos estudantes foi fundamental para a concretização de outro material didático elaborado também em SD, que denomino Livreto do Professor. A partir das entrevistas realizadas junto familiares dos alunos eles puderam obter informações sobre a formação de Igarapé-Açu e com as aulas da SD desenvolver a escrita na linguagem do cordel.

3.2 – A ESCRITA DE CORDÉIS PELOS ALUNOS E O DESENVOLVIMENTO DO LIVRETO DO PROFESSOR(A)

Com a experiência desenvolvida nas turmas de 8º ano do ensino fundamental de trabalhar com uma sequência didática em um caderno para o aluno é que surgiu a proposta de proposição final para esta dissertação que é um material didático direcionado aos professores e consequentemente aos alunos, ou seja, um livreto para o professor(a). E com essa experiência concreta ficou bastante evidente que através da SD temos mais uma maneira entre tantas de atingir mais o ensino-aprendizagem de nossos alunos.

Por ser uma metodologia ativa que atua no despertar da busca de mais conhecimentos embora nem sempre esteja incorporada com atividades tecnológicas e atuais, a SD cria maneiras para ocorrer o letramento histórico tão almejado pelos professores(as) de História e uma nova perspectiva sobre o ensino de História, sendo bem contextualizada com as realidades dos educandos e não seja mais a vilã das ciências, a matéria chata e entediante, mas aquela seja significativa aos alunos.

A experiência em sala de aula durou um bimestre, o que correspondeu a aproximadamente 12 aulas de História. Ao final de todas as atividades encadeadas umas às outras chegou o grande momento em que o aluno iria produzir através da linguagem escrita e não escrita um cordel cujo tema principal seria sua entrevista com um familiar e a criação de um isopor gravura que correspondesse com a escrita.

Escrever um cordel por mais que a sua escrita seja simples requer concentração e propriedade do tema e nem sempre é uma tarefa tão fácil a ser feita por alguns alunos principalmente aqueles que não tem domínio da leitura e escrita.

A escrita foi saindo, fui alertando nas rimas e que não se perdessem de suas entrevistas. Alguns cordéis ficaram totalmente dispostos com as entrevistas enquanto outros fugiram da proposta. De um total de 51 alunos matriculados nas duas turmas do 8º ano nos turnos manhã e tarde, 37 alunos participaram das aulas, mas apenas 26 alunos conseguiram escrever cordéis e terminar todas as atividades do caderno do aluno.

Porém dentre esses 51 alunos que contam matriculados somente 41 estavam frequentando as aulas durante este bimestre letivo o qual ocorreu a sequência didática.

O que se observa a partir destes dados é que o aluno tem dificuldades em escrever, no entanto quando é colocado na condição de produtor ele se esforça e a atividade flui. Não obstante notei também que em quase todas as atividades das sequências didáticas houve resistências por serem diferentes do ensino tradicional ao qual estão acostumados.

É de responsabilidade de todas as matérias a questão alfabetizadora e nossos alunos não conseguem compreender este fato achando que professor(a) de História não pode intervir nesta questão, cabendo apenas ao professor(a) de Língua Portuguesa.

Quanto a feitura dos cordéis ao final das aulas do Caderno do Aluno surgiu variados temas sobre a história de formação de Igarapé-Açu entre os quais destaco: sobre o rio do Pau Cheiroso, sobre o rio Açu, sobre a Maria Fumaça, sobre o Mercado Municipal, sobre tratamento que a Vila de Santo Antônio do Prata oferecia em relação a hanseníase, sobre visagens e sobre a calmaria de outrora que a cidade possuía.

Os alunos trouxeram temas diversificados, no entanto vários deles se cruzaram. Um tema único que me chamou atenção foi de uma aluna, a Luana que trouxe entrevista de sua avó, uma senhora de 73 anos de idade que veio do interior de Igarapé-Açu quando jovem e que precisou fazer tratamento na Vila de Santo Antônio do Prata mais conhecida como Colônia do Prata.¹³

Vinda do interior,
Cheia de esperança e sonhos
Carregando na mala o amor o interior
E a coragem de uma criança
A cidade ainda era pequena
Mas o sonho era gigante

¹³ A Vila Santo Antônio do Prata já foi colônia agrícola que abrigava apenas pessoas com hanseníase. Fundada em 1924, chegou a receber 1.200 pessoas. A política de isolamento obrigatório dos contaminados pela doença acabou em 1986. Fonte: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2023/07/21/pessoas-com-hanseníase-descrevem-cenario-de-abandono-no-colonia-do-prata-em-igarape-acu-no-para.ghtml> Acesso: 24/04/2025.

A família foi crescendo
 Como nossa pequena cidade
 O marido foi a luta
 E para minha felicidade
 As crianças foram estudar
 Agora era certeza que aqui era meu lugar

A tranquilidade de um paraíso
 A vizinhança de todo lugar
 Tinha gente de Belém, Maracanã
 E São Francisco do Pará
 A rua era de piçarreira
 Mas só mato tinha lá

Logo a alegria virou dor
 Uma doença contagiante
 Fui levada para tratamento
 Em uma vila interessante
 Santo Antônio do Prata
 Obrigada por tirar minha dor.

Este cordel retrata também a vinda de uma família que veio em busca de trabalho na cidade de Igarapé-Açu e da felicidade da mãe ver os filhos estudarem, pois ela não o teve, e depois sua tristeza ao adoecer tendo que ir buscar tratamento na Vila Santo Antônio do Prata.

Uma história familiar rara entre tantas outras histórias vindas pelos alunos, mas que faz parte do passado do município de Igarapé-Açu. Tudo isso sendo contado em uma poesia cordelista, com palavras e rimas simples.

Outro tema importante trazido com detalhes foi sobre o trem, conhecido por aqui comumente como Maria Fumaça. A aluna Izabella entrevistou uma moradora da 1ª Vila de Caripi, interior de Igarapé-Açu, onde a mesma disse ser descendente de avós rio-grandenses que se estabeleceram na região.

Moro há 60 anos aqui neste lugar
 Devido meus avós que vieram pra cá
 minha mãe teve 9 filhos e nos criou na roça
 quando eu ia pra escola no centro da cidade
 o transporte que eu andava era a maria fumaça
 e as faíscas faziam buracos no meu vestido

Pode-se notar que nem sempre os alunos tecem as rimas, mas justifico que o tempo da pesquisa e as dificuldades na escrita contribuíram para esta deficiência na produção dos cordéis. Mesmo não sendo cordelistas profissionais a mensagem vinda por meio das entrevistas e colocadas no papel é de suma importância para o ensino de História.

Neste cordel acima é retratado com aspectos reais uma memória sobre o andar na Maria Fumaça. Outros alunos que falaram sobre a Maria Fumaça ou o trem como algo que ouviram

falar e neste em específico a entrevistada relata algo que viveu na realidade quando lembra dos buracos que ficavam em seu vestido com as faíscas do fogo que saíam do trem.

A partir destes temas apresentados pelos alunos eu pude pensar nas temáticas que abordassem cada série/ ano do Ensino Fundamental para a realização do Livreto do Professor(a). Desta forma, outros cordéis com outras temáticas farão parte do Livreto do Professor(a) para serem explorados com atividades que dialoguem com o tempo presente do aluno.

3.2.1 – História e fontes históricas

A introdução no 6º ano do ensino fundamental à disciplina História perpassa por algumas dificuldades no quesito de transição de um ensino para o outro e às vezes até mesmo de escola e instituição de ensino. Conforme Fernanda Granja Moreno (2021) em sua dissertação intitulada “Ensino de História no 6º ano: a prática docente entre questões e possibilidades” existe a relação entre afetividade e aprendizagem, uma característica evidenciada na cultura escolar dos professores das séries iniciais e ausente na cultura escolar dos professores do segundo segmento.

Nota-se também uma complexidade da transição de uma etapa de ensino para outra etapa tanto no que diz respeito à formação dos professores de Educação Geral Básica para os de graduação em História, então ao introduzir o assunto o que é História e sobre fontes históricas o professor(a) de História deve se atentar para aproximar as realidades de seus alunos se utilizando da História local que abarca mais a questão de pertencimento e afeto pelo local propiciando um maior envolvimento com a disciplina.

Neste sentido, o material apresentado para o 6º ano do ensino fundamental como sequência didática visa compreender o significado de História enquanto ciência e disciplina escolar a partir da História Local do município de Igarapé-Açu. Através das concepções e exemplos de fontes históricas do seu entorno os alunos serão conduzidos a pesquisar juntos seus familiares, fontes históricas pessoais e memórias acerca de seu local.

Os procedimentos dessa sequência didática são os seguintes: análise da Xilogravura inicial, apresentação da SD, as etapas da SD, e segue com os materiais de apoio como cordéis sobre o tema da SD, aulas expositivas e seus conceitos, atividades de pesquisa, investigação, entrevista com professor de História sobre o tema, atividades em sala de aula, exibição de

vídeos, escrita de cordel em dupla e para finalizar uma autoavaliação sobre a SD e a sua participação nas aulas bem como o que aprendeu, gostou e suas dificuldades para ajudar o trabalho do professor(a) nas próximas atividades a melhorar..

A SD “História e Fontes Históricas” é destinado para turmas de 6º ano e deve-se iniciar com o professor(a) apresentando aos educandos exemplos concretos e reais de origem pessoal de fontes históricas. Nesse momento pretende-se que o aluno ao visualizar esses objetos possa compreender que as fontes históricas e a história fazem parte de sua vida e que não é tão distante assim. Depois apresentará a xilogravura que abre a seção da SD que é a imagem do Mercado Velho, talvez a maioria dos estudantes irão identificar. Ao apresentar a xilogravura indagar a que ela se refere, se eles já frequentaram o espaço e o que sabem de sua história para o município e explicar que o Mercado Velho faz parte das fontes materiais

No segundo momento a turma deverá ler o material de apoio que fala sobre conceitos de fontes históricas e resolver a atividade. Depois o professor deverá repassar uma atividade extraclasse para que juntos de seus familiares procurem exemplos de fontes históricas e construam um mapa mental, mas antes explique como se faz um mapa mental podendo entregar um exemplo para cada aluno.

Essa terceira parte da SD é a parte de caráter investigativo e muito importante para o ensino aprendizagem dos alunos pois irão buscar e compreender o que realmente são fontes históricas e perceber que a sua história de vida é importante, que ele faz parte da História.

Na quarta e quintas etapas da SD com as apresentações dos mapas mentais sempre se faz necessário a disposição das cadeiras e mesas dos estudantes, a forma circular apresenta uma melhor disposição e a retomada de conceitos pelos próprios alunos sobre Histórias e Fontes Históricas uma vez que o letramento histórico se faz com conceitos, linguagens, temporalidades e conhecimentos históricos.

Na sexta etapa, após a leitura dos cordéis, temos uma atividade que explora a história local em busca de saber os conhecimentos dos estudantes e promover um ensino de história local. Para aqueles alunos que porventura não conhecem por não serem nascidos no município ou simplesmente por não terem mesmo esse conhecimento, os cordéis com sua leitura de fácil compreensão, com trecho da entrevista ao lado e a autoria do cordel vai estimular a curiosidade em querer saber mais sobre o lugar.

De acordo Pereira e Seffner (2008) o uso de documentos pode contribuir para a criação de uma empatia dos alunos com sua própria realidade, neste caso o uso da leitura da literatura de cordel irá ajudar no processo de identificação local.

A SD permeia também pela aula passeio. Esta aula irá possibilitar uma visita ao centro da cidade no antigo Mercado Municipal mais conhecido como Mercado Velho que é um patrimônio histórico local, por sua localização e por sediar eventos culturais na cidade hoje em dia, o Mercado Velho é bastante conhecido, mas a sua história de origem talvez não. Então antes de ir até o local com os alunos o professor(a) de história deverá conhecer primeiro e verificar a ida com os estudantes. ao levar os alunos sempre pedir para que façam registros e anotações pois nas próximas aulas iremos utilizar essas informações.

As próximas aulas após a visitação serão para apresentar dois pequenos vídeos e explicar sobre o que é Literatura de Cordel e Xilogravura. Os estudantes já tomaram conhecimento da xilogravura no início desta sequência didática e após a leitura dos cordéis foi apresentado a adaptação do isopor gravura. O professor poderá explicar também após o vídeo ou quem sabe convidar um professor da disciplina de Artes ou até mesmo convidar o artista plástico Silvio Rocha, morador de Igarapé-Açu e ilustrador da SD.

Após apresentados e explicados deve-se pedir que os alunos formem duplas para escreverem seus cordéis. Pedir apenas duas estrofes, pois o tempo será curto. Na última semana a turma em círculo para que todos possam interagir será feita a leitura e o término da avaliação será entregue para cada aluno possa opinar sobre essas aulas. Ao final, o professor(a) dará a ficha avaliativa para que cada aluno possa ver seu desenvolvimento da SD.

Feito todas as etapas durante 8 aulas de História professores e alunos terão concluído a SD. Uma experiência inovadora que vai perpassando por etapas encadeadas e pensadas para atingir o aprendizado do aluno que denomino letramento histórico essa capacidade de interagir, descobrir aprender conceitos novos e sobretudo desenvolver através da linguagem escrita que são os cordéis uma dimensão histórica do seu lugar.

3.2.2 – A Sociedade brasileira

Nesta seção o tema é voltado para as turmas de 7º ano do Ensino Fundamental e o tema gerador é A Sociedade Brasileira focando na formação do município de Igarapé-Açu. Os alunos

irão investigar junto a seus familiares memórias sobre essa formação, inclusive memórias familiares com pesquisas mais voltadas à história de vida dos próprios alunos.

Os procedimentos dessa sequência didática são os seguintes: análise da Xilogravura inicial, apresentação da SD, as etapas da SD, e segue com os materiais de apoio como cordéis sobre o tema da SD, aulas expositivas e seus conceitos, atividades de pesquisa, investigação, entrevista com professor de História sobre o tema, atividades em sala de aula, exibição de vídeos, escrita de cordel em dupla e para finalizar uma autoavaliação sobre a SD e a sua participação nas aulas bem como o que aprendeu, gostou e suas dificuldades para ajudar o trabalho do professor(a) nas próximas atividades a melhorar.

Logo nas duas primeiras aulas os alunos terão a leitura do cordel 01 que fala da formação da cidade através das três raças a branca, indígena e negra e a partir dessa leitura resolveram atividades na sala de aula instigando o cordel e suas realidades, fazendo-os perceber que ainda estão presentes essas memórias dos imigrantes nordestinos e europeus que vieram trabalhar na Estrada de Ferro, dos Tembés que aqui viviam e também da participação dos negros fugitivos do estado do Maranhão que formam hoje uma Comunidade Remanescente de Quilombolas mas bastante ausentes da História da sociedade Igarapé-açuense, portanto a SD direcionará a uma Aula Passeio até esta Comunidade para que possam visualizar de perto e ouvir as histórias e memórias desse povo.

Outra parte importante é a questão religiosa presente na cidade de Igarapé-Açu que é centenária e ocorria antes da criação do município pelos povos indígenas que é o culto a São Sebastião, padroeiro do município. A SD irá mostrar aos alunos que essa festa engloba o profano e o religioso. teremos dois pequenos vídeos, um mostrará a devoção ao madeiro de São Sebastião e outro vídeo uma procissão católica pelas ruas da cidade. Neste momento será interessante verificar na turma mesmo aqueles que não são católicos o que eles trazem de memórias da Festividade de São Sebastião uma vez que é considerado Patrimônio Cultural de Igarapé-Açu.

Ao final das atividades, o professor(a) apresentará vídeos e explicará sobre Literatura de Cordel e a Xilogravura, o aluno já foi apresentado na primeira aula a arte de Silvio Rocha com a imagem do mastro de São Sebastião. Nestas aulas finais terão que desenvolver em duplas apenas duas estrofes de cordel sobre a formação de Igarapé-Açu. os estudantes estarão munidos de muitas informações acerca deste tema e terá capacidade dessa produção além de criarem

suas isopor gravuras. Sugere-se que o professor(a) de História conecte da melhor forma possível essas estrofes e possa concluir em um único cordel da turma.

3.2.3 – História e meio ambiente

A terceira SD do livreto do Professor(a) com o tema “História e Meio Ambiente” é direcionada para as turmas do 8º ano do ensino fundamental. Este tema, é muito importante nos dias de hoje e a História vem discutir as mudanças e permanências além de visualizar problemas associados ao meio ambiente bem como pensar essas realidades e refletir ações de conservação ambiental.

Trabalhar a temática do meio ambiente se faz muito importante no cenário atual principalmente no ano da COP 30 onde o Estado Pará é palco de discussão sobre clima e sustentabilidade com países e territórios como no nosso caso, amazônico. Pensar no meio ambiente é necessário para a preservação das florestas e o combate aos efeitos das mudanças climáticas.

A Seduc-PA ofereceu o componente de Educação Ambiental, Sustentabilidade e Clima no ano de 2024 em toda rede estadual de educação básica e com esta nova disciplina espera-se poder contar com a participação dessa área para interdisciplinaridade com o ensino da história.

Os procedimentos dessa sequência didática são os seguintes: cordéis sobre o tema, análise da Xilogravura inicial, aulas expositivas, atividades de pesquisa, leitura de entrevista, investigação, exibição de vídeos e escrita de cordel para finalizar.

O professor deverá iniciar a aula apresentando a Xilogravura do artista Sílvio Rocha que se trata do rio “Pau-Cheiroso” que fica localizado no centro da cidade de Igarapé-Açu. Problematicar junto aos alunos como hoje se encontra este rio, se conheceram antes, se tomaram banho, se frequentam este lugar dentre outras perguntas e dialogar com o assunto da Revolução Industrial e as modificações das paisagens naturais com a vinda e vida de pessoas no meio urbano. Tentar fazer esse paralelo a respeito das modificações que o rio sofreu e sofre pelas ações humanas.

Em seguida, trabalha a leitura de um cordel que traz memórias sobre o rio Pau-Cheiroso e resolve as atividades envolvendo outro lugar, conhecido por Lagoa Azul, um balneário que fica longe do meio urbano. E com notícias de jornais locais como “O Liberal” temos outras

atividades que envolvem os alunos a refletirem e analisarem o meio ambiente a qual estão inseridos.

Nesta SD sugiro dois momentos fora da sala de aula pois como se trata de História e Meio Ambiente precisamos sair um pouco dos muros da Escola. Uma das aulas passeio é a ida dos alunos de forma livre às feiras da cidade para que eles possam buscar informações sobre a agricultura e economia do município.

Se faz necessário conhecermos a economia da cidade, o que ela produz e quem as produz. Na História considerada oficial do município, Igarapé-Açu sempre sobrevive da agricultura, e por este motivo é essencial que nossos alunos reconheçam essa atividade e as modificações da paisagem natural do município. Como tarefa desta atividade cada aluno cria um cartaz com imagens e anotações sobre o que pesquisou.

Outra Aula Passeio é a ida até ao movimento “Moeda Verde” que trabalha na cidade com a coleta de resíduos sólidos e visa a sustentabilidade com a criação da moeda verde, um valor monetário que gira em alguns estabelecimentos comerciais da cidade. É de extrema importância pois não apenas o aluno(a) tem conhecimento, mas é estendido até seus familiares. A cada Aula Passeio, os alunos podem e devem fazer suas anotações pois iremos precisar para a construção da linguagem escrita.

Após todas as atividades que o Caderno do Aluno traz, o professor(a) irá exibir vídeos sobre o que é Literatura de Cordel e Xilogravura para que os alunos possam dialogar entre esses conceitos utilizando a linguagem escrita, no caso criando cordéis. Cada aluno deverá escrever um cordel com o tema Igarapé-Açu e o meio ambiente.

3.2.4 - Igarapé-Açu e a Segunda Guerra Mundial

Esta última unidade de SD visa trabalhar um tema de grandes proporções, mas com uma tonalidade local, “Igarapé-Açu e a 2ª Guerra Mundial” é voltado às turmas de 9º ano do Ensino Fundamental. Este tema local fomenta aos nossos educandos que a História está presente em suas realidades e que embora estamos falando da 2ª Guerra Mundial e parecer distante por ter acontecido em outros continentes, aqui em Igarapé-Açu se faz presente este tema pela construção de uma Base Aérea e a presença de oficiais militares norte-americanos na década de 1940 sendo que hoje se encontra apenas ruínas desse passado.

Devido ser algo pontual do município de Igarapé-Açu por razões geográficas em que os norte-americanos dispuseram construir a Base Aérea este tema não vem em livros didáticos. A história local neste sentido cabe ao professor de História trabalhar o tema procurando materiais e estratégias disponíveis e cabíveis para a sala de aula.

A Base Aérea fica localizada na avenida principal de Igarapé-Açu, na Avenida Barão do Rio Branco, distante do centro da cidade e por onde passava a antiga Estrada de Ferro Belém-Bragança, ao qual facilitava inclusive a chegada de militares e mantimentos. Segundo Dutra (2011) fatores como a presença desta ferrovia, posicionamento geográfico e climático ideal e acesso mais facilitado à capital do Estado, favoreceram a implantação da base no município.

Imagem 17 – Antiga base aérea de Igarapé-Açu



Fonte: Da autora, 2025

Este fato histórico é marginalizado, esquecido e abandonado como a própria ruína da antiga Base. O professor Manoel Manito que escreveu sua dissertação intitulada diz que para maioria dos jovens a antiga Base Aérea não representa um passado histórico, enquanto para os mais velhos moradores do município de Igarapé-Açu este espaço é recheado de memórias históricas porque eles viveram a época da 2ª Guerra Mundial ou porque frequentaram o local para receberem atendimento médico. Atualmente a realidade é outra e para algumas pessoas a terra deveria ser doada para famílias que não tem condições de terem uma casa própria ou para trabalharem com a agricultura.

Como mostra a imagem acima a construção encontra-se totalmente deteriorada e como não há reparos e preocupações voltados para o espaço as memórias vão se esvaziando com o tempo. No primeiro capítulo desta dissertação menciono um trabalho de pesquisa e de Literatura de Cordel desenvolvido com alunos da EJA no ano de 2022. Ao pesquisar e conhecer a história

da Base Aérea o aluno pode desenvolver um texto em Cordel. Daí manter estudos voltados ao local e em especial a este lugar de memória é essencial para a compreensão de fatos históricos do macro ao micro sempre na perspectiva de se colocar como agente histórico e que a História é a ciência da humanidade e que se faz presente nos locais.

Os procedimentos dessa sequência didática são os seguintes: análise da Xilogravura do artista Sílvio Rocha junto com uma letra de carimbó do grupo Carimbóra, um grupo de carimbó local que explora a questão dos zepelins em Igarapé-Açu para que os estudantes façam um diálogo respondendo duas questões iniciais; aulas expositivas; atividades de pesquisa; aula passeio (ciclismo) até as ruínas da antiga Base Aérea; leitura de entrevistas de professores da rede estadual do município acerca do ciclismo como opção de aula passeio e sobre a questão de patrimônio histórico e a relação com a Base Aérea; investigação; exibição de vídeos sobre O que é Literatura de Cordel e Xilogravura e para finalizar a produção de cordel de forma individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como ponto de partida o olhar para dentro da formação constante do que é ser professora de História na rede pública de ensino pensando na formação integral do aluno a partir de um currículo heterogêneo da História e que preze pelas variadas histórias do entorno dos alunos. Repensar o ensino de História por meio das memórias, do cotidiano, da cultura e de sensibilidades nos permite elaborar um currículo real novo.

Centrada na temática da formação do município de Igarapé-Açu a partir das entrevistas de familiares dos próprios alunos e na análise dessas fontes com a produção escrita de literatura de cordel dessas memórias utilizei como apoio de material didático um caderno para o aluno(a) composto de 12 aulas em sequência didática com atividades sugeridas e com espaços para os registros dos alunos.

O desenvolvimento iniciou com um questionário sobre o perfil do aluno ainda no 1º semestre do ano letivo de 2024 e logo em seguida no 3º bimestre começamos as atividades sequenciais. Procurei abordar o que é a História e o que são fontes históricas com textos e debates para que os alunos pudessem manifestar seus entendimentos e com as atividades sugeridas no caderno do aluno(a) fomos prosseguindo.

O caminhar nas aulas sequenciais não foi totalmente isento de dificuldades, tentar trazer aulas para além do verbalismo e colocar o estudante como protagonista do ensino aprendizagem ainda não é tarefa fácil, pois há resistências do ensino bancário e tradicional. Os próprios alunos e familiares resistem ao tradicionalismo quando não realizam as atividades sugeridas por não considerarem aula verdadeiramente de história, já que para eles as aulas baseiam-se apenas na cópia e memorização de fatos.

Fui resistente também no sentido de oportunizar sempre chances de o estudante realizar as atividades por mais que não entregassem nas semanas estipuladas na esperança de serem realizadas. Sobre a questão da interdisciplinaridade também senti dificuldades em parcerias com outros professores, no entanto busquei sanar estas dificuldades com exibição de vídeos e me aprofundar em conceitos e práticas fora do meu componente curricular de história. Com minha segunda formação de graduação em Letras acredito que tenha contribuído na questão da Literatura de Cordel para o ensino de história e me sensibilizado com alguns aspectos

insuficientes de alfabetização de alguns alunos visto que sofreram no período da pandemia do Covid-19 um atraso escolar.

Após todas as sequências didáticas necessárias e análise das entrevistas os alunos puderam escrever textos na Literatura de Cordel e essa parte também teve suas dificuldades pela falta de leitura e de escrita muitos não sabiam por onde começar. Foi um processo árduo escrever cordéis mesmo baseados nas entrevistas. Foi preciso mais uma vez resistir para não desistir. No entanto, foram criados cordéis de acordo com as memórias e com as técnicas da literatura de cordel em rimas e orações.

As propostas do caderno do aluno mostraram-se eficazes por conseguir fazer com que os alunos protagonizassem a história local com histórias de vidas e experiências familiares e verem que a história não é única mesmo se tratando um lugar em específico cada memória traz uma história diferente ou dialogam entre si.

A partir dos cordéis produzidos pelos alunos pude repensar a criação da proposta da intervenção pedagógica exigido no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História. Mobilizei história local partindo da mesma ideia em sequências didáticas do caderno do aluno(a) mas com leituras de cordéis a respeito do local. Estes cordéis utilizados são os cordéis dos próprios alunos e alguns de minha autoria, todos baseados em memórias.

A proposta metodológica a qual sugiro é direcionada ao professor (a) de história para que o ajude a pensar num currículo de história que priorize as diversidades estudantis a partir do seu local. Esse material pode ser modificado para outros lugares, cabe ao professor(a) de história repensar sobre suas práticas e sobre o currículo de história. Modificar faz parte do ofício do professor para bem planejar suas ações em sala de aula. Se faz necessário e urgente repensar e modificar para que a história enquanto componente curricular seja de fato formadora de cidadãos críticos e pensantes.

É neste sentido que este trabalho dissertativo se apresenta como uma possibilidade para o ensino de história local pautada na inserção do aluno como protagonista capaz de pensar historicamente através de aulas investigativas e sequências didáticas e na constante busca de repensar nossas práticas enquanto professores de história.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Kátia Maria. Ensino de história e Base Nacional Comum Curricular: desafios, incertezas e possibilidades. In: RIBEIRO JÚNIOR, Halfred Carlos e VALÉRIO, Mairon Escorsi. **Ensino de história e currículo**: reflexões sobre a Base Nacional Comum Curricular: formação de professores e prática de ensino. Jundiaí: Paco editorial, 2017. Acesso em: 10 out. 2024.
- BASTOS ROCHA, H. A. Letramento(s) histórico(s): Uma proposta plural para o ensino e a aprendizagem de História. **Revista Territórios e Fronteiras**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 275–301, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/106>. Acesso em: 23 maio. 2024.
- BASTOS ROCHA, H. A. Letramentos históricos: aprendizagens plurais, dentro e fora da escola. In: **Aprendizagem e Avaliação da História na Escola**: Questões Epistemológicas. Carmen Teresa Gabriel/ Marcus Leonardo Bomfim Martins / Juliana Alves de Andrade. (Orgs). 1ª ed.- Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2023.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício de historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -IPHAN. Dossiê de Registro-Literatura de Cordel. **IPHAN**, Brasília, [2018]. Disponível em:[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf). Acesso em: 25 jan. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CAIMI, Flávia Eloísa. A História na Base Nacional Comum Curricular pluralismo de ideias ou guerra de narrativas? **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, num.4, vol.3, jan/jun. 2016.
- CAIMI, Flávia Eloísa. Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo? In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.
- CARVALHO, Gilmar de. Desenho Gráfico Popular: catálogo de matrizes xilográficas de Juazeiro do Norte, Ceará. **Cadernos do IEB - 4 (Cadernos do IEB)**. Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros, 2000.
- CAVALCANTI, Erinaldo. Base Nacional Comum Curricular do estado do Pará: entre o prescrito e o inscrito — notas preliminares sobre o processo de construção e implantação do documento. In **BNCC de História nos estados: o futuro do presente**. Ângela Ribeiro Ferreira et al (Orgs.) – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2012.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Editora Lisboa: Difusão editorial, 1988.
- CHERVEL, André. **História das Disciplinas Escolares: Reflexões Sobre Um Campo de Pesquisa**. Teoria & Educação. Porto Alegre, vol. 2, 1990.

COTRIM, Gilberto. **História & Reflexão**. São Paulo: Editora Saraiva, 1996.

DUTRA, Manuel. Os zepelins de Igarapé-Açu: Histórias de ontem e de hoje. **Blog de Manuel Dutra: Jornalismo, ciência, ambiente**, 15 de abril, 2011. Disponível em: <https://blogmanueldutra.blogspot.com/2011/04/os-zepelins-de-igarape-acu-historias-de.html>. Acesso em: 13 jan.2025.

EMIN, José Elias. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Secretaria Estadual de Educação (SEDUC). Igarapé-Açu-Pará, Seduc, 2022.

FERREIRA, Rafael Caldeira. A Antiga Estrada de Ferro de Bragança: Inventário do Patrimônio Ferroviário. In: **Estrada de Ferro de Bragança: memória social e patrimônio cultural: coletânea de artigos** (Org.) Giovanni Blanco Sarquis. Belém: IPHAN, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 49º Ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, Aluizio Moraes de. **Memória de Igarapé-Açu**. Belém: Supercoros, 2005.

FREITAS, Itamar; OLIVEIRA, Maria Margarida Dias. **Sequências didáticas para o ensino de História** [livro eletrônico]. – Ananindeua, PA: Cabana, 2022. Acesso em: 07 nov. 2024.

GOODSON, Ivor. Currículo, narrativa e futuro social. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, maio. /ago. 2007, p. 241-252 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000200005> . Acesso 10 mai. 2023.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A literatura de cordel e o ensino da história**. Universidade do Porto, Portugal: Artigo publicado no VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2011.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** BRASIL, 2005.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16072007-105321/fr.php>. Acesso em: 24 set. 23.

LIMA, Arievaldo Viana. **A didática do cordel**. Mossoró: Queima-Bucha, 2006, 16 p.

MENDES, Breno. Ensino de história, historiografia e currículo de história. **Revista Transversos**. Rio de Janeiro, n. 18, abr. 2020.

MENDES, Murilo. **A história no Curso Secundário**. São Paulo, Gráfica Paulista, 1935, p. 41.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e culturas: construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro. n.23, p.156-168, mai./ago.2003.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e culturas: construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro. n.23, p.156-168, mai./ago.2003.

MORENO, Fernanda Granja. **O ensino de História no 6º ano: a prática docente entre questões e possibilidades**. 2021. 181f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

NADAI, Elza. Ensino de história no brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25/6, p. 143-62, 1993.Tradução. Acesso em: 07 nov. 2024.

NÓVOA, António. **Os professores e sua formação**. Dom Quixote: Lisboa, 1995.

PARÁ. Secretaria de Estado de Educação. **Documento Curricular para Educação Infantil e Ensino Fundamental do Estado do Pará**. Belém, 2018.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de História?** Sobre o uso de fontes na sala de aula. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez. 2008.

PORFIRIO, J. **Literatura de cordel, educação e formação da consciência crítica**. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1999.

RALEJO, A. S., MELLO, R. A., & AMORIM, M. de O. (2021). BNCC e Ensino de História: horizontes possíveis. **Educar Em Revista**, 37, e 77056. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.77056>. Acesso 15 abril. 2024.

RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas. A política de identidade do documento curricular do Estado do Pará. Estudos sobre las Culturas Contemporâneas. **Época III**, v. 26, n. 52, Colima, pp. 9-36, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7712839.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2024.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Lima Leonan Ary. **Utilização do Cordel como ferramenta para o Ensino de História: Conceitos, repertórios e experiências**. 2018 Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

SEFFNER, Fernando. Aprender e ensinar história: como jogar com isso? In: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (Org). **Jogos e ensino de história**. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

SILVA, Vitória Rodrigues e. Estratégias de leitura e competência leitora: contribuições para a prática de ensino em História. **História [online]**, v. 23, n.1-2, p. 69-83, 2004.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Aprender a pensar historicamente: entre cognição e sensibilidades. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. (Orgs.). **O Ensino de História em Questão: cultura histórica, usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p.201-221.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3^a. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOUZA, Priscila Gonçalves Ferreira. **Cordelizando o meu bairro**: uma narrativa sobre Cajueiro Seco. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. **Os professores face ao saber**: esboço de uma problemática do saber docente. Teoria e Educação 4, Porto Alegre, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO - PERFIL DO ESTUDANTE

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA- PERFIL DO ESTUDANTE

Esta pesquisa faz parte do programa de Pós-Graduação Prohístória da UFPA e que tem como objetivo identificar o perfil socioeconômico dos alunos do 8º ano da E.E.E.F e Médio José Elias Emin, orientado pela professora de história, Carla Tavares de Castro.

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E FAMILIAR

1- SEU NOME: _____

DATA DE NASCIMENTO: _____

MUNICÍPIO ONDE NASCEU: _____

ENDEREÇO ATUAL: _____

ONDE VOCÊ PASSOU SUA INFÂNCIA? _____

2- VAMOS FALAR SOBRE SEUS PAIS!

QUAL LOCALIDADE DE ORIGEM DE SUA MÃE?

QUAL LOCAL DE ORIGEM DE SEU PAI?

3- VAMOS FALAR SOBRE SEUS AVÓS!

QUAL LUGAR DE ORIGEM DE SEUS AVÓS MATERNOS?

QUAL LUGAR DE ORIGEM DE SEUS AVÓS PATERNOS?

4- COM QUE PESSOAS VOCÊ MORA?

5- DE ONDE VEM A RENDA FAMILIAR?

6- QUAIS AS PROFISSÕES DOS QUEM TRABALHA NA SUA FAMÍLIA?

SOBRE A ESCOLA E O ENSINO DE HISTÓRIA

7- COMO VOCÊ SE LOCOMOVE ATÉ A ESCOLA?

8- O QUE FAZ VOCÊ GOSTAR DA ESCOLA ONDE ESTUDA?

9- O QUE VOCÊ MUDARIA NA ESCOLA?

10- ME CONTE O QUE VOCÊ ESPERA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

APÊNDICE 2 – MATERIAL DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Caderno do Aluno

História Local

3º Bimestre de História

Turma: _____ Ano Letivo: 2024

Professora: Carla Tavares.

Aluno(a): _____

1º momento

Data: ____/ 08/2024

Para início de conversa

Querido (a) aluno(a) este 3º bimestre iremos trabalhar o fim do século XIX e início do século XX de uma maneira especial, voltado ao nosso local, isto é, trabalharemos a história local a fim de conhecermos histórias e memórias de um passado/ presente importante para o ensino-aprendizagem em História.

Para isto, iremos lembrar num primeiro momento o que são fontes históricas, reconhecer e analisar algumas fontes do nosso entorno (que estão perto de nós) e depois dando sequência faremos entrevistas com nossos familiares e/ou pessoas antigas de onde você mora sobre a história de formação do município de Igarapé-Açu entre os séculos XIX e XX. Ao final iremos conhecer a Literatura de Cordel e criarmos textos cordelísticos.

Mas, atenção! Tudo será desenvolvido conforme as aulas de história forem acontecendo e ministradas pela professora Carla Tavares.

E o resultado de tudo isso teremos a nossa 3ª avaliação de História!

Acompanhe as aulas, evite faltar pois sua nota dependerá exclusivamente de sua participação!!

Para a sequência didática aqui apresentada:

Habilidade da BNCC: (EF08HI26) Identificar e contextualizar o protagonismo das populações locais.

Objetivo: conhecer e reconhecer a importância da história local por meio das memórias produzidas pelas populações locais.

Atenciosamente, professora Carla.

Tabela avaliativa do 3º bimestre de história.

<i>Propostas de atividades</i>	<i>Nível 1 (1,0)</i>	<i>Nível 2 (0,5)</i>
<i>Aula 01</i>		
<i>Aula 02</i>		
<i>Aula 03</i>		
<i>Aula 04</i>		
<i>Aula 05</i>		
<i>Aula 06</i>		
<i>Aula 07</i>		
<i>Aula 08</i>		
<i>Aula 09</i>		
<i>Aula 10</i>		
<i>Média Final:</i>		

Cada aula você está sendo avaliado e no final terá sua média final, sua nota para a 3ª avaliação. Por isso, esteja atento nas aulas e realize as atividades propostas pela professora.

Entende-se por:

Nível 01: o aluno foi capaz de desenvolver a atividade, se envolveu e entregou na data certa, aprendeu conceitos novos e sabe articular os saberes dialogando quando necessário em sala de aula.

Nível 02: não entregou a atividade na data marcada, não participa das aulas e não dialoga com os conceitos trabalhados, portanto não apresenta aprendizado esperado.

Bons estudos!

Aula 01

Leia o texto 01 e depois responda o que se pede:

Texto 01: “*Fonte Histórica*” é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no presente. As fontes históricas são as marcas da história. Quando um indivíduo escreve um texto, ou retorce um galho de árvore de modo a que este sirva de sinalização aos caminhantes em certa trilha; quando um povo constrói seus instrumentos e utensílios, mas também nos momentos em que modifica a paisagem e o meio ambiente à sua volta – em todos estes momentos, e em muitos outros, os homens e mulheres deixam vestígios, resíduos ou registros de suas ações no mundo social e natural.

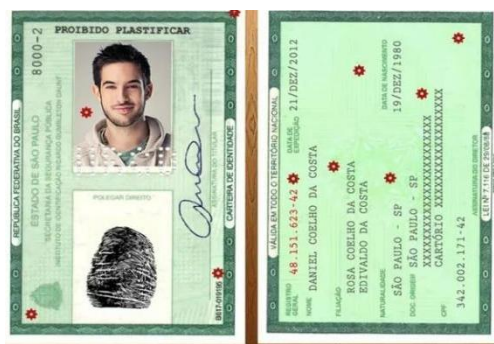
Fonte: BARROS, José D’Assunção. Fontes Históricas – uma introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

Atividade

1- Observe com atenção as figuras abaixo.



Cartas.



Documento de identidade, RG.



Fotografia de uma família.

- a- Quais fontes acima você conhece?
- b- Quais delas você possui em sua casa?
- c- Quais delas não se usa mais com frequência? Por que?

2- Leia e ouça a canção e em seguida responda o que se pede:

Música de carimbó: Grupo Carimbó.

Nome: Amorcegando o zepelin

Compositor: Reginaldo Soares

Minha terra tem pupunha, pequiá e tucumã
Cheiro-verde macaxeira, açai e carimã

Sou caboclo de mão grossa
Sou tembé de norte a sul
Sou nativo com orgulho de Igarapé-Açu (2x)

Vou esperar, vou esperar
Subindo na samaumeira
E um zepelim amorcegar (2x)

a) Sobre quem a música fala?

b) Esta canção é uma fonte histórica? Porque?

3- O que são fontes históricas para você?

4- Cite exemplos de fontes históricas que você conhece.



Atividade para casa

Investigando!

Depois de conhecermos e relembrarmos sobre fontes históricas, iremos realizar uma tarefa ao longo da semana. Durante esta semana, no local onde reside você deverá analisar possíveis fontes históricas e memórias da sua família. Após coletar sua fonte, analise-a conforme a tabela abaixo e traga para sala de aula na nossa próxima aula no dia ____ de agosto de 2024, e exponha em sala para sua professora e colegas. Boa investigação!!!

Ficha de avaliação do aluno sobre sua fonte histórica pesquisada.

Tipo da fonte?	
Ano que foi produzida ?	
Onde foi produzida?	

Qual relação com a história do município de Igarapé-Açu?	
Quem são os sujeitos envolvidos?	
O que aconteceu? Quais as causas?	
Qual sua conclusão?	

Aula 02

Data: ____/ 08/2024

Esta atividade será feita na sala de aula!!

Após explanar sobre sua fonte histórica, temos aqui uma ficha de avaliação individual para que seja preenchida conforme sua atuação na pesquisa. Seja sincero!!

SOBRE O TRABALHO REALIZADO Marque um X na opção que representa melhor o que aconteceu durante as atividades.	Sim	Mais ou menos	Não
1. Pesquisei fontes variadas?			
2. Pedi ajuda a outra pessoa (pai, mãe, irmão etc.)?			
3. Gostei do tema trabalhado em sala de aula?			
4. Aprendi coisas novas com as atividades?			

Aula 03

Data: ____/ 08/2024

Entrevista

Pensar e escolher uma pessoa da sua família ou morador da sua região onde mora que tenha de preferência mais idade para que possamos conhecer suas histórias e memórias em relação ao município de Igarapé-Açu sobretudo sobre a formação deste município. Que memórias essas pessoas tem de Igarapé-Açu? Vamos descobrir realizando uma entrevista.

obs: Se a entrevista for gravada, depois transcreva para estes espaços abaixo:

Dados do entrevistado

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: fem () masc ()

Escolaridade: _____

Ocupação: _____

Endereço: _____

Data: ____/____/2024

1- Há quanto tempo você mora em Igarapé-Açu? Por que escolheu Igarapé-Açu para morar

2- O que você sabe sobre a formação da cidade de Igarapé-Açu?

3- Qual a origem dos moradores que vieram para o município durante a sua formação?

4- Havia migrantes de outros estados ou países entre os moradores de Igarapé-Açu? De onde eram?

[illegible]

5- Qual história você lembra quando criança sobre Igarapé-Açu?

[illegible]

6- Que memórias você tem sobre o seu lugar onde mora atualmente?

[illegible]

7- Você gosta de morar em Igarapé-Açu? Porque?

8- Como era viver em Igarapé-Açu antigamente? O que mudou? O que mais sente falta em relação à forma antiga de vida no município?

Aula 04

Data: ____/ 09/2024

Esta atividade será feita na sala de aula!!

Após explanar sobre sua fonte histórica, temos aqui uma ficha de avaliação individual para que seja preenchida conforme sua atuação na pesquisa. Seja sincero!!

SOBRE O TRABALHO REALIZADO Marque um X na opção que representa melhor o que aconteceu durante as atividades.	Sim	Mais ou menos	Não
1. Você conhecia a história contada na entrevista?			
2. Aprendeu histórias novas com a entrevista?			
3. Percebeu que a história local está próxima de você?			
4. Reconhece que a História não é única?			

Aula 05

Data: ____/ 09/2024

Recebendo as entrevistas

Nesta aula iremos conhecer as histórias que foram pesquisadas. Os alunos lerão partes importantes para a classe de suas entrevistas.

Data:___/ 09/2024

Nesta aula vamos conhecer sobre Literatura de cordel e sobre sua feitura. Apresentarei livretos de cordéis.

Assistir : <https://youtu.be/n2VMwjOYBdI>

1-O que você aprendeu nesta aula?

[illegible]

Aula 07

Data: ____/ 09/2024

Oficina de Xilogravura

Nesta aula vamos conhecer a xilogravura e realizar os primeiros desenhos em isogravura que é uma outra forma de realizar os desenhos para o cordel.

Assistir: <https://youtu.be/f1XrCCiqyhC>

<https://youtu.be/Myed!NjXvw4>

Agora é com você!!

Faça aqui sua isogravura!!!

Nesta aula vamos recordar nossa entrevista e vamos juntos a nossa criatividade criar textos cordelísticos!!

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Aula 09

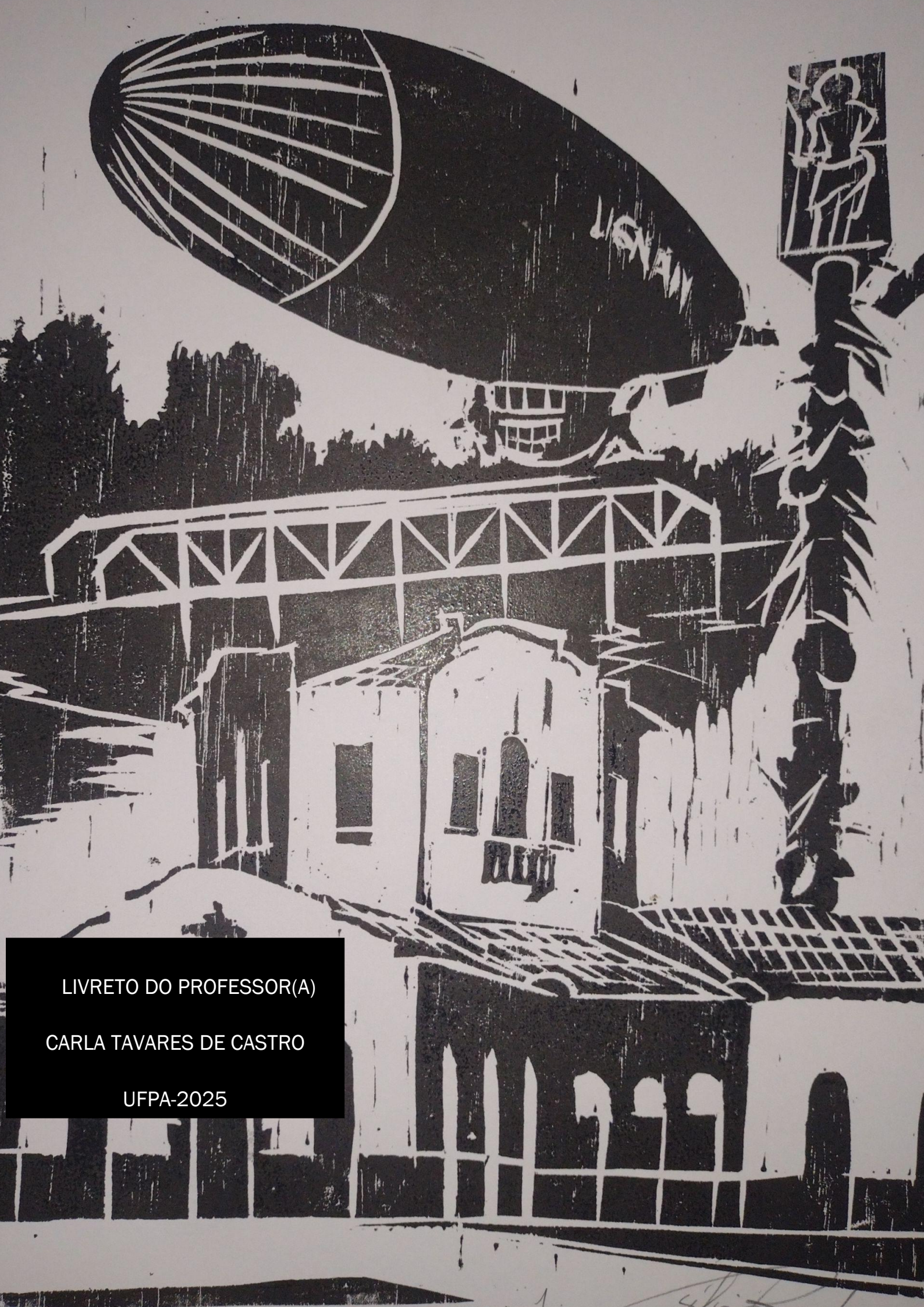
Data: ____/ 10/2024

Desenvolver a xilogravura que corresponda ao seu texto de cordel e entregar.

Nesta última aula do 3º bimestre vamos conversar e relatar nossas impressões acerca das atividades que foram propostas ao longo desses dias. O que você aprendeu, o que não gostou, as dificuldades e como foi o ensino de história nessas atividades. Relate em roda de conversa e escreva aqui neste espaço suas considerações finais. Depois entregue este caderno para a professora e terá sua nota final. Obrigada pela sua participação!

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

APÊNDICE 3 – LIVRETO DO PROFESSOR



LIVRETO DO PROFESSOR(A)

CARLA TAVARES DE CASTRO

UFPA-2025

Autora



CARLA TAVARES DE CASTRO

Professora da rede Estadual do Pará, graduada em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e mestranda em Ensino de História pelo Mestrado Profissional em Ensino de História-PROFHISTÓRIA- (UFPA).

Orientação: Profº Dr. Wesley Ribeiro Garcia.

Esse livreto pedagógico é parte da dissertação de conclusão de curso de Mestrado Profissional em Ensino de História- UFPA- ficando o título de mestre condicionado à aprovação do autor pela banca de análise.

Sumário

Apresentação

As sequências didáticas

1ª Sequência didática- 6º ano.

Fontes Históricas e História.....5

2ª Sequência didática- 7º ano.

A Sociedade Brasileira.....18

3ª Sequência didática- 8º ano.

História e meio ambiente.....31

4ª Sequência didática- 9º ano.

Igarapé-Açu e a 2ª Guerra Mundial.....41

Referências bibliográficas.....55

Apresentação

“Livreto do Professor(a)” é uma dimensão propositiva da dissertação **“Cordelizando memórias: uma possibilidade de ensino de história local”** do Mestrado do ProfHistória- UFPA como exigência para a conclusão do curso de Pós-Graduação Stricto Sensu. Este material corresponde a quatro sequências didáticas dos anos/ séries 6º aos 9º anos do Ensino Fundamental, com assuntos que se aproximam da historicidade local do município de Igarapé-Açu, sobretudo de sua formação e memórias.

Cada sequência didática tem como objetivo mostrar que somos agentes históricos e que a História local tem sua importância para o desenvolvimento do letramento histórico. Cada unidade sequencial traz Literatura de Cordel escrita por alunos onde pesquisei junto a eles memórias de Igarapé-Açu e por se acreditar que a Literatura de Cordel por sua qualidade de escrita simples e rimada contribua de certa maneira para a compreensão de conceitos, temporalidade, da linguagem e dos fatos históricos.

Procurei acrescentar outras fontes históricas tais como notícias de jornais, vídeos, documentários, entrevistas sempre focando na História local para evidenciar esse estudo uma vez que quase não encontramos material voltado ao local. Os entrevistados são professores de História da rede pública estadual de educação que estão inseridos no cenário educacional do município de Igarapé-Açu e que trazem em suas bagagens educacionais pesquisas e ações voltadas à História Local.

As atividades foram pensadas para serem feitas na sala de aula e também fora dela, como pesquisas e aulas passeio. A aula passeio assim como a Literatura de Cordel vem permeando todas as sequências didáticas de anos/ série, ela atravessa por desempenhar uma aproximação maior do educando com o meio e fatos históricos presentes.

As avaliações aparecem como sugestões, pois cada professor(a) tem a liberdade de criar suas formas de avaliar seu aluno de acordo suas realidades.

Todo esse material pode ser transformado também no caderno do aluno, ou seja, cabe a cada professor de História manejar as atividades conforme as aulas forem acontecendo, porém se atentando para cada etapa pois como é uma sequência didática cada etapa é importante para o ensino- aprendizagem de nossos educandos. Ele foi planejado a partir de atividades que já foram colocadas em prática, então são atividades possíveis de serem realizadas por qualquer professor de História que esteja disponível em se aventurar a uma metodologia ativa, que é a sequência didática.

No mais, espero contribuir para um ensino de História Local sobre o município de Igarapé-Açu e para o letramento histórico, isto é, para o aprendizado além de conceitos que os livros didáticos oferecem, mas para um ensino de História prazeroso e próximo das histórias de nossos educandos.

Bom trabalho, caros professores(as)!



Figura 1: Xilogravura do Mercado Velho de Sívio Rocha, 2024.

Fontes Históricas e a História – 6º ano.

A proposta a seguir é voltada para as turmas do 6º ano do Ensino Fundamental com o tema principal Fontes Históricas e História, abrindo possibilidades para a historicidade local do município de Igarapé-Açu a partir de metodologias que visam a percepção dos estudantes para o seu local, a sua história e as interfaces da história enquanto ciência.

A sequência didática disposta tem como objetivo fazer com que os alunos compreendam as diversas fontes históricas e suas relações com a História.

A História ensinada em sala de aula, muitas vezes distantes das realidades dos alunos não facilita essa compreensão de conceitos, temporalidades e linguagens históricas, mas partindo para além dos muros da escola com aulas diversificadas e com metodologias ativas a história ensinada passa a ter um significado o que gera aprendizado histórico.

BNCC– Habilidades

(EF06HI01) Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas).

(EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas.

(EF06HI14) Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços.

Etapas da sequência didática

1ª etapa: O professor deverá trabalhar o tema fontes históricas e o que é história a partir de objetos que trará de sua casa como alguns pertences pessoais a exemplos: fotografias, cartas, roupas, jornais, livros, documentos etc. para instigar os alunos sobre o que são Fontes Históricas e sua relação com a História e poderá estar analisando a xilogravura da capa desta sequência didática de Sílvio Rocha, artista do município de Igarapé-Açu, indagando-os quanto a este lugar de memórias, se conhecem, se já frequentaram ou frequentam e o que sabem a respeito.

2ª etapa: Pedir para que os alunos leiam os textos de apoio sobre fontes históricas e resolvam a atividade sobre os textos e sobre o que foi discutido em sala de aula.

3ª etapa: Ao iniciar a aula o professor deverá fazer um esboço na lousa de um mapa mental. No material do aluno deverá constar um modelo como mostra o material de apoio desta sequência didática. Depois, ler a atividade para ser realizado em casa com a supervisão e auxílio de um familiar ou responsável que irá observar fontes históricas do seu entorno e assim desenvolver em uma folha A4 um mapa mental sobre o que são fontes históricas bem como dar exemplos que conhece em casa podendo até mesmo colar imagens. Este trabalho deverá ser apresentado na próxima aula.

4ª etapa: Iniciar a aula retomando alguns conceitos como o de fontes históricas e História para que os alunos percebam que cada um tem sua própria história a partir de suas fontes históricas.

5ª etapa: A turma organizada em semicírculo, assistir todas as apresentações dos alunos com seus mapas mentais. Pedir a eles que mostrem e comentem sobre seu trabalho.

6ª etapa: O professor(a) deverá ler junto com os alunos o cordel sobre memórias de Igarapé-Açu. Neste momento os alunos lerão também trechos de entrevistas de moradores do município.

Turma: 6º ano do ensino fundamental.

Temas trabalhados: fontes históricas, história, história local, memórias, mudanças no meio ambiente, patrimônio cultural.

Duração: 4 semanas o que equivale a 2 horas aulas por semana e um total de 8 aulas por mês.

Recursos e materiais didáticos: folhas A4.

Metodologias: imagens, apresentação de trabalhos com fontes históricas, produção de cordéis, exibição de vídeo, aula passeio, trabalho em grupo.

**Dica para
desenvolver as aulas!**

1ª a 3ª etapas:

1ª semana de aula.

4ª e 5ª etapas:

2ª semana de aula.

6ª e 7ª etapas:

3ª semana de aula.

8ª e 9ª etapas:

4ª semana de aula

7ª etapa: Nesta aula o professor(a) deverá levar a turma para um espaço público da cidade chamado Mercado Municipal mais conhecido como Mercado Velho que fica localizado no centro da cidade de Igarapé-Açu. Por ter sido bastante citado nas entrevistas e no cordel é uma memória viva do município tanto para os mais jovens quanto para os que tem mais idade. Nesta etapa o professor(a) terá que ter se programado com condução apropriada com ida e vinda para a escola e mediar no local lendo mais uma vez o cordel e dialogar com o espaço de memória mostrando para os alunos esta fonte histórica material tão importante para todos os munícipes.

8ª etapa: Apresentar em sala de aula vídeos sobre o que é literatura de cordel e como o faz. Em seguida formar duplas de alunos e pedir que produzam duas estrofes de 4 versos cada sobre o município de Igarapé-Açu.

9ª etapa: Terminados os cordéis, organizar a turma em círculo e ouvir os cordéis. Em seguida, terminar de avaliar.

Material de apoio

1ª etapa

Nesse primeiro momento o professor(a) levará para sala de aula objetos seus para fazer demonstração das fontes históricas.



[6º Ensino Fundamental – Fontes Históricas na Sala de Aula – Colégio Politécnico de Sorocaba](#)

Conceitos

2ª etapa

Texto 01: *“Fonte Histórica” é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente. As fontes históricas são as marcas da história. Quando um indivíduo escreve um texto, ou retorce um galho de árvore de modo a que este sirva de sinalização aos caminhantes em certa trilha; quando um povo constrói seus instrumentos e utensílios, mas também nos momentos em que modifica a paisagem e o meio ambiente à sua volta – em todos estes momentos, e em muitos outros, os homens e mulheres deixam vestígios, resíduos ou registros de suas ações no mundo social e natural.*

Fonte: BARROS, José D’Assunção. Fontes Históricas – uma introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

Texto02: *Para Marc Bloch, História é a ciência dos homens no tempo. Já para Lucien Febvre, história é o estudo cientificamente conduzido, das diversas atividades e das diversas criações dos homens de outrora, tomados na sua data, no quadro de sociedades extremamente variadas e comparáveis uma com as outras, com as quais encheram a superfície da terra e a sucessão das épocas.*

Fonte: DOMINGUES, Petrônio. Introdução à História/Petrônio Domingues -- São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe CESAD, 2007.

- 1- O que são fontes históricas para você?
- 2- Dê exemplos de fontes históricas.

Atividade para casa

3ª etapa

Observe seu entorno junto com seus familiares e perceba o que são fontes históricas. Depois com uma cartolina faça um mapa mental sobre fontes históricas utilizando conceitos e imagens.

Retomar conceitos

4ª etapa

Ler a entrevista do Professor Clayton Barros.

Nesta etapa temos como leitura de apoio ao professor(a) e ao aluno, uma entrevista com o professor Clayton Barros sobre o que são fontes históricas e como podemos trabalhar em sala de aula como os alunos.

1-O que são fontes históricas?

R- São recursos didáticos que podem ser usados para o processo de ensino e aprendizagem. Esses recursos podem ser materiais e imateriais, onde usados de forma correta e adequada contribuem na aprendizagem dos nossos alunos pois os ensinamentos vão muito além das páginas dos livros didáticos e espaços educacionais.

2-Qual relação entre fontes históricas e a História?

R- Essa relação é permeada de semelhanças pois o ensinar história de uma forma clara e objetiva, realista dos nossos discentes o uso de fontes históricas são significativas pois auxiliam no conhecimento os quais estão inseridos nessas fontes históricas.

3-Qual importância das fontes históricas para os historiadores?

R- Usadas de forma adequada é um excelente recurso didático.

4-Qual a importância dos alunos aprenderem o que são fontes históricas?

R- Para eles aprenderem que elas tem uma enorme importância, por estarem repletas de história, informações, lembranças, memórias e conhecimentos.

5- Na sua experiência em sala de aula como professor de história no nosso município de Igarapé-Açu, as aulas passeio mediadas podem contribuir para um melhor entendimento sobre as fontes históricas?

R- Se forem planejadas e executadas com o intuito de o aluno conhecer a história do município sim, mas se usada como apenas um meio de passeio sem uma contextualização, não. Já quanto os espaços de memórias o município está repleto pois temos um potencial histórico bastante variado que vão das fontes fontes históricas materiais como o Mercado Velho, as Igrejas, os comércios e as pessoas mais antigas da cidade. O espaço físico da Base Aérea e da Vila do Prata, além das fontes escritas e imateriais que o município oferece. Sendo assim, não destaco apenas um, mas alguns pois nossos lugares de memórias são bastantes.



PROFESSOR CLAYTON LUIZ DA SILVA BARROS

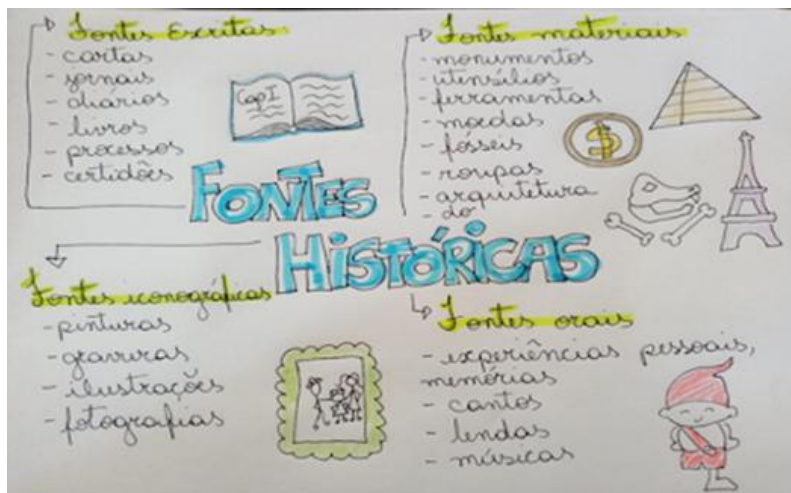
Possui graduação em licenciatura plena em História pela Universidade Estadual do Maranhão (2008). Mestre pelo curso de Pós-Graduação em Ensino de História-ProfHistória-UFPA (2024) e foi bolsista da Capes. Atua como professor de História em escolas estaduais do município de Igarapé-Açu.

Organizar a sala para as apresentações

5ª etapa

Nesta etapa o professor(a) já orientou seus alunos de como fazer um mapa mental e nesta aula serão apresentados os trabalhos.

Exemplo de Mapa Mental



<https://escolamariahelenahelena2020.blogspot.com/p/historia-7-ano.html>

Leitura de Cordéis e resolução de atividades

6ª etapa

Autoria:

Este cordel foi produzido pela aluna Ana Clara P. de Lima no mês de setembro de 2024 após entrevistar seu pai de 32 anos, pedreiro e morador nascido e criado no município de Igarapé-Açu, no Bairro Bom Jesus.

Cordel 01

Lembro-me como se fosse hoje
Das brincadeiras de rua
Brincar com meus irmãos
E tomar banho de chuva
Brincar de futebol
E brincar de esconde -esconde nas noites escuras.

Gostávamos de contar histórias
Muitas sobre trens
Ouvíamos muito
E contávamos também
Conhecia pessoas
Que as contavam muito bem.

Ouvíamos muitas coisas,
Boatos sobre o Mercado Velho
As vezes até mesmo
Sobre a antiga Estrada de Ferro
Boatos nos quais os trens
Tinham, muito mais de cem metros.

Gosto muito de onde moro
Até mais que antes
Hoje temos muita tecnologia
E muitas mentes brilhantes
Tirando a falta de sossego
Aqui é um lugar radiante.

A aluna autora do **Cordel 1** criou uma arte em isopor gravura que representasse as memórias de seu pai.

Arte de isopor gravura da aluna Ana Clara.



Trecho da entrevista

P- Que histórias você se lembra quando criança?

R: Lembro quando os meus pais contavam sobre a passagem do trem em nossa rua e como eles se deslocavam de uma cidade para outra, momento este no qual eu não pude desfrutar, pois infelizmente esse meio de transporte foi deixado de deslocar em nossa cidade bem antes de eu nascer.

Autoria:

Este cordel foi produzido pelo aluno Gustavo Emanuel no mês de setembro de 2024 após entrevistar sua avó de 75 anos de idade, aposentada e moradora desde nascimento no município de Igarapé-Açu, no Bairro da Colina.

Trecho da entrevista

P- Que histórias você se lembra quando criança?

R: Eu lembro do trem de quando ele passava nos trilhos para pegar os passageiros.

Cordel 02

Igarapé-Açu é muito bom
Por que aqui é minha cidade
Lembro do trem que passava
Eu gosto da tranquilidade
Lembro do Mercado Velho
Aqui todos vivem em sociedade.

Eu gosto da paisagem daqui
Gosto muito dessa cidade
Gosto dos pássaros que vivem nas árvores
Gosto de ver todos em sociedade
Gosto das pessoas e dos animais
Gosto muito das diversidades

Eu gosto de morar em Igarapé-Açu
Eu sinto muito agradecida
Mas antes não tinha tanta violência
E não lembro quando a cidade foi construída
Mas lembro de muitas outras coisas
Que faz essa cidade colorida.

Eu moro aqui desde que nasci
Desde antes de eu ter idade
Toda minha família mora aqui
Nessa linda cidade
Vou sempre morar aqui
Sempre em sociedade.

Arte de xilogravura do aluno Gustavo Emanuel.



Atividades em sala de aula

1-A partir das leituras dos cordéis 01 e 02, responda:

- a) Cite uma semelhança entre os textos.
- b) Como os coreis descrevem como era Igarapé-Açu antigamente?
- c) Você conhece ou já ouviu falar sobre a Estrada de Ferro Belém-Bragança que passava por aqui?
- d) E o Mercado Velho você já foi até lá?

2- Agora, vamos nos avaliar?

O que eu sabia sobre as histórias dos cordéis?	
O que eu aprendi de novo ?	
O que são fontes históricas?	
A história é única? O que eu aprendi sobre isso?	
Dê exemplos de fontes históricas.	

Aula Passeio

7ª etapa

Neste momento o professor(a) fará uma aula passeio para Mercado Municipal de Igarapé-Açu. Deverá ter planejado com antecedência seguindo as orientações da 7ª etapa desta sequência didática. Abaixo segue uma fotografia do espaço a ser visitado.



https://belem.com.br/noticia/615/igarape-acu-recebe-festival-de-saberes-e-de-sabores#google_vignette

Vídeos sobre Literatura de Cordel e Xilogravura e sua adaptação no isopor.

8ª etapa

O professor(a) irá apresentar os vídeos explicativos e também contribuir com seu entendimento o que é Literatura de Cordel, sua feitura e a arte da xilogravura que será adaptada em sala de aula com o isopor. E em seguida pedir para os alunos em dupla escrevam seus cordéis.

Assistir:

<https://youtu.be/f1XrCCiqyhc>

<https://youtu.be/MyedINjXvw4>

Indicação de texto

Para a 8ª etapa

VIANA, Arievaldo Lima. Acorda cordel na sala de aula. 2ª ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010. Este livro ensina sobre Literatura de Cordel e como se trabalhar em sala de aula.

Apresentação de cordéis.

9ª etapa

Os alunos produzirão cordéis e depois irão ler em sala de aula. Farão logo após uma autoavaliação e o professor(a) concluirá a avaliação e a Sequência Didática.

Sugestão de avaliação

O professor (a) poderá em cada aula observar a participação do aluno e sua desenvoltura de acordo com as propostas apresentadas e no final terá uma média avaliativa.

Atividades	Mapa mental	Aula passeio	Atividade em sala	Produção de Cordel
Nomes dos alunos				

Critérios de avaliação

Níveis	1 (4,0 a 3,0)	2 (3,0 a 2,0)	3 (2,0 a 1,0)	4 (1,0 a 0,5)
Critérios	O aluno foi capaz de mobilizar os conhecimentos históricos e construir seus trabalhos. Houve entusiasmo com o material, fazendo com que ele se interesse mais nas aulas de história, perguntando e dialogando mais com os assuntos expostos. Realizou em dias seus trabalhos e pode construir uma narrativa final a respeito do que estudamos.	O aluno foi capaz de mobilizar parcialmente os conhecimentos históricos e construir seus trabalhos. Se interessou pelas aulas de história. Realizou seus trabalhos em outra data.	Reflete sobre o material, mas não mobiliza conhecimentos históricos para isso. Se interessou de forma discreta com os colegas sobre o material. Pouco contribui para a discussão final da atividade e deixou de realizar trabalhos.	Desrespeita os colegas durante a reflexão sobre o material. Não ouve e não respeita as opiniões alheias. Atrapalha os colegas durante a discussão final da atividade.

Atividade final, auto avaliação. Neste momento o professor(a) pedirá que o aluno(a) escreva em poucas linhas o que ele aprendeu nessas aulas.

[illegible]

DICA!

Ao final o professor(a) poderá montar a ficha de avaliação do aluno e apresentar a ele.

$\frac{1}{10}$ *Silvio Rocha*
11-2XXXIV

Figura 2: Xilogravura do Mastro de São Sebastião de Sílvio Rocha, 2024.

A sociedade brasileira – 7º ano.

A sequência didática a seguir é voltada para turmas do 7º ano do ensino fundamental com o tema gerador “A sociedade brasileira”. Este tema irá englobar aspectos da formação do município de Igarapé-Açu com os povos que aqui viviam e vivem.

O objetivo desta sequência didática é permitir que os estudantes percebam as pessoas que compõe a sociedade de Igarapé-Açu e que suas memórias estão cristalizadas em ações de fé advindas de uma formação indígena, branca e negra.

Com a leitura inicial da xilogravura do artista local Sílvia Rocha e com cordéis, os alunos terão uma percepção dos povos que ajudaram a formar sua cidade, aspectos religiosos envolvidos e que ainda estão presentes no seu dia a dia como a levantação do mastro de São Sebastião e sua Festividade

BNCC– Habilidades

(EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática).

(EF07HI09) Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência.

(EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.

Etapas da sequência didática

1ª etapa: Para iniciar, o professor(a) deverá apresentar a sequência didática para os alunos bem como serão avaliados no decorrer das aulas. E para início de conversa deve-se começar a sequência ouvindo também os alunos no que diz respeito ao tema apresentado que é “Sociedade brasileira” direcionando para a história local. Utilizar a xilogravura da capa da sequência didática produzida pelo artista local Silvio Rocha e depois fazer fundamentação teórica de conceitos. Apresentará um cordel sobre os povos que formaram inicialmente Igarapé-Açu e gerar mais debate.

2ª etapa: O aluno é convidado a realizar uma atividade proposta de acordo com a leitura do Cordel que lhe foi apresentado. Ao término da atividade o professor deverá averiguar se todos conseguiram e em seguida passar outra atividade, mas que seja realizada em casa e com ajuda dos familiares dos alunos. Os alunos irão preencher uma árvore genealógica de acordo o local de nascimento de cada familiar, inclusive o seu para se ter uma noção dos que nasceram no município e os que vieram de outros lugares a fim de que o estudante compreenda a formação de seu lugar.

3ª etapa: Iniciada a aula o professor e a turma assistem as apresentações de cada aluno, em seguida reler o cordel da aula anterior e exibir dois pequenos vídeos que estão sugeridos nesta sequência didática obre a festividade de São Sebastião. Um deles mostra a festa profana e o outro a religiosa. Observar que a festa de São Sebastião é para todos pois é inclusive considerado patrimônio cultural imaterial de Igarapé-Açu. Deixar uma atividade extraclasse onde o aluno pesquise uma imagem da festividade do município e crie uma legenda para entregar na próxima aula para o professor. (Historiagram).

Turma: 7º ano do ensino fundamental.

Temas trabalhados: miscigenação, população brasileira, negro, indígena, raça, grupos humanos, igreja católica, colonização, sincretismo religioso, racismo.

Duração: 4 semanas o que equivale a 2 horas aulas por semana e um total de 8 aulas por mês.

Recursos e materiais didáticos: folhas A4, datashow,

Metodologias: imagens, apresentação de trabalhos com fontes históricas, produção de cordéis, exibição de vídeo, aula passeio, trabalho em grupo.

4ª etapa: Neste momento o professor(a) deverá ter providenciado com antecedência condução para a aula passeio e ter conversado com alguém da comunidade do Livramento para receber e guiar a turma nesta aula. Caso não consiga ir até o local, mas que possa convidar uma pessoa responsável da Vila do Livramento até os chãos da escola e fazer uma roda de conversa com a turma. Pedir que os alunos façam anotações.

5ª etapa: Nesta etapa o professor(a) exibirá um pequeno vídeo sobre Literatura de Cordel e formará duplas de alunos para comporem um pequeno cordel de duas estrofes sobre a Comunidade Remanescente dos Quilombolas Nossa Senhora do Livramento e depois o professor(a) poderá juntar todos os cordéis e formar um único cordel que poderá ser lido numa próxima aula.

6ª etapa: Para iniciar a aula o professor(a) faz uma recapitulação das aulas passadas e deverá ler o cordel elaborado pelos alunos e pedir para que cada um fale um pouco sobre o que debatido em sala, sobre o que conheceram e se houveram dificuldades. Em seguida, entregar uma ficha auto avaliativa para cada aluno. Ao final soma-se com a ficha avaliativa do professor para gerar uma nota final.

**Dica para desenvolver
as aulas!**

1ª a 3ª etapas: 1ª
semana de aula.

4ª etapa: 2ª semana de
aula.

5ª etapa: 3ª semana de
aula.

6ª etapa: 4ª semana de
aula.

Material de apoio

Fundamentação teórica para 1ª etapa

Texto I “(...) a história oficial, contada do ponto de vista dos dominantes, oculta a maior parte da existência do país desde a invasão do território pelos europeus, as relações construídas a partir do trabalho escravizado indígena e negro. Omite também que, quando as condições internas e externas para a exploração despidorada dos africanos e seus descendentes já não estavam mais postas trataram de construir processos para uma transição à sociedade urbano-industrial, que excluiu os escravizados indígenas e negros de qualquer acesso aos meios de produção, principalmente a terra (...).”

Cláudia Alves Durans, 2014.

DURANS, Cláudia Alves. Questão social e relações étnico-raciais no Brasil. In: Revista Política Pública. São Luís, Número Especial, p. 392, julho de 2014. Disponível

em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/viewFile/2731/3930>. Acessado em: 09 out. 2024.

Texto II “Qualquer [pesquisador] que se encarregar de escrever a História do Brasil, (...), jamais deverá perder de vista quais os elementos que aí concorreram para o desenvolvimento do homem. São porém estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergido de um modo particular três raças, a saber: a de cor cobre ou americana, a branca (...), e enfim a preta ou etiópica. Do encontro, da mescla (mistura), das relações mútuas (igual para as duas partes) e mudanças dessas três raças, formou -se a atual população, (...). Jamais nos será permitido duvidar que a vontade da providência predestinou ao Brasil esta mescla. O sangue português, em um poderoso rio deverá absorver os pequenos confluente (encontros) das raças índia e etiópica.” Carlos Frederico Von Martius, 1845.

VON MARTIUS, Carl Friedrich Philipp. Como se deve escrever a História do Brasil. In: IHGB. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo Sexto. Vol. 6. Rio de Janeiro. 1844. pp. 381-382. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSsd1RLQmlTT2k3QmM/view. Acessado em: 09 out. 2024.

Leitura do Cordel 01

1ª etapa

Cordel 01

Igarapé-Açu teve sua formação
Com a vinda de imigrantes europeus
Como espanhóis e portugueses
E também nordestinos e os seus
Povos originários aqui presentes
Os tembés, dádiva de deus.

Mas antes dessa formação
Os primeiros habitantes
Cultuavam São Sebastião
E depois os imigrantes
Não podemos esquecer
Dos negros fugitivos e relevantes.

Veio a construção da estrada de ferro
Foi dada a largada
Com a miscigenação dos povos
E com a derrubada da mata
Virou fé nas terras de Igarapé
Do mastro à procissão mulata.

Das culturas, povos e trilhos
Formou-se em união
Do índio, a derrubada do tronco
Do nordestino a procissão
Do imigrante europeu a missa
E de todos, São Sebastião!

Autoria:

Carla Tavares de Castro, professora da Seduc-Pa, mestranda do Programa de Pós- Graduação em Ensino de História. Desenvolveu a partir das pesquisas realizadas pelos seus alunos no ano de 2024 sobre a formação do município de Igarapé-Açu.

Cordel 02

A cidade ficou muito movimentada
E movimentada ela está sendo
Eu me lembro da Maria Fumaça
Que andei e fiquei com medo
Só fui uma vez
E não gostei de tando medo.

As feiras era ao redor do mercado velho
E agora tá uma cidade
Eu moro aqui em Igarapé-Açu
Com muito orgulho e felicidade
Eu vim morar pra cá
Aos sete anos de idade.

Eu moro num canto calmo
Onde escuto os passaros cantando
Eu sou orgulhosa por morar aqui
E é aqui onde to morando
Aqui participamos de uma igreja
E eu tô orgulhosa por estar participando

Agora tá vindo gente de outros lugares
E gente tá dando
Estão vindo bastantes africanos
E ainda está vindo
Está vindo muita gente
E ainda estão vindo.

Autoria:

Este cordel foi produzido pela aluno Bruna da S. Pinheiro no mês de setembro de 2024 após entrevistar sua avó de 72 anos de idade, doméstica e moradora do KM 07 do ramal do Prata em Igarapé-Açu.

Trechos da entrevista

P- Havia imigrantes de outros países entre os moradores de Igarapé Açu?

R: Tão vindo agora, antigamente eles não vinham, agora os africanos.

Arte de isopor gravura da aluna Bruna Pinheiro.



Atividade em sala de aula

1- Após as leituras dos cordéis e dos trechos das entrevistas, responda:

- a) A formação de pessoas que se deu no município de Igarapé-Açu é semelhante ao que aconteceu na maioria das cidades brasileiras? Quem eram essas pessoas?

- b) A entrevistada do Cordel 02 não recorda de outro imigrantes que vieram para o município. E você saberia de algum imigrante a mais? Qual?

- c) Há entre os dois cordéis uma memória que está bastante presente até os dias de hoje. Qual é essa memória?

- d) A formação de um povo implica geralmente na sua religiosidade, é notório a presença nos dois cordéis a religiosidade do povo de Igarapé-Açu? Tire extratos dos cordéis que comprovem essa afirmação.

2- Leia as frases retiradas dos cordéis e marque V para verdadeiro e F para Falso:

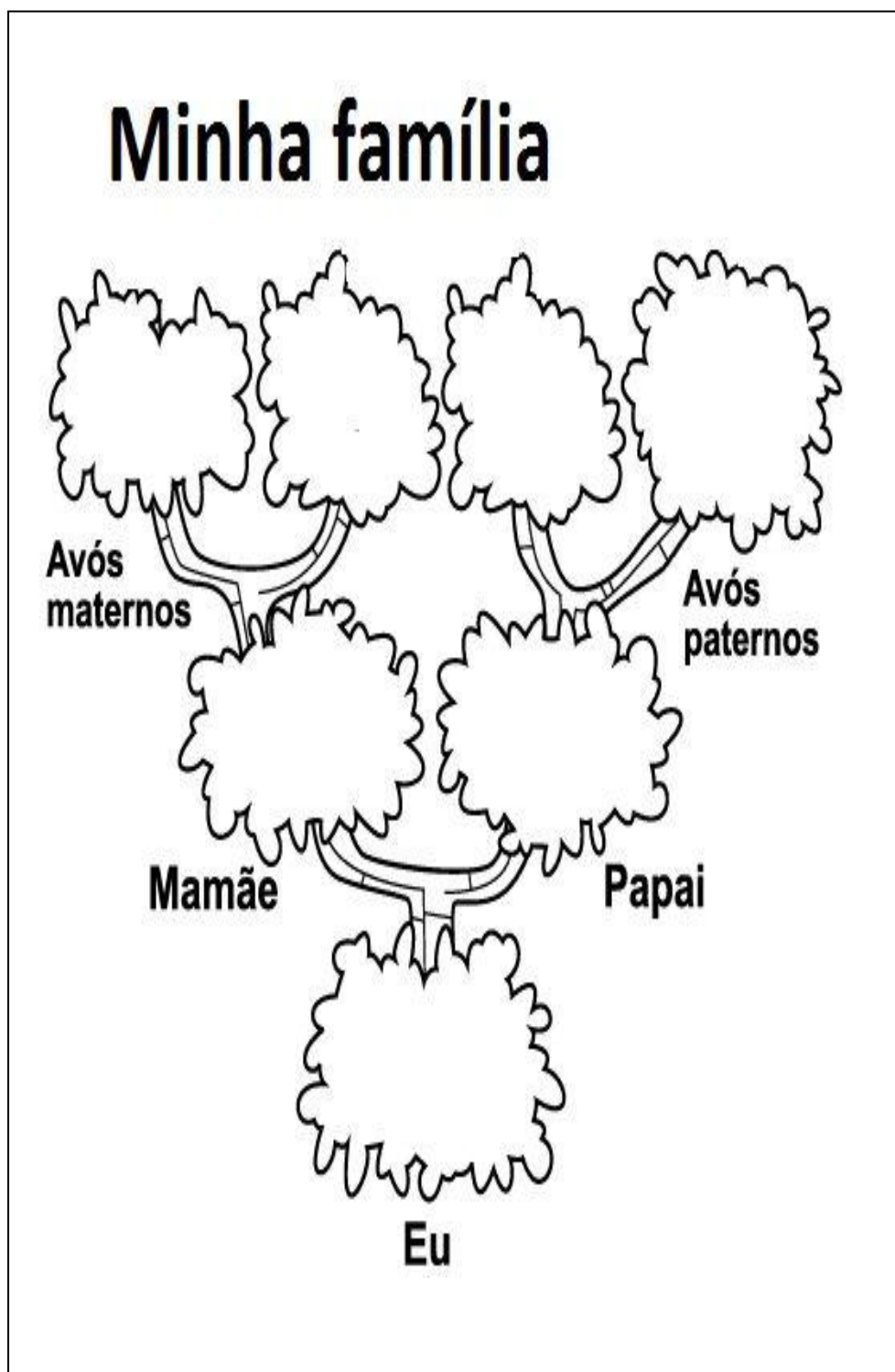
- () As feiras eram ao redor do mercado velho.
() Igarapé-Açu teve sua formação somente com a vinda de imigrantes europeus.
() A cidade ficou muito movimentada.
() Não podemos esquecer dos negros fugitivos e relevantes.

3- Hoje no município de Igarapé-Açu é muito comum jovens e famílias inteiras irem para outros Estados em busca de melhores condições de vida e de emprego. Mesmo a cidade mudando e ficando movimentada percebemos que há ainda o que melhorar. Em sua opinião, o que seria necessário para que os moradores não fossem embora para outros Estados?

Material de apoio

2ª etapa

Árvore genealógica. Nestes espaços os alunos com ajuda de seus familiares em casa, deverá escrever dentro dos espaços o local de nascimento de cada familiar que se pede.



Este modelo de árvore genealógica pode ser mudado o formato pelo professor(a). É uma sugestão. Use sua criatividade!

Material de apoio

3ª etapa

O aluno(a) deverá colar uma imagem, fotografia sobre a festividade de São Sebastião do seu município e criar uma frase para a imagem e no espaço do texto no final escrever um pequeno texto informativo sobre

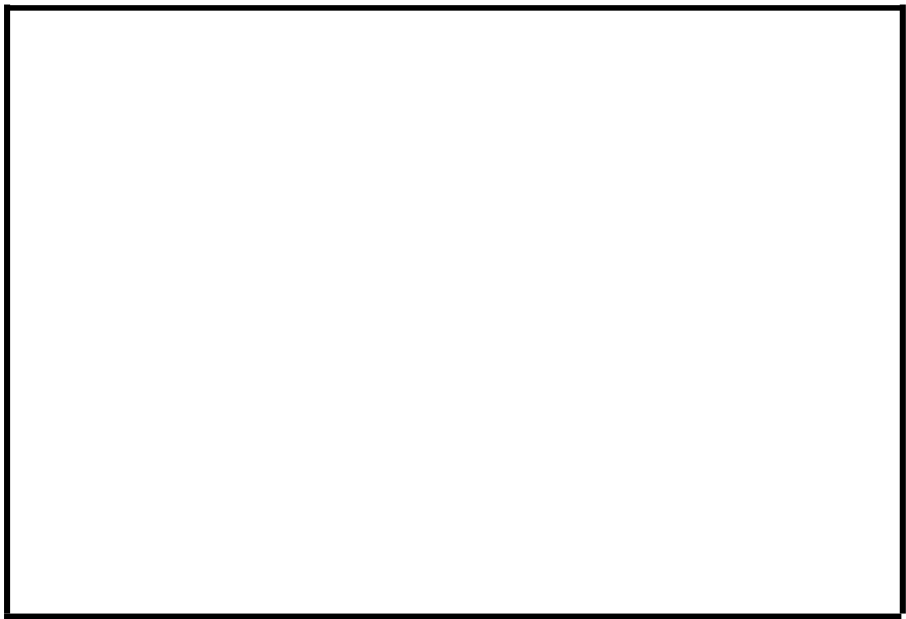


HistoriaGram



Aluno(a): _____










104









Este modelo Historiagram pode ser mudado o formato pelo professor(a). É uma sugestão. Use sua criatividade!

Material de apoio (Vídeos)

3ª etapa



<https://www.youtube.com/watch?v=VsudaEVS8GU>

O vídeo mostra Procissão em honra a São Sebastião em Igarapé-Açu/PA 20.01.2023. Essa procissão de caráter religioso é realizada pelo pároco do município de Igarapé-Açu que na ocasião é o Pe. João Ricardo. Neste dia 20 de janeiro a Igreja Católica celebra o dia do seu padroeiro.



<https://www.youtube.com/watch?v=fZQG8PIDNdw>

Reportagem da tv liberal sobre a festividade de são sebastião que acontece todos os anos no mês de janeiro em Igarapé-Açu.

Aqui neste vídeo que a TV liberal exhibe como reportagem do ano de 2011 a retirada do mastro de São Sebastião comemora 117 anos, como se pode perceber o mastro de Sebastião antecede a formação da cidade de Igarapé-Açu pois foi criada pelos primeiros povos que aqui moravam como indígenas, portugueses, espanhóis e negros.

Neste dia da retirada do mastro a festa é pagã. As pessoas comemoram a sua maneira o padroeiro da cidade.

Aula Passeio

4ª etapa

Ida até a Comunidade dos Remanescentes Quilombolas Nossa Senhora do Livramento, mas o professor(a) deverá se comunicar com antecedência com uma pessoa do local que faça parte da Associação da Comunidade para que possam receber os alunos e fazerem uma fala sobre suas histórias.

Vídeos sobre Literatura de Cordel e Xilogravura e sua adaptação no isopor.

5ª etapa

O professor(a) irá apresentar os vídeos explicativos e também contribuir com seu entendimento o que é Literatura de Cordel, sua feitura e a arte da xilogravura que será adaptada em sala de aula com o isopor. E em seguida pedir para os alunos em dupla escrevam seus cordéis.

Assistir:

<https://youtu.be/MyedINjXvw4>[https://www.](https://www.youtube.com/watch?v=KF84Y2F3vk)

[youtube.com/watch?v= KF84Y2F3vk](https://www.youtube.com/watch?v=KF84Y2F3vk)

<https://youtu.be/pGLqxe1yjF8>

Indicação de texto

Para a 5ª etapa

VIANA, Arievaldo Lima. Acorda cordel na sala de aula. 2ª ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

Este livro ensina tudo sobre Literatura de Cordel e como se trabalhar em sala de aula.

Ficha auto avaliativa

6ª etapa

Nesta última aula já com os cordéis prontos, os alunos deverão ler para todos em classe e depois receberão uma ficha auto avaliativa.

Sugestão de avaliação

Sugiro que o professor tenha uma ficha individual do aluno e o entregue ao final junto com suas atividades realizadas.

Atividades	Atividade do Cordel	Árvore genealógica	Historiagram	Aula Passeio	Produção de Cordel
O aluno participou ativamente, fazendo perguntas e entrando no debate, entregando as atividades em dia. (2,0) pts					
O aluno participou timidamente das atividades. (1,0) pt					



Figura3: Xilogravura do Pau-Cheiroso de Sílvia Rocha, 2024.

História e meio ambiente – 8º ano.

Esta sequência didática está direcionada ao 8º ano do ensino fundamental e tem como objetivo discutir o meio ambiente igarapeaquense relacionando com sua história local desde seu processo de formação. Com memórias de entrevistados vamos trazer o debate de como os moradores percebem e compreendem as mudanças ocorridas.

As atividades despertarão aos alunos curiosidades em conhecer a cidade, os processos que foram desencadeando no desenvolver do município e como ele se encontra hoje. A aula passeio nesta sequência didática é de fundamental importância para a compreensão da temporalidade histórica e as pesquisas fomentarão ainda mais o aprendizado. Ao final com o desenvolver da Literatura de Cordel sobre o igarapé Pau Cheiroso, espera-se que o aluno adquira o letramento histórico.

BNCC– Habilidades

(EF08HI01) Identificar os principais aspectos conceituais do iluminismo e do liberalismo e discutir a relação entre eles e a organização do mundo contemporâneo.

(EF08HI03) Analisar os impactos da Revolução Industrial na produção e circulação de povos, produtos e culturas.

Etapas da sequência didática

1ª etapa: Para iniciar o professor(a) deverá explicar sobre esta sequência didática para os alunos bem como todas suas etapas e avaliações. Feito isto, ele abordará inicialmente o tema da Revolução Industrial sobre as máquinas daquele momento e as consequências provocadas ao meio ambiente apresentando inclusive imagens dessas mudanças na Inglaterra. Esta aula na verdade pode ser uma revisão ao assunto já estudado para facilitar a sequência didática proposta.

2ª etapa: Após essa revisão ler a imagem xilográfica de Sílvio Rocha e um Cordel que traz memórias de um passado onde os igarapés, as águas e os peixes eram fartos e com a poluição hoje desapareceram. Em seguida, resolução de uma atividade proposta em sala de aula.

3ª etapa: Ao final da aula o professor(a) passará uma atividade extraclasse investigativa. Em dupla os alunos têm até 15 dias (duas semanas) para irem até a feira da cidade, Ceasa e outros pontos como por exemplo “meio fio” e observarem perguntando aos feirantes quais desses produtos são produzidos em Igarapé-Açu. Ao final da pesquisa os alunos criarão um cartaz com imagens desses produtos e pequenos textos sobre a agricultura em Igarapé-Açu e apresentarão em classe com o intuito de se verificar a economia do município.

4ª etapa: Nesta aula o professor(a) agendará previamente uma visita ao Movimento Moeda Verde. A turma irá de preferência caminhado e observando a natureza. OBS: Caso nesse caminho se encontre o igarapé Igarapé-Açu, fazer paradas próximas para que todos possam observar ao seu redor a natureza e a paisagem como um todo. Sempre pedindo para que os alunos anotem suas observações. Ao chegar no projeto Moeda Verde pedir e organizar para que todos os alunos tenham atenção, participem, perguntem e anotem o que mais chamou atenção.

Turma: 8º ano do ensino fundamental.

Temas trabalhados: revolução industrial, meio ambiente, vegetação, agricultura, rios, pesca, economia, paisagem.

Duração: 4 semanas o que equivale a 2 horas aulas por semana e um total de 8 aulas por mês.

Recursos e materiais didáticos: folhas A4, datashow, cartolina.

Metodologias: imagens, apresentação de trabalhos com fontes históricas, produção de cordéis, exibição de vídeo, aula passeio, trabalho em grupo

5ª etapa: Ao iniciar a aula desta semana o professor(a) receberá os trabalhos da pesquisa na feira e todos os alunos que realizaram a atividade apresentarão. Em seguida o professor irá exhibir um vídeo que fale sobre a literatura de cordel.

6ª etapa: O professor(a) iniciará a aula nesta última semana da sequência didática falando sobre a literatura de Cordel e em seguida pedirá que cada aluno escreva um cordel com o tema: Igarapé-Açu e o meio ambiente.

Material de Apoio

1ª etapa

Dica para desenvolver as aulas!

1ª a 3ª etapas: 1ª semana de aula.

4ª etapa: 2ª semana de aula.

5ª etapa: 3ª semana de aula.

6ª etapa: 4ª semana de aula.

A revolução industrial mudou a paisagem



<https://pt.slideshare.net/slideshow/slides-revoluo-industrial-27130853/2713085>

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL



Com a Revolução Industrial (a partir de 1790) a natureza passa a ser profundamente modificada, sendo um momento importante na mudança das relações entre ela e a humanidade.

<https://pt.slideshare.net/slideshow/espao-geografico-e-industrializacao-2-parte/11955860>

Material de Apoio

2ª etapa

Cordel 01

Há 45 anos moro aqui
Nasci e cresci em Igarapé-Açu
Lembro das matas e
Do céu tão azul
Dos igarapés a nadar
Era a vida no Açu.

O tempo passou e o Pau Cheiroso mudou
Poluição tomou o lugar
As águas que eu amava
Já não dá para se refrescar
Os peixes se foram
Não dá para pescar.

Nesse chão sagrado
Onde aprendi a sonhar
As vezes da infância
Ainda vem me guiar
Histórias e risadas no Açude
Que não vão acabar.

A natureza é vida
Um tesouro a se preservar
E juntos somos fortes
Para tudo enfrentar
Igarapé-Açu será nosso começo
Um hino à vida a nos representar.

Autoria:

Cordel escrito pelo aluno Lucas Daniel no mês de setembro de 2024 a partir da entrevista realizada com seu pai, morador do município de Igarapé-Açu desde que nasceu há 45 anos

Trechos da entrevista

P: Que história você se lembra quando criança em Igarapé-Açu?

R: Me lembro quando o Pau Cheiroso não era poluído. Eu mesmo pesquei e também tomei muita água de lá.

Arte de isopor gravura do aluno Lucas Daniel.



Atividade sobre o Cordel

1- Sobre o Cordel, responda:

- Que características o autor do Cordel apresenta sobre Igarapé-Açu do passado?
- É apresentados dois igarapés da cidade. Quais deles você conhece?
- Qual a relação que o escritor do cordel tem com a natureza?
- Qual a esperança do escritor em relação a natureza local?

2- Observe as imagens e responda:

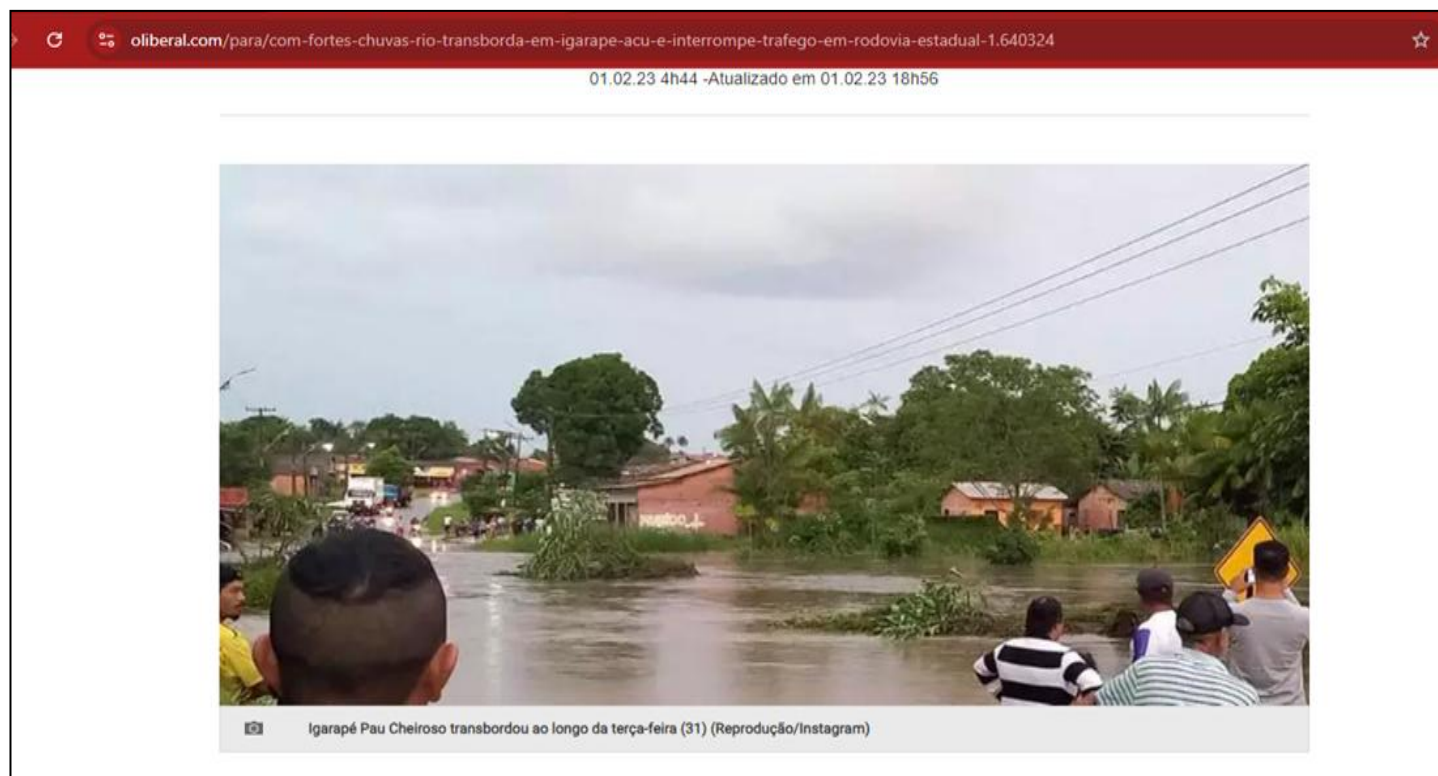


Imagem 01

Fonte : O liberal, 01/02/2023.

NA ESTRADA

As encantarias de um igarapé chamado Açú

Localizado na rota turística Belém-Bragança (rodovia PA-320), Igarapé-Açú fica a aproximadamente 100 quilômetros da capital paraense. Além de uma história que envolve colônias e a antiga estrada de ferro Belém-Bragança, a cidade também é guardiã de di

sábado, 29/06/2019, 19:38 - Atualizado 29/06/2019, 19:42 - Autor: Denilson D'Almeida










Localizado na rota turística Belém-Bragança (rodovia PA-320), Igarapé-Açú fica a aproximadamente 100 quilômetros da capital paraense. Além de uma história que envolve colônias e a antiga estrada de ferro Belém-Bragança, a cidade também é guardiã de diversos paraísos escondidos pela floresta que cerca o município. Um deles, o balneário Lagoa Azul, é formado por olhos d'água que formam uma piscina natural que encanta quem visita o lugar.

O lago de águas claras, transparentes e esverdeadas, fica a 13 quilômetros da sede do município e o acesso se dá por uma estrada de terra batida. O ramal fica no lado direito de quem segue no sentido de Igarapé-Açú à Timboteua, pela PA-320. A entrada lembra um sítio – de fato, o terreno não deixa de ser um sítio – e a entrada é cobrada (aos domingos custa 5 reais).

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

A energia da mudança começa aqui.  

MAIS ACESSADAS

01 FALECEU HOJE
Morre Alberto Fujimori, ex-presidente peruano, aos 86 anos

02 APRESENTADOR SE PRONUNCIA
Existe relação de Celso Portioli com o 11 de setembro?

03 FOCADOS E LIGADOS
Paysandu realiza treino longe da Curuzu. Veja o vídeo!

Imagem 02

<https://dol.com.br/noticias/para/528634/as-encantarias-de-um-igarape-chamado-acu?d=1>

Imagem 03 Balneário Pau Cheiroso, 2016.

Imagem 04 Lagoa Azul, 2016.


<https://portalparamazonia.blogspot.com/2016/01/igarape-acu.html>

<https://portalparamazonia.blogspot.com/2016/01/igarape-acu.html>

- a) O igarapé do Pau Cheiroso é localizado no centro da cidade de Igarapé-Açú, a foto do ano de 2016 do site portal da Amazônia mostra pessoas tomando banho neste igarapé. E hoje a realidade é a mesma? Comente.

-
-
- b) Ano de 2023 após fortes chuvas houve inundação no igarapé do Pau Cheiroso que afetou a passagem de moradores e o tráfego da cidade. Quais as possíveis causas que geraram esse transtorno?

- c) A Lagoa Azul localizada aproximadamente à 20km do centro da cidade de Igarapé-Açu é retratada na imagem 02 do site DOL do ano 2019 como uma beleza natural e cheia de encantos e a foto do ano de 2016, a imagem 04 do site portal da Amazônia também se refere a Lagoa Az-Açu. Estas imagens apresentam semelhanças e diferenças em relação a modificações? Explique.

Atividade extraclasse

3ª etapa

Os alunos deverão ir até a feira da cidade de Igarapé-Açu e verificar quais produtos que são vendidos são produzidos no município. Depois criar um cartaz para apresentar na próxima aula.

Aula Passeio

4ª etapa

Nesta aula previamente agendada com o Projeto do Moeda Verde, levar os alunos para conhecerem o projeto e seu desenvolvimento no município e sua preocupação com o descarte de resíduos sólidos e meio ambiente.

Material de apoio

5ª etapa

O professor(a) irá apresentar os vídeos explicativos e também contribuir com seu entendimento o que é Literatura de Cordel e em seguida pedir para os alunos escrevam seus cordéis.

Assistir:

<https://youtu.be/f1XrCCiqyhC>

Material de Apoio

6ª etapa

Neste espaço o aluno deverá escrever seu cordel. Tema: Igarapé-Açu e meio ambiente.

Agora pedir ao aluno(a), que ele escreva em poucas palavras o que ele compreendeu ao longo das aulas, se teve dificuldades, quais?

Indicação de texto

Para a 5ª etapa

VIANA, Arievaldo Lima. Acorda cordel na sala de aula. 2ª ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

Este livro ensina tudo sobre Literatura de Cordel e como se trabalhar em sala de aula.

Sugestão de Avaliação

Cada aluno terá sua ficha individual. O professor (a) marcará com um X cada critério.

Aluno(a):> _____

Crítérios ➡	A	B	C	D
Avaliação ↓				
Atividade com Cordel				
Visita Moeda Verde				
Produção e Apresentação de Cartaz				
Produção escrita, Cordel.				
Nota final: ➡				

Crítérios avaliativos:

Conceito A: Equivale a 2,5 pontos. Neste critério o aluno(a) deverá ser participativo ativamente, debatendo o tema, perguntando e dialogando com conceitos e temporalidades históricas, sobretudo acrescentando saberes locais além de produzir todas as atividades em tempo estimado.

Conceito B: Equivale a 2,0 pontos. Neste critério o aluno(a) participou das aulas, realizou as atividades no tempo hábil mas não conseguiu debater conceitos e nem acrescentou saberes locais. Não houve diálogo da parte dele.

Conceito C: Equivale a 1,5 pontos. Neste critério o aluno(a) teve dificuldade em participar das aulas, não dialogando e debatendo. Alguns trabalhos não realizou na data certa, entregando-o depois.

Conceito D: Equivale 05 ponto. Neste critério, o aluno(a) faltou algumas aulas, quando estava presente não mantinha ordem, não fez atividades no dia.

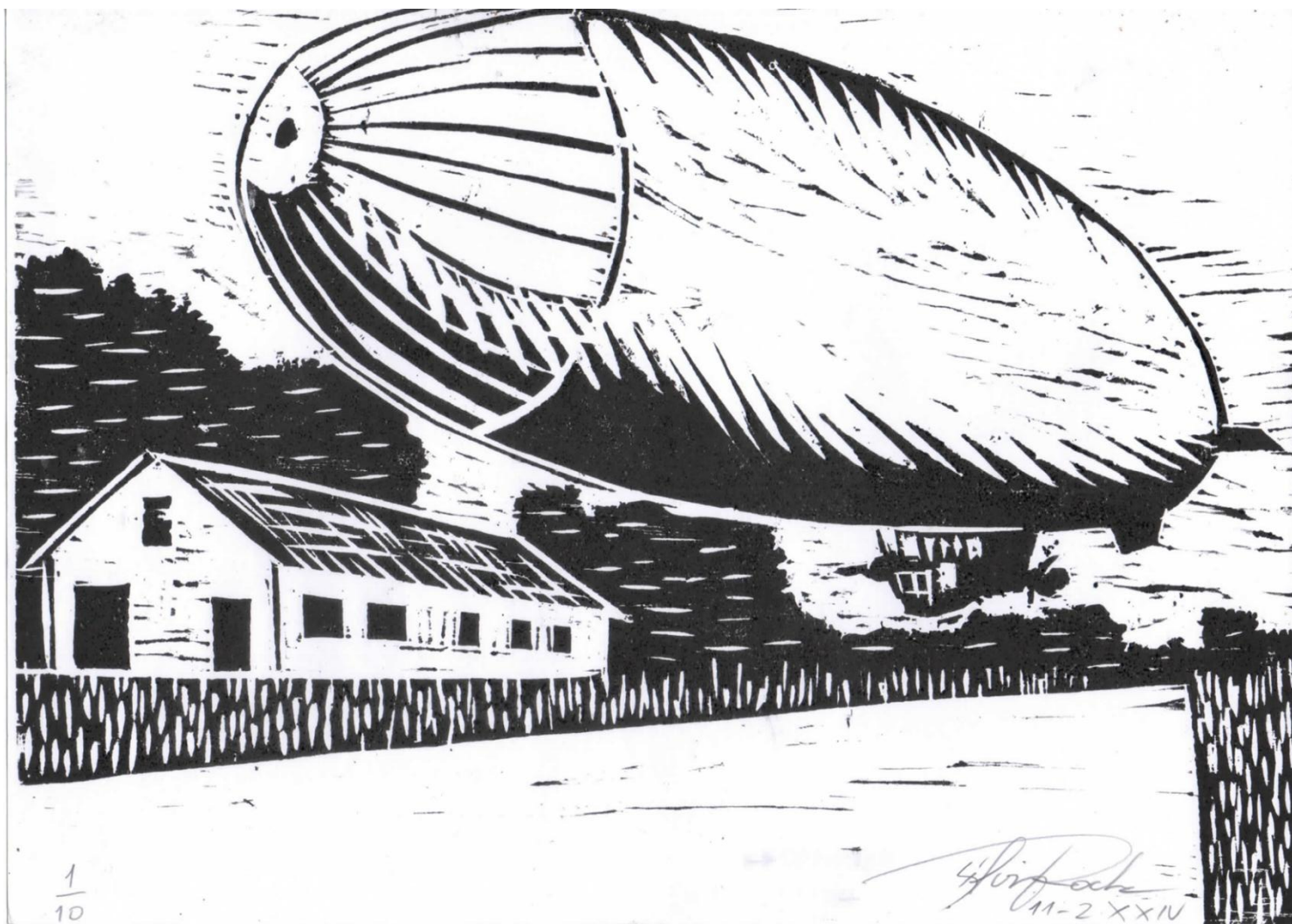


Figura4 Xilogravura da Antiga Base Aérea de Igarapé-Açu e o Zepelin de Silvio Rocha, 2024.

Amorregando o zepelim

Minha terra tem pupunha, pequiá e tucumã
Cheiro-verde macaxeira, açaí e carimã

Sou caboclo de mão grossa
Sou tembé de norte a sul
Sou nativo com orgulho de Igarapé-Açu (2x)

Vou esperar, vou esperar
Subindo na samaumeira
E um zepelim amorregar (2x)

Música de carimbó: Grupo Carimbóra.
Compositor: Reginaldo Soares

Conversando sobre:

- 1- Podemos tecer relação entre a figura 4 e a letra do carimbó acima? Em que aspectos?
- 2- O que você conhece sobre Base Aérea e Zepelim em Igarapé-Açu?

Igarapé-Açu e a 2ª Guerra Mundial -9º ano.

Esta sequência didática é direcionada a turmas de 9º anos do Ensino Fundamental com o tema “Igarapé-Açu e a 2ª Guerra Mundial.

Espera-se que os estudantes se vejam como agentes históricos por se tratar de um evento histórico de grande magnetude que foi a 2ª Guerra Mundial e ter envolvido o município de Igarapé-Açu com a construção da Base Aérea.

Espera-se também que fique entendido o conceito de patrimônio histórico bem como a importância que teve a Base Aérea para o município.

Vamos conhecer este espaço de memória que é a antiga Base Aérea por meio de aula passeio através de um passeio ciclístico além de assistirmos um vídeo/documetário sobre a Base Aérea. Todas essas atividades foram pensadas e já elaboradas por professores que lecionam em Igarapé-Açu pela rede pública de ensino estadual.

(EF09HI02) Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954.

(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

(EF09HI17) Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Brasil a partir de 1946.

Etapas da sequência didática

Turma: 9º ano do ensino fundamental.

Temas trabalhados: Segunda Guerra Mundial, memórias, patrimônio histórico, lugar de memória, Base Aérea Norte Americana.

Duração: 4 semanas o que equivale a 2 horas aulas por semana e um total de 8 aulas por mês.

Recursos e materiais didáticos: folhas A4, datashow.

Metodologias: imagens, apresentação de trabalhos com fontes históricas, produção de cordéis, exibição de vídeo, aula passeio, pesquisa.

1ª etapa: Ao iniciar a aula o professor(a) deverá explicar sobre a sequência didática e a avaliação, depois revisar sobre o tema da 2ª Guerra Mundial e a participação do Brasil. Neste momento realizar a leitura da xilogravura de Sílvio Rocha e o diálogo com a letra do carimbó do Grupo de Carimbó Carimbóra e apresentar o vídeo produzido pelo Professor Me. Manoel Manito em que aborda a Base Aérea de Igarapé-Açu já trazendo aspectos da história local.

2ª etapa: Ler o Cordel e passar a atividade extraclasse sobre o Cordel destacado.

3ª etapa: Nesta segunda semana de aula preparar uma aula passeio. O professor (a) deverá ir até o local que é a Base Aérea do município de Igarapé-Açu com antecedência para ver e agendar com os responsáveis do lugar essa visita. Esta aula passeio será na verdade um passeio ciclístico. Os alunos também serão avisados com antecedência para que possam providenciar suas bicicletas. Feito isso, fazer a visita dialogando e mostrando para os alunos a historicidade do lugar e sua importância, pedir aos estudantes que no local possam fazer anotações.

4ª etapa: Nesta aula, ouvir os alunos sobre a visão deles desse lugar de memória. Em seguida apresentar o que é patrimônio histórico e pequenos vídeos sobre a Literatura de Cordel e Xilogravura. Mostrar os exemplos de xilogravura contidos neste livreto do artista local Sílvio Rocha, se possível leva-lo até a sala de aula através de um convite para que possa falar um pouco mais sobre xilogravura.

5ª etapa: Chegada a última semana da sequência didática pedir uma produção de literatura de cordel para cada aluno e também uma criação de arte da xilogravura adaptado no isopor. Professor(a), para esta atividade levar material para os alunos produzirem a arte, como tinta de preferência na cor preta, isopor (bandeijinhas) e pincel.

Material de apoio

Para 1ª e 2ª etapas.

Leitura de texto

SOUZA, Manoel de Jesus Manito de. O ensino de História em sons e imagens: patrimônio histórico-cultural, memórias e olhares do presente na produção de um documentário sobre a base aérea de Igarapé-Açu. Orientador: Carlos Leandro da Silva Esteves. 2023. 194 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2021. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/15538>. Acesso em: 10/10/2024.

Dica para desenvolver as aulas!

1ª a 2ª etapas:

1ª semana de aula.

3ª etapa:

2ª semana de aula.

4ª etapa:

3ª semana de aula

5ª etapa:

4ª semana de aula.



<https://www.youtube.com/watch?v=Tg9TUALJEyI>

Os objetivos desta pesquisa com alunos era conhecermos a história da base aérea de Igarapé-Açu, remanescente da Segunda Guerra Mundial e pensar formas de instrumentalizar este bem cultural nas aulas de História, proporcionando uma aprendizagem mais dinâmica e participativa que levasse os alunos do 9º ano a pensar criticamente sobre os bens histórico-culturais de sua cidade, bem como perceber que na sua localidade se fez e se faz história, também objetivamos produzir um documentário de 28 minutos sobre a base aérea de Igarapé-Açu, filmando o local e entrevistando idosos que conviveram com aquele espaço enquanto ele era ativo e entrevistando também outros pesquisadores que já produziram conhecimento sobre a base aérea ou as manifestações da Segunda Guerra Mundial em Igarapé-Açu.

Leitura de Cordel e resolução de atividade.

2ª etapa

Nas trilhas das memórias
São muitas as histórias
Que os igarapé-açuenses
Lembram de suas trajetórias
Desde sua formação como cidade
Até hoje as dedicatórias.

Da Maria Fumaça
Hoje Rota Turística Belém-Bragança
Da Base Aérea Americana
Sobrou apenas lembrança
Das feiras no entorno do Mercado Municipal
Um espaço cultural de festança.

A mais afastada do centro da cidade
E talvez a menos falada
São as ruínas da antiga Base Aérea
Hoje é uma terra tutelada
Do governo federal
Simplesmente abandonada.

No que ficou no lugar podemos enxergar
Que muita história ficou por lá
Sim, muitas delas esquecidas
E quem somente quem viveu, olhe lá
Poderia nos contar, como seu Júlio “Prego”
Deixou entrevistas realizadas de lá!

Igarapé-Açu foi escolhida
 Por sua atitude e localização
 Era preciso vistoriar o mar
 E combater o alemão
 Usavam o zepelim no ar
 E no chão a estação.

Esses registros são importantes
 Para nossa história no presente
 Estudar o passado faz a gente perceber
 E entender que dependente
 Dos fatos históricos e do tempo
 Cada povo tem seus patrimônios, felizmente!

Me despedindo desse cordel
 Deixo aqui meu apelo
 Você estudante não abandone
 Suas raízes e tenha zelo
 Visite e conheça as ruínas da Base
 Conheça sua história local, seja modelo!

Autoria:

Carla Tavares de Castro, professora da Seduc-Pa, mestranda do Programa de Pós- Graduação em Ensino de História. Desenvolveu a partir das pesquisas realizadas pelos seus alunos no ano de 2024 sobre a formação do município de Igarapé-Açu.

Arte de isopor gravura da professora Carla Tavares.



Atividade sobre o Cordel

1- Sobre a leitura do Cordel, responda:

- a) Com base na aula, no cordel e no vídeo exibido sobre a antiga Base Aérea Americana instalada no ano de 1943 no município de Igarapé-Açu, hoje essas terras são de fato valorizadas? Existe algum trabalho desenvolvido por lá? Comente.

- b) Qual o funcionário igarapé-açuense que participou ativamente naquele período?

- c) Podemos dizer que as ruínas da Base Aérea é um lugar de memória para o povo de Igarapé-Açu? Comente.

- d) Por que Igarapé-Açu foi uma cidade escolhida para construção dessa Base Aérea?

2- Pesquise em que outros lugares os norte-americanos construíram Bases Aéreas no Brasil nesta mesma época da Segunda Guerra mundial.

Material de apoio

3ª etapa.

Neste momento os alunos irão participar de uma aula passeio diferente, será feito um passeio ciclístico até a antiga Base Aérea de Igarapé-Açu.

Sobre passeio ciclístico, trouxe para você professor(a) uma entrevista com a Professora Ma. Oscarina Lima que já realiza o passeio ciclístico na escola onde trabalha e poderá incentivar a você essa prática de ensino. Vejamos como surgiu, o que podemos e como podemos trabalhar em um passeio ciclístico com nossos alunos



PROFESSORA OSCARINA ALVES DE LIMA

Mestra em Teologia pela Faculdades EST, área de concentração: Religião e Educação tendo como linha de atuação: Ética e Gestão. Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Pará (2014) e graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (2005). Atualmente trabalha como professora e especialista em Educação pela Secretaria Estadual de Educação - SEDUC – Pará.

1- Como Surgiu o projeto “Passeio Ciclístico” na escola “José Elias Emin?”

R- Surgiu a partir da minha paixão pois é algo que já faço, inclusive há três anos e eu trouxe esse projeto para a escola precisamente para comemorar o aniversário de fundação da escola e foi abraçado pela comunidade, tanto pelos alunos como servidores da Escola José Elias Emin. Agora já estamos na 3ª versão. Ano passado tivemos cerca de 100 participantes ciclistas. Então esse projeto surgiu por fazer da minha vida, uma ramificação daquilo que eu fazia fora do cenário escolar.

2- Quais contribuições do Passeio ciclístico para o ensino de história local?

R- As contribuições são inúmeras, mas no ensino de História Local traz a compreensão de que hoje o ciclismo é uma modalidade esportiva e ela está também atrelada a história de vida de muitos alunos nossos pois eles utilizam a bicicleta como ferramenta de locomoção. Então, entender de certa forma como eles vivem. Eu por exemplo, meu passado foi em cima de uma bike. Muitas vezes pedalei da minha casa, da área rural 30Km aproximadamente para chegar na cidade de Igarapé-Açu porque as vezes o transporte escolar não passava. Foram tempos difíceis, mas eu acredito que fez parte de toda minha evolução e sucesso para chegar hoje na minha profissão. A bike dentro do ensino de História é extremamente relevante porque a história de muitos alunos nossos estão associadas as bikes pois essa locomoção exige chegar até a escola, principalmente os alunos da área do campo.

3- O passeio ciclístico é voltado a que componentes curriculares além da História?

R- Na atualidade a Educação Ambiental porque a bike como meio de transporte traz uma redução de poluentes e consequentemente vai melhorar a vida social. E outros componentes como por exemplo Geografia que vem discutir uma dimensão espacial, a Biologia com as questões da flora e fauna. Na Educação Física, enquanto esporte que vai potencializar a saúde como a obesidade e a depressão. Na Matemática o aluno irá observar a quilometragem percorrida com a utilização de aplicativos como o “Strava”, na Língua Portuguesa podendo reproduzir um documentário, uma redação sobre o próprio passeio. Então vai depender de cada professor(a) deseja utilizar estratégias que engajem seus alunos para a realização desta atividade que é o passeio ciclístico.

4- Como é visto pela comunidade escolar, sobretudo pelos estudantes, o passeio ciclístico?

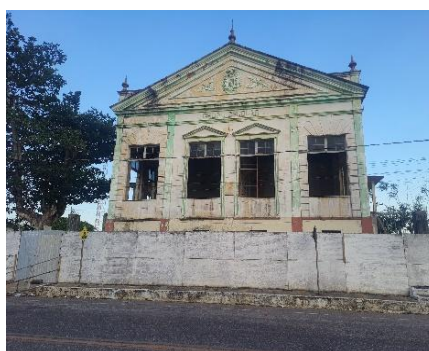
R- É visto como uma forma prazerosa e esperado. Um evento em que a comunidade escolar tem um carinho. Neste passeio percorremos aproximadamente 13Km num passeio considerado misto pelo fato de utilizarmos uma parte do percurso no asfalto e outra parte no chão batido, mostrando para os ciclistas a preservação ambiental, igarapés e etc. O passeio envolve toda a comunidade escolar como alunos, servidores, pais e até mesmo convidados.

5- Aqui em Igarapé-Açu, qual percurso você indicaria para os professores que desejam realizar um passeio ciclístico nas aulas de História e/ou para atividades interdisciplinares.



Fonte: Professora Oscarina Alves (2024).

Aqui a professora Oscarina Alves de Lima demonstra uma rota de um passeio ciclístico pela cidade de Igarapé-Açu tendo como ponto de partida e chegada a Escola José Elias Emin. Logo abaixo temos as fotografias dos lugares quem podemos visitar com o passeio ciclístico. Todas as fotos são de autoria da Professora Oscarina Alves. Saída da Escola, Mercado Velho, Sumaumeira, Base Aérea, Pau-Cheiroso, Igreja de São Sebastião, Escola Ângelo Cesarino e de volta à Escola Elias Emin.



Fotos : Oscarina Alves, 2024

Material de apoio

4ª etapa.

Entrevista concedida pelo Professor Me. Manoel Manito sobre Patrimônio Histórico e a antiga Base Aérea de Igarapé-Açu. Nesta entrevista o professor(a) terá um norte para dialogar com os alunos a respeito do que é patrimônio histórico.

1- O que é patrimônio histórico e como podemos trabalhar em sala de aula no ensino de História?

R- Patrimônio Histórico é toda construção humana material ou imaterial que tenha significado para a população atual. Então no tempo presente para que algo seja chamado de Patrimônio Histórico não basta que seja apenas pedra e cal antigos, mas que tenham um significado para um grupo do tempo presente. Patrimônio histórico são construções humanas deixadas pelas gerações anteriores, mas que são significadas pelas pessoas do tempo presente. Não basta que algo seja antigo, mas por exemplo uma caneta presidencial, algo deixado pela elite não será considerado patrimônio histórico para as classes pobres do presente então não é porque é antigo que será patrimônio histórico porque patrimônio histórico entender-se apropriação de algo que pertença a um grupo. No caso da Base Aérea ela é patrimônio histórico para as populações antigas do município de Igarapé-Açu. As novas gerações até 30 anos de idade pelas entrevistas que realizei, não entendem a Base Aérea de Igarapé-Açu como patrimônio histórico porque para essa população jovem eles não tem relação e memórias com este lugar. Eles passam por lá e só veem como um matagal desde criança, mas para a geração de 50 anos acima já se constitui patrimônio histórico porque eles entendem que ali eles construíram memória, eles iam com seus pais, foram atendidos por dentistas, por ventura passearam nas aeronaves da aeronáutica que vinham fazer treinamento. Como trabalhar em sala de aula, levantei a proposta de visita, de educação patrimonial e identidade. No caso da Base Aérea eu propus uma sequência didática que vinha assim, a partir do assunto Segunda Guerra Mundial no 9º ano na escola “Cônego Calado” em 2019, com seminários em equipes divididas em 2ª Guerra Mundial, Brasil na 2ª Guerra Mundial e outra equipe Igarapé-Açu na 2ª Guerra Mundial, já entrando na Base Aérea.



**PROFESSOR Me.
MANOEL DE JESUS
MANITO DE SOUZA**

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Pará (2007). Atualmente é professor - Secretária Estadual de Educação do Estado do Pará, sendo especialista em história contemporânea pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA) e Mestre no Ensino de História pela Universidade Federal do Pará.

2- O professor de História pode trabalhar com as ruínas da antiga Base Aérea de Igarapé-Açu? De que maneiras?

R- Sim. Minha segunda proposta foi uma visitação ao local da Base Aérea, mas temos outras maneiras como por exemplo entrevistas com autoridades em pesquisa de campo para que os alunos tenham mais domínio sobre esse tema.

3- A antiga Base Aérea de Igarapé-Açu contribui de forma para o ensino-aprendizagem em História?

R- Contribui muito e isso discuto em minha dissertação no sentido de mostrar nossa atuação histórica. Ela contribui no sentido de mostrar que existe uma história local, despertar para isso ela vai mostrar aos nossos estudantes que também somos agentes históricos. Vai mostrar também que Igarapé-Açu participou do maior evento histórico dos últimos tempos que foi a Segunda Guerra Mundial, que a cidade se preparou para a guerra, participou da guerra, mas a guerra não chegou aqui na sua fase mais dura, mas Igarapé-Açu se preparou para isso. Então ao meu ver o ensino de história utilizando a Base Aérea contribui até para um ensino decolonial no sentido de entender que nós também fazemos história.

4- No município de Igarapé-Açu a antiga Base Aérea pode ser considerada um patrimônio histórico? Como os alunos enxergam esse lugar de memória?

R- Para isto temos que responder a importante pergunta: patrimônio histórico para quem? Então sempre que se trata desse tema essa pergunta deve ser levantada e respondida. Quando classificamos algo como patrimônio histórico temos que ver para qual grupo? Preciso ter relação com esse elemento, por exemplo a Escola “Ângelo Cesarino” é patrimônio histórico? Se uma pessoa novata vem morar na cidade de Igarapé-Açu e nunca estudou nesta escola, passa pela frente só irá ver o aspecto de ruínas então não será patrimônio histórico apenas por ser antiga, centenária. Porém para alguém que é morador de Igarapé-Açu e estudou nesta escola, tem memória com a escola aí sim será patrimônio histórico. Já no caso da Base Aérea, os jovens hoje pela pesquisa que eu fiz, não entendem a Base Aérea de Igarapé-Açu como patrimônio histórico por que não se tem memórias afetivas com este lugar., inclusive para algumas pessoas este terreno poderia ser loteado para a população para fazer casas populares. Essa foi uma sugestão que surgiu. Já para os mais velhos que viram a Base Aérea funcionando ela é sim patrimônio histórico e afirmavam sentir dor de ver a Base neste estado, de ruínas, que deveria ser preservado. A população acaba tendo uma percepção rasa e até equivocada as vezes sobre o que é patrimônio histórico, porque para eles basta ser algo antigo.

Material de apoio

4ª etapa.

O professor(a) irá apresentar os vídeos explicativos e também contribuir com seu entendimento o que é Literatura de Cordel, sua feitura e a arte da xilogravura que será adaptada em sala de aula com o isopor. E em seguida pedir para os alunos escrevam seus cordéis.

Assistir:

<https://youtu.be/f1XrCCiqyhC>

<https://youtu.be/MyedINjXvw4>

Produção de Cordel

5ª etapa

Nesta última etapa cada aluno irá produzir seu cordel com o tem Igarapé-Açu e a 2ª Guerra Mundial e a sua arte de isopor gravura. Após a leitura dos cordéis e as apresentações das artes o professor(a) poderá atribuir médias aos alunos com a sugestão de avaliação logo abaixo.

Sugestão de Avaliação

Reflexão do tema estudado

Vamos refletir: qual relação o município de Igarapé-Açu teve com a 2ª Guerra Mundial? Observando a antiga Base Aérea que hoje se encontra em ruínas o que podemos dizer sobre patrimônio histórico deste lugar? Que histórias a Base Aérea nos ajuda a contar? Essas ruínas tem alguma importância hoje em dia para a cidade de Igarapé-Açu? Qual?

This image shows a single sheet of white paper with horizontal black lines, resembling notebook paper. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Gerando uma nota final:

Atividades realizadas	Pontuação (0,5 a 2,5)
Atividade sobre o Cordel	
Aula passeio	
Produção de Cordel e xilogravura	
Reflexão do tema estudado	

Observação:

0,5 a 1,0: O aluno participou, mas não refletiu e nem dialogou quando necessário.

1,5 a 2,5: O aluno participou ativamente de todas as etapas das atividades de forma reflexiva.

Notas

Sobre o Artista



Sílvio Rocha.

Sílvio Rocha da Silva é artista plástico, ilustrador e professor por formação. Brasileiro, nasceu no ano de 1982 no município de Guimarães no estado do Maranhão e desde os 6 meses de vida mora no município de Igarapé-Açu/PA. Neste trabalho dissertativo criou xilogravuras para a capa e para cada série/ano de acordo os temas locais. O artista domina as técnicas a óleo, acrílica, lápis de cor, pastel, pintura, mural e xilogravura e é amante à História de Igarapé-Açu.

Sobre Conjunto Carimbóra



Parte dos integrantes do Conjunto Carimbóra

O conjunto Carimbóra é um grupo de carimbó do município de Igarapé-Açu criado em 2019 a partir de uma oficina ministrada pelo Mestre Flávio Gama que tem por objetivo resgatar e valorizar o carimbó na região. O conjunto apresenta por meio de composições próprias a cultura, a história e as belezas naturais do município

Referências Bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. **Fontes Históricas – uma introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

DOMINGUES, Petrônio. **Introdução à História**/ -- São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe CESAD, 2007.

DURANS, Cláudia Alves. **Questão social e relações étnico-raciais no Brasil**. In. Revista Política Pública. São Luís, Número Especial, p. 392, julho de 2014. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/viewFile/2731/3930>. Acessado em: 09 out. 2024.

SOUZA, Manoel de Jesus Manito de. **O ensino de História em sons e imagens: patrimônio histórico-cultural, memórias e olhares do presente na produção de um documentário sobre a base aérea de Igarapé-Açu**. Orientador: Carlos Leandro da Silva Esteves. 2023. 194 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2021. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/15538>. Acesso em: 10/10/2024.

VIANA, Arievaldo Lima. **Acorda cordel na sala de aula**. 2ª ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

VON MARTIUS, Carl Friedrich Philipp. **Como se deve escrever a História do Brasil**. In: IHGB. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo Sexto. Vol. 6. Rio de Janeiro. 1844. pp. 381-382. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSsd1RLQmlTT2k3QmM/view. Acessado em: 09 out. 2024.

Sites

<https://escolamariahelena2020.blogspot.com/p/historia-7-ano.html>

<https://escolamariahelena2020.blogspot.com/p/historia-7-ano.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=fZQG8PIDNdw>

<https://www.youtube.com/watch?v=Tg9TUALJEyI>

<https://www.youtube.com/watch?v=VsudaEVS8GU>

<https://youtu.be/f1XrCCiqyhC>

<https://youtu.be/MyedINjXvw4>



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA